

**ŞÖREŞA ROJAVAYÊ:
REVOLUÇÃO, UMA
PALAVRA FEMININA**

Biblioteca Terra Livre

*Caixa Postal 195
São Paulo/SP
01031-970*

*bibliotecaterralivre@gmail.com
bibliotecaterralivre.noblogs.org
fb.com/bibliotecaterralivre*

Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo

*comitesolidariedadecurdasp@gmail.com
solidariedadecurdasp.milbaral.org
fb.com/solidariedadecurdasp*

Projeto Gráfico e Diagramação: Adriano Skoda

Tradução e Revisão: Anelise Paiva Csapo | Clayton Peron F. de Godoy | Eduardo Souza Cunha | Fábio T. Pitta | Guilherme Erdê | Rachel Pacheco | Rodrigo Rosa da Silva

Xilogravuras originalmente publicadas na REVISTA ROJAVA (*REVISTACOMANDO*).



copyleft

É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que esta nota seja incluída e a autoria seja citada.

SOLIDARIEDADE À
**RESISTÊNCIA
CURDA**
COMITÊ | SÃO PAULO

ŞORES A ROJAVAYÊ: REVOLUÇÃO, UMA PALAVRA FEMININA

..biblioteca..



TERRA LIVRE

Índice

7 - APRESENTAÇÃO

PARTE 1: PANORAMA GERAL

- 13 - O RIO DE UMA MONTANHA TEM MUITAS CURVAS: UMA
INTRODUÇÃO À REVOLUÇÃO DE ROJAVA
Strangers in a Tangled Wilderness
- 49 - UM BREVE HISTÓRIA DAS LUTAS CURDAS
Eliza Egret & Tom Anderson
- 69 - CRIMINALIZANDO NOSSO POVO: OS IMPACTOS SOCIAIS DO
BANIMENTO DO PKK
Dilar Dirik

PARTE 2: ESTRUTURA DA REVOLUÇÃO

- 77 - CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO: ORGANIZANDO UMA
SOCIEDADE SEM ESTADO
Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo
- 103 - PALAVRAS DE MULHERES REVOLUCIONÁRIAS
Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo
- 129 - AUTODEFESA COMO PRÁTICA REVOLUCIONÁRIA EM ROJAVA, OU
COMO DESFAZER O ESTADO
Nazan Üstündağ
- 147 - CONSENSO É A CHAVE: O NOVO SISTEMA DE JUSTIÇA DE ROJAVA
Ercan Ayboğa
- 155 - O SISTEMA EDUCATIVO EM ROJAVA
Uma entrevista com Dorşin Akif – por Derya Aydın

PARTE 3: ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA

165 - A ECONOMIA DE ROJAVA

Juan Jesús Duque Romero

171 - COOPERATIVAS DE MULHERES EM ROJAVA

Rahila Gupta

183 - UMA CRÍTICA À ECONOMIA EM ROJAVA

Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo

PARTE 4: PERSPECTIVAS

197 - O QUE PODEMOS APRENDER COM ROJAVA

Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo

205 - GLOSSÁRIO

215 - REFERÊNCIAS

Apresentação

Na língua curda, *Soreşa Rojavayê* significa *Revolução em Rojava*. É para tornar conhecida e dar visibilidade a essa dramática e louvável experiência antiestatista, anticapitalista e antipatriarcal - que declarou sua autonomia em 2012 - que a Biblioteca Terra Livre e o Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo uniram forças para trazer às mãos do leitor essa publicação.

Reunimos doze artigos, alguns inéditos em língua portuguesa, outros de próprio punho, a fim de poder compor uma visão abrangente da luta do povo curdo. Contudo, a proposta de abrangência não implica uma visão totalizante: pelo contrário, caminha juntamente com uma preferência pela diversidade e pela especificidade. A pretensão é a de proporcionar o conhecimento de várias dimensões que compõem a revolução de Rojava sem, todavia, esgotá-las.

Os artigos foram divididos em quatro seções, cada uma delas mesclando textos descritivos com textos analíticos. Na primeira, “Panorama geral”, o objetivo foi o de coligar textos que pudessem esclarecer o contexto histórico, geográfico e político em que se desenrola esse processo revolucionário. A segunda seção, intitulada “Estrutura da revolução”, agrupa artigos que abordam aspectos-chave da nova organização social proposta pelo povo curdo: confederalismo democrático, autonomia, autodefesa e protagonismo feminino. Na terceira seção, “Organização econômica”, estão presentes descrições e análises sobre a maneira como a população de Rojava está conduzindo a reconstrução das bases econômicas da sociedade de maneira autogerida e ecologicamente sustentável.

Finalmente, a última seção “Perspectivas”, composta por um artigo do Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo, resgata os inúmeros aprendizados que podemos ter com a luta dessas companheiras e companheiros do Oriente. Ao final, encontra-se um glossário de siglas e termos, expediente necessário para que o leitor compreenda alguns dos termos e atores que não nos são familiares, efeito da educação eurocêntrica e da perspectiva midiática ocidentalizadora a que muitas vezes nos encontramos submetidos em nossa formação escolar e social.

Apesar da estrutura do livro partir de uma visão panorâmica em direção a aspectos mais específicos, as seções e artigos podem ser lidos de maneira independente, conforme o interesse imediato do leitor. O fio vermelho que os ata, não como um bloco coeso, mas como um colar de contas, deriva da prática concreta das revolucionárias e dos revolucionários desse território, simultaneamente tão antigo em suas aspirações e tão novo em suas realizações. Essa prática encontra-se nas soluções de autonomia contra o estatismo, o capitalismo e o patriarcalismo. Podem ser visualizadas não somente na organização política e econômica da vida social, tradicionais redutos de análises e descrições das iniciativas históricas que compartilham com a revolução de Rojava a ambição por um outro mundo, mas também em setores tão sensíveis e sujeitos a tentações burocráticas, tais como a organização da educação, da justiça e da segurança.

Nem tudo é acerto, evidentemente. Mas mesmo os erros devem ser compreendidos em toda sua pureza da intenção de quem quer acertar, querendo dar um fim ao sem sentido da brutalidade cotidiana da qual todos somos vítimas, em maior ou menor grau. Talvez esses erros possam ser vistos como tais somente aos olhos de quem está aqui, confortavelmente distante e a salvo da fúria assassina dos inimigos dessa revolução. Mas há que se ter muito respeito a essa luta levada a cabo por mulheres e por homens, simultaneamente contra quatro Estados-nacionais, um grupo religioso extremista e o assédio de grandes corporações internacionais.

Şoreşa Rojavayê: Revolução, uma palavra feminina. Com esse título, queremos prestar nossa homenagem às combatentes

curdas, já que seu protagonismo na luta contra o patriarcalismo constitui o mais sensacional passo na articulação completa para a superação antiestatal de todas as iniquidades sociais: de gênero, étnica e de classe.

Mais não será dito nessa apresentação, pois consideramos que as vozes trazidas pelos artigos falarão mais eloquentemente.

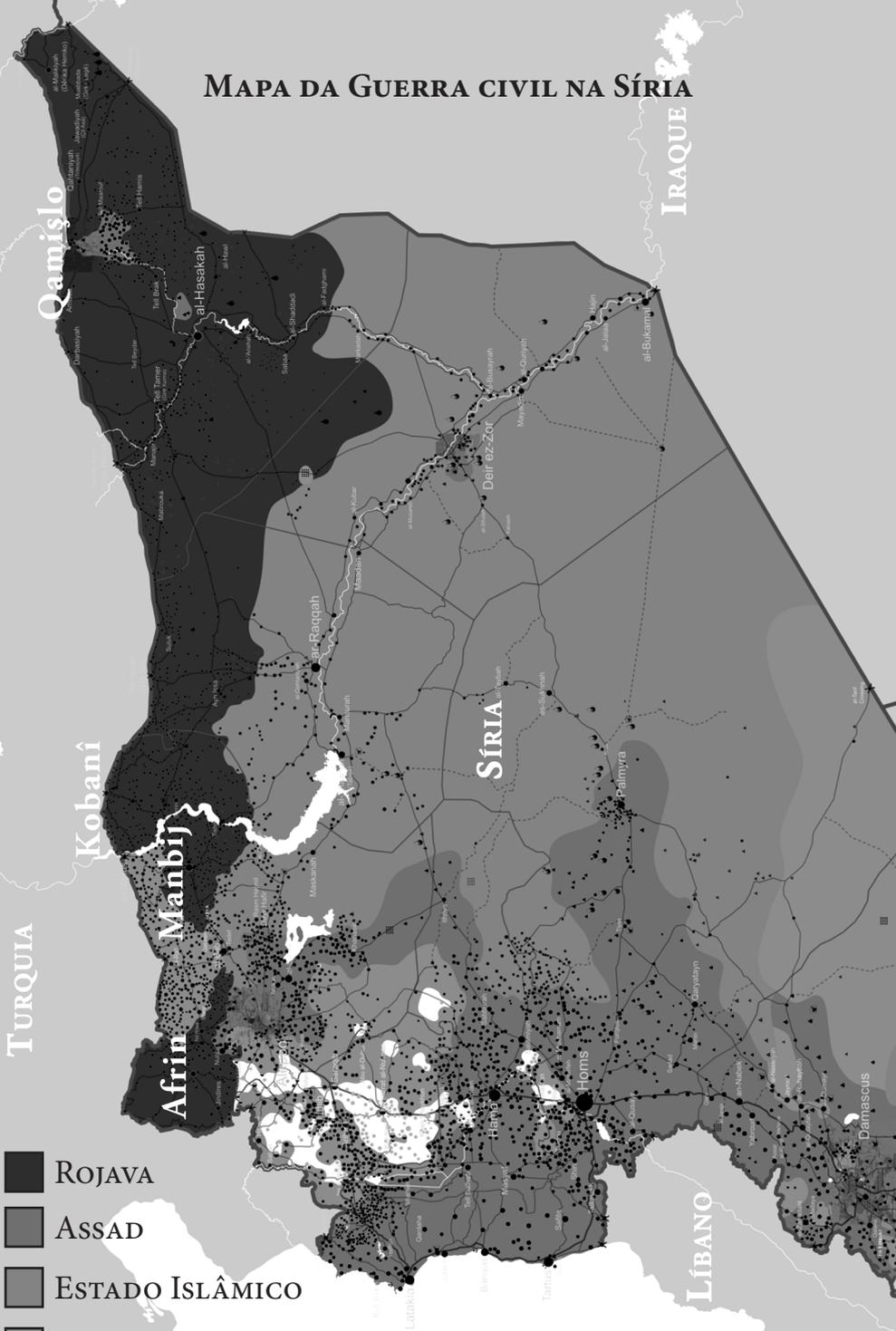
Biblioteca Terra Livre
Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo
Outubro de 2016.

PARTE I:
PANORAMA GERAL





MAPA DA GUERRA CIVIL NA SÍRIA



- ROJAVA
- ASSAD
- ESTADO ISLÂMICO
- REBELDES

Atualizado em 28 de novembro de 2016
Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Syrian_Civil_War#/

O rio de uma montanha tem muitas curvas: uma introdução à revolução de Rojava

STRANGERS IN A TANGLED WILDERNESS

É uma tarefa praticamente impossível traçar as curvas e os afluentes de um dos movimentos de resistência contemporâneo mais longos do mundo – a luta de 150 anos que se estende desde o domínio do Império Otomano até as sangrentas guerras civis de hoje na Síria e no Iraque. Livros poderiam e são escritos sobre a história, resistência e esperança pela liberdade de mais de 25 milhões de curdos dispersos por quatro Estados ferozes e opressivos. Este pequeno volume não abrange toda complexidade da história deste povo e sua longa luta, também não é um ensaio acerca da geopolítica maquiavélica que oprimiu dezenas de milhões de pessoas por gerações. Este livro é uma ponte entre nós, radicais do Ocidente – que nos tornamos cínicos à ideia de que qualquer coisa realmente pode mudar – e aqueles que ousaram uma experiência de liberdade em uma das partes mais perigosas do mundo, contra inimigos tão absurdamente repressivos e selvagens que parecem ter vindo de um roteiro de Hollywood¹. Precisamos de algum contexto para de fato compreender as palavras e as ideias dos rebeldes de Rojava, senão podemos facilmente ser seduzidos por um excesso de simplificações e distorções – como as alegações de que a luta em Rojava é uma repetição da Revolução Espanhola ou que é uma atualização mais refinada da luta de libertação nacional de inspiração maoísta. Esses equívocos não são cometidos apenas pelos radicais - até o governo dos EUA parece confuso, pois o departamento de defesa ao mesmo tempo que coloca vários grupos de

1 Referência ao livro *A Small Key Can Open A Large Door* (N.T.).

Rojava na lista de vigilância ao terrorismo, apoia e faz alianças com combatentes curdos.

Com tanta desinformação e confusão sobre esta luta pouco compreendida, é muito fácil para os radicais simplesmente a ignorarem, afirmando que não há muito o que podemos saber e entender. No mundo de hoje, de controle sufocante por parte do Estado e domínio das grandes empresas, seria um erro e uma falta de solidariedade ignorar as lutas nessa obscura região do norte da Síria agora chamada Rojava². Para inspirar nosso trabalho, precisamos escutar aqueles que constroem frágeis e imperfeitos oásis de liberdade. As pessoas que arriscam suas vidas nos escombros de Kobanî precisam do nosso apoio não somente por resistirem aos assassinos reacionários e fanáticos que querem matar cada um deles, mas também na tentativa de criar uma sociedade sem Estado baseada nos ideais de liberdade e igualdade.

Os curdos são um grupo etnicamente não-árabe no Oriente Médio. Deste grupo, 28 milhões moram na região conhecida como Curdistão, que abrange áreas da Síria, Turquia, Irã e Iraque. Pela etnicidade e pela língua, o povo curdo está mais próximo dos persas do que de outros povos da região. Nos tempos antigos, as cidades-estado curdas foram conquistadas e subjugadas por invasores persas, romanos e árabes. Todos esses conquistadores lutaram para subjugar os curdos, muitas vezes comentando sobre sua “demanda obstinada de autonomia” (nas palavras de Xenofonte). Até o momento da ascensão do Império Otomano por volta de 1500, os curdos tinham garantido

2 “Rojava” é uma palavra que significa tanto “Oeste” quanto “Pôr do Sol” em curdo. Está situada no norte da Síria e no oeste do Curdistão. A região se prolonga por 2.312 km² (um pouco maior que a Ilha de Rodes) com mais de 380 cidades e vilas. No início da Guerra Civil Síria, Rojava abrigava mais ou menos 3,5 milhões de pessoas. Agora, residem um pouco mais de 2,5 milhões (aproximadamente o dobro da população da Ilha de Rodes). Cerca de um milhão de pessoas fugiram, muitas para campos de refugiados na Turquia e no Iraque. A cidade mais populosa de Rojava é Qamişlo, (localizada no Cantão de Cizîrê), com mais de 400 mil pessoas.

uma certa autonomia através de uma série de principados independentes que se estendiam desde a Síria até o Iraque. Os otomanos não fizeram intervenções por boa parte do tempo até o século XIX, quando ocorreram várias batalhas sangrentas para assegurar a manutenção da independência destas áreas em relação a Constantinopla. A primeira grande revolta curda, a Badr Khan Beg, ocorreu em 1847. Os otomanos a reprimiram, assim como fizeram com as revoltas subsequentes, mas a demanda pela independência curda se manteve pelo resto do século.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, o partido da monarquia constitucional da Turquia, os “Jovens Turcos”, começou uma sistemática limpeza étnica contra os curdos, e de forma mais acentuada, contra os armênios. De 1916 a 1918, os “Jovens Turcos” deportaram 700.000 curdos e mais da metade deles morreu durante este processo brutal. Em 10 de agosto de 1920, após o fim da Primeira Guerra Mundial, os derrotados otomanos tiveram que assinar o Tratado de Sèvres. O tratado dividiu o Império Otomano, que na época ganhou o apelido de “o homem doente do Bósforo”, em diversos estados independentes não-turcos, incluindo um Curdistão independente. Mas em 1922 o movimento nacional turco, liderado por Mustafa Kemal Atatürk, um oficial militar e nacionalista convicto, venceu a Guerra de Independência e aboliu o sultanato. Esta mudança drástica de regimes forçou a Inglaterra e outras potências aliadas a renegociar os termos do tratado com o incipiente Estado nacionalista da Turquia. O Tratado de Sèvres foi abolido e um novo tratado, o de Lausanne, foi assinado por Atatürk e seu congresso nacionalista em 24 de julho de 1923. O Tratado de Lausanne devolveu o Curdistão à Turquia, sem reconhecer a existência dos curdos. No mesmo ano, Atatürk decretou 65 leis com o objetivo de destruir a identidade dos curdos: os renomeou de “turcos da montanha”; proibiu o uso público da língua curda; transformou as celebrações curdas em ilegais; mudou os nomes curdos dados a ruas, vilas, negócios, etc. para nomes turcos; confiscou grandes extensões de terras comunais curdas; apreendeu fundos comunitários curdos; eliminou todos os partidos políticos e

organizações de origem curda ou simpáticos à causa curda; e assim por diante. Os breves anos de esperança que se seguiram ao Tratado de Sèvres se transformaram em muitas décadas de brutal repressão estatal.

Iraque, Irã e Síria, três países em que há uma considerável população curda, também buscaram manter os curdos subjugados. O fim da Primeira Guerra Mundial simplesmente representou a mudança da opressão do Império Otomano para uma opressão mais sistemática de quatro Estados-nação autoritários, todos eles criados ou militarmente apoiados pelos vencedores da Primeira Guerra Mundial como seus protetorados.

Na atual região da Síria foi criada uma Ocupação Colonial Francesa após a desintegração do Império Otomano. No momento da assinatura do Tratado de Lausanne, 18% das pessoas que viviam no Mandato Francês se identificavam como curdas, sendo a maior das minorias na colônia. Após uma série de rebeliões fracassadas dos sírios árabes, os franceses adotaram uma estratégia de “dividir para conquistar”. Eles encheram seus exércitos coloniais de curdos, cristãos, drusos e outras minorias étnicas e deram poderes significativos para as lideranças das tribos regionais curdas. Quando a Síria obteve sua independência da França em 1946, rapidamente atacou seus “inimigos internos”. Aproximadamente 200.000 curdos tiveram seus documentos de identidade retirados e foram declarados apátridas, permitindo que a nova República Síria se apropria-se das suas terras e das suas propriedades e os recrutasse para o trabalho forçado. A nova república de governo árabe mudou todos os nomes das cidades curdas e reassentou os beduínos árabes nas cidades e vilas curdas para servirem como policiais. Nas primeiras décadas após a independência, organizações e costumes curdos eram proibidos e milhares de líderes políticos e tribais foram presos. Em 1973, oficiais sírios decidiram criar um cinturão árabe ao longo da fronteira com a Turquia e desalojaram cerca de 150.000 curdos sem dar nenhum tipo de compensação. As décadas de 1980 e de 1990 viram desencadear frequentes demandas dos curdos para o reconhecimento da sua cultura e dos seus direitos civis, as quais muitas vezes foram respondidas com

intervenções mortais da polícia síria ou, em alguns casos, do exército. Apesar da negligência e abuso sistemático dos curdos dentro de suas próprias fronteiras, a Síria tornou-se uma importante base de treinamento e refúgio para o PKK turco - uma organização marxista-leninista dedicada a garantir os direitos para os curdos na Turquia - até a década de 1990. A Síria estava praticando um jogo de “o inimigo do meu inimigo é meu amigo” contra a Turquia, uma política que preparou o palco para os eventos atuais de Rojava.

No Iraque, a situação dos curdos foi igualmente cruel, embora nesse caso os britânicos tenham sido os principais arquitetos de seu sofrimento, pois o Estado moderno do Iraque foi criado como um resultado do Acordo de Sykes-Picot³ da Primeira Guerra Mundial. O Tratado de Lausanne efetivamente alimentou as esperanças dos curdos pela independência no norte do Iraque e, por isso, os curdos iniciaram uma prolongada campanha de luta armada contra os novos superintendentes britânicos. Na repressão, os britânicos fizeram bombardeios aéreos e incendiaram vilas para esmagar as revoltas no nordeste do Iraque. Após suprimirem três revoltas fracassadas, embora muito sangrentas, os britânicos formalmente transferiram o controle do Curdistão Iraquiano para o recém formado Reino do Iraque, que funcionou como uma marionete nas mãos dos britânicos até a série de golpes militares que levaram o partido Ba'ath ao poder em 1968. Os curdos seguiram lutando, militarmente e politicamente, contra os vários regimes militares iraquianos. Em 1946, eles primeiro formaram o Partido Democrático Curdo e depois, em 1975, a União Patriótica do Curdistão. Finalmente, encontrando-se em uma desconfortável trégua com o partido Ba'ath no início dos anos 70, os curdos iraquianos experimentaram uma relativa calma nos breves anos antes da ascensão de Saddam Hussein ao

3 Referência ao acordo, feito de maneira secreta em 1916, entre o diplomata britânico Mark Sykes e o diplomata francês Georges-Picot. No acordo, França e Inglaterra fizeram uma partilha dos territórios árabes somente entre si, já prevendo a derrocada do Império Otomano (N.T.).

poder, em 1979. Quase imediatamente, Saddam iniciou uma guerra de quase uma década contra o Irã, período em que ele dedicou uma particular brutalidade contra os curdos iraquianos, pois acreditava que eles não eram suficientemente iraquianos e apoiavam secretamente o Irã. Somente durante a campanha de al-Anfal, de 1986 a 1989, entre 100.000 e 200.000 civis curdos foram massacrados com armas químicas e em campos de concentração. A guerra entre Irã e Iraque terminou em um empate, porém o Iraque não se manteve longe de um conflito por muito tempo; ele foi invadido pelos EUA e pela OTAN, primeiro em 1990 e depois novamente em 2003. Os curdos aproveitaram estes dois conflitos para tirar o máximo proveito possível, levando à criação do Governo Regional do Curdistão (KRG) em 1991 e na sua independência *de jure*⁴ em 2005.

No Irã, os sonhos curdos de autonomia, que já passaram por gerações de opressões persas e otomanas, começaram antes da Primeira Guerra Mundial, durante a Revolução Constitucional do Irã de 1906. Esta constituição garantia diversos direitos mas não mencionava explicitamente os curdos como uma etnia, portanto não havia direitos específicos para proteger os curdos e sua cultura. Entre 1906 e 1925, os curdos criaram uma série de organizações civis e políticas poderosas para assegurar seus direitos e seu desenvolvimento no Irã. Em 1924, havia diversos jornais curdos, três estações de rádio e cerca de meia dúzia de partidos políticos. Em 1925, após o petróleo ser descoberto na região, o Xá tomou o poder com apoio do Ocidente (leia-se EUA e Reino Unido). Apesar do Xá adotar retoricamente a constituição de 1906, ele iniciou uma campanha de “persianificação”, reprimindo diversas minorias do Irã, como os curdos. Para esse povo, isto resultou em deslocamento forçado, desaparecimento de lideranças civis e políticas, proibição da língua e da cultura

4 A expressão “*de jure*” é utilizada pela linguagem jurídica para designar aquilo que está na lei, contrastando com a expressão “*de facto*”, que significa aquilo que está na prática. Para o direito internacional, uma independência *de jure* é quando uma região tem autonomia política em relação a determinado Estado, porém ainda faz parte de seus territórios (N.T.).

curda e ocupação militar em regiões curdas. A Revolução Iraniana de 1979, na qual a oposição liderada por Khomeini derrubou o regime despótico do Xá, não resultou em uma melhoria de vida para os curdos. O novo regime fundamentalista acelerou o processo de nacionalização com leis e ações contra os curdos e sua cultura. Uma das primeiras ações do novo regime foi lançar uma série de ofensivas militares contra as regiões ocupadas pelos curdos no norte do país. Após seis longos anos sangrentos, o Irã conseguiu acabar com a autonomia e a resistência curda na região. No início dos anos 2000 um novo grupo de resistência, o PJAK que mantém relações estreitas com o PKK, iniciou uma campanha militar contra o Estado iraniano, resultando em uma nova onda de ataques às vilas curdas. Nesta época, o Irã acrescentou o assassinato de curdos no exílio como um novo mecanismo em seu repertório de repressão. Os EUA e a Europa se mantiveram praticamente em silêncio durante a repressão aos curdos, focando seus apoios aos reformistas iranianos ao invés dos independentistas curdos, sobretudo em respeito à aliada Turquia. Enquanto isso, a Turquia compartilha sua agência de inteligência (e, possivelmente, se une em operações militares) com o Irã, que age de modo recíproco, para minar a resistência curda.

A repressão contra o povo curdo nos quatro Estados-nação da Turquia, Síria, Iraque e Irã levou a um padrão quase idêntico que envolveu deportações em massa, manter práticas e expressões culturais na clandestinidade, proibição da língua curda, ataques a organizações políticas e civis e, finalmente, a crescentes ações militares que assassinaram dezenas de milhares de curdos e ao bombardeio ou ao incêndio de vilas que caíram no esquecimento. A resposta do Ocidente a estas atrocidades também seguiu o padrão familiar de silêncio diplomático e indiferença geral, complementado com alianças periódicas com grupos curdos, sem qualquer prosseguimento e terminando com a identificação de qualquer resistência armada dos curdos como terrorismo. O Ocidente tem interesse em permitir que esse mesmo processo continue, usando os curdos vez ou outra como bode expiatório em alianças e manipulações regionais, em uma rede com uma complexidade cada vez maior.

Em 1978, em uma casa de chá em Istambul, um novo capítulo da resistência curda começou com a fundação do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). O PKK foi o primeiro grupo militante da resistência curda a defender explicitamente a ideologia marxista. Propunham um Curdistão comunista e sua criação foi um reflexo da onda de revoltas operárias e de estudantes da esquerda radical que se iniciou naquele ano na Turquia. Imediatamente após sua fundação, o PKK conduziu uma série de assassinatos de pessoas do alto escalão e de atentados no Sul da Turquia, além de uma unidade de recrutamento muito bem sucedida. Parte do segredo do sucesso do PKK em recrutar militantes foi ter um líder carismático, Abdullah Öcalan - também conhecido como Apo - e a ênfase do partido em recrutar não somente homens, mas também mulheres. Em 1980, houve outro golpe militar na Turquia, com o objetivo de restaurar a ordem no Estado. Neste ano, muitas lideranças do PKK foram presas e a maioria do comitê central foi obrigada a se exilar na Síria ou na Europa Ocidental. O exército turco foi capaz de frustrar muitas ações do PKK e pressioná-lo em seus redutos e em suas bases de treinamento no sudeste. O PKK encontrou-se em dificuldades para agir na Turquia e começou a organizar seus primeiros atentados na Europa. O PKK também estabeleceu parcerias com outros grupos radicais marxistas como a Organização de Libertação da Palestina (OLP), a Liga Comunista do Irã e o ASALA, o grupo marxista guerrilheiro da Armênia. Estes grupos tinham mais ligações e um acesso melhor a recursos do que o relativamente novo PKK no exílio.

Com o comitê central do PKK disperso e suas bases de treinamento fechadas na Turquia, uma estrutura mais descentralizada começou a surgir. Bases de treinamento foram criadas e operações foram realizadas em vários países, da Europa (Bélgica e Alemanha) e do Oriente Médio (sobretudo Iraque e Síria). Em 1984, depois do governo civil ser restaurado na Turquia e alguns prisioneiros políticos serem soltos, o PKK conseguiu novamente reconstruir sua presença militante na Turquia. O PKK iniciou uma guerra de guerrilha, principalmente no sul da Turquia e ocasionalmente também em regiões do norte, como na cidade

de Istambul. Eles empregavam uma variedade de táticas incluindo sequestros, sabotagem industrial, assassinatos de policiais e de oficiais militares, e atentados a bombas, além de fornecer serviços sociais e eventos culturais para as comunidades reprimidas dos curdos no sul. O novo governo civil turco respondeu com punições coletivas a vilas inteiras, ocupação militar nas regiões curdas e uma série de leis draconianas contra o PKK e seus supostos apoiadores curdos. Dezenas de milhares de pessoas na Turquia, incluindo um grande número de civis (90% deles curdos) perderam suas vidas nestes conflitos, que duraram até o cessar-fogo declarado em 2013⁵.

A Turquia sempre considerou o PKK como uma organização terrorista, tornando isso oficial em 1979. A OTAN, na qual a Turquia é membro fundamental desde 1952, colocou o PKK e suas organizações-irmãs na lista de grupos terroristas em 2003, após uma forte pressão da Turquia nos anos 90. Um ano antes, a União Europeia e os EUA também acrescentaram o PKK nas suas respectivas listas, nas quais está mantido até os dias de hoje. Uma série de países do Ocidente com estreitas ligações econômicas e políticas com a Turquia utilizam a designação “terrorista” para perseguir o PKK, apreendendo seus bens, deportando seus apoiadores, fechando estações de transmissão de rádio e satélite simpáticas ao PKK e fornecendo bilhões para a Turquia em sua “guerra contra o terrorismo”. A Turquia também aproveita este rótulo de “terrorista” para combater as críticas que têm recebido por abusos de direitos humanos e uma série de condenações de tribunais internacionais contra o tratamento que é dado aos curdos. Hoje a Turquia tem mais de uma centena de organizações curdas em sua lista de terroristas, mas se recusa a colocar o ISIS⁶

5 Embora fosse uma realidade no momento de elaboração desse texto por seus autores, atualmente o cessar-fogo não se encontra mais em vigência (N.T.).

6 Até 2014, o grupo foi conhecido internacionalmente como Islamic State of Iraq and Levant (ISIL) ou Islamic State of Iraq and Syria (ISIS). Ao adotarem o projeto político de um califado global, mudaram o nome para apenas Islamic State (IS), mas organizações ociden-

nessa mesma lista. É claro que a Turquia está menos interessada em travar uma guerra contra o terrorismo do que uma guerra contra o povo curdo.

O Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS) declarou-se como o único Califado Islâmico legítimo no meio de 2014, nomeando-se a partir de então somente como Estado Islâmico (IS). O ISIS tomou grandes faixas de território no leste da Síria e no oeste do Iraque, e é agora o grupo jihadista mais bem financiado e armado do mundo. O ISIS funciona com uma fome diária por atrocidades que não era vista até então na região, revivendo práticas de estupros coletivos, escravidão sexual e crucificação, e anunciam alegremente políticas de limpeza étnica e genocídios. A Turquia e outras grandes potências regionais têm sido cautelosas em confrontar diretamente o ISIS, preferindo transformar a ameaça de tal grupo em capital político e concessões das potências mundiais.

Apesar da sua atual ascensão meteórica, o ISIS não estourou em uma simples blitzkrieg da ideologia sunita puritana e linha-dura - ele vem construindo suas forças desde a invasão americana do Iraque, em 2003. Anteriormente um ramo da Al-Qaeda no Iraque, o ISIS ganhou uma grande experiência militar lutando contra as forças da OTAN em Fallujah durante os primeiros anos da coalizão de ocupação do Iraque, até que se separou da Al-Qaeda e se rebatizou como Estado Islâmico do Iraque. Deixando essa recharacterização profética de lado, o Estado Islâmico do Iraque construiu sua força formidável no Iraque do meio para o final da década de 2000, antes de deslocar seu foco para a crescente agitação e caos da Guerra Civil Síria. O ISIS considera que aqueles que tenham qualquer outra crença que não seja seu modelo de islamismo sunita são infieis que merecem a morte, e tem um prazer especial em executar muçulmanos xiitas e outras minorias, como os Yazidis e os curdos - ambos os quais estariam entre os poucos grupos que se levantaram contra sua orgia de violência e carnificina.

tais como a ONU se recusam a chamar o grupo por este novo nome. Grupos rivais também chamam o grupo de Daesh. No Brasil o mais comum é encontrarmos Estado Islâmico (EI) (N.T.).

O GRANDE JOGO: AS POTÊNCIAS MUNDIAIS E OS CURDOS

A questão curda nunca foi um caso estritamente regional. Desde antes da Primeira Guerra Mundial até os dias de hoje, as potências que se estendem por todo o globo - da Austrália à América - estiveram envolvidas no assunto. Do Iraque até o Egito, os curdos têm sido usados como peões para alavancar a posição das potências na região. Assim como em um jogo de xadrez, o peão curdo é frequentemente sacrificado para se ter uma posição melhor no tabuleiro. Por várias vezes, as potências estrangeiras intervieram por um breve período, incentivando revoltas curdas somente para ter apoio estratégico e, assim que não precisaram mais desse apoio, abandonaram os curdos à sua própria sorte. Em algumas situações, as potências mundiais apoiaram uma revolta curda enquanto simultaneamente apoiavam a repressão de um outro regime contra vilas curdas a poucos quilômetros de distância do outro lado da fronteira. A autonomia curda tem sido usada como uma ferramenta utilitária e dispensável para atender às demandas de outros países, desde a reorganização da região após a Primeira Guerra Mundial até a Nova Ordem Mundial de George H. W. Bush⁷, passando também por outros interesses externos, como a ascensão do poder soviético durante a Guerra Fria e a difusão do Nasserismo⁸. A autonomia curda tem sido sempre um meio, nunca um fim em si mesma, para os diversos estados que se envolveram nessa questão ao longo dos anos. Devido à sua posição precária, os curdos têm acreditado ingenuamente, década após década, que as potências mundiais realmente se preocupam com a sua causa,

7 George H. W. Bush, também conhecido como “George Bush Pai”, foi presidente dos Estados Unidos de 1989 a 1993. Seu filho, George W. Bush, também foi presidente do país, de 2001 a 2009 (N.T.).

8 Ideologia política formulada pelo presidente egípcio Gamal Abdel Nasser. Teve grande importância no desenvolvimento dos movimentos nacionalistas árabes das décadas de 1950 e de 1960 (N.T.).

enquanto eles são manipulados por quem no momento está em vantagem geopolítica.

A diplomacia da União Soviética (1917-1991) se caracterizou por sobrepujar tanto os 450.000 curdos que residiam dentro de suas fronteiras quanto os curdos do Curdistão. Nos primeiros anos de União Soviética os curdos, assim como muitos outros grupos minoritários, foram desalojados de seu território e uma seção governamental especial foi criada na região para monitorar este processo. Esta seção foi reestruturada diversas vezes e finalmente foi extinta em 1930, quando o governo stalinista passou a reecer que estava tornando-se simpático demais aos curdos. Sob Stalin, dezenas de milhares de curdos foram deportados para o Azerbaijão, Armênia e Cazaquistão, enquanto os curdos na Geórgia eram vítimas de expurgos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Durante a década de 1960, várias medidas foram tomadas pelo regime soviético para marginalizar e oprimir a população curda. Nos anos de 1980, o PKK - único partido político curdo com membros na URSS - começou a colaborar com os curdos que viviam na região da Transcaucásia e efetuou sérias investidas na população local. Em 1986, o desarmado PKK deu suporte para organizações formadas na URSS, embora fosse tecnicamente ilegal. De acordo com a imprensa turca, havia grupos do PKK no Cazaquistão até 2004.

Durante a maior parte do tempo a União Soviética, e depois a Federação Russa, não se envolveu diretamente na independência dos curdos desde a década de 1940, quando apoiaram a criação de um estado autônomo curdo⁹ no Irã. Apesar do PKK ter tido as raízes comunistas nos seus primeiros anos, a União Soviética nunca lhe deu apoio por causa das relações da URSS com a Síria e a Turquia. Hoje em dia a Federação Russa é relutante em apoiar a independência curda no Curdistão,

9 Menção à República de Mahabad que foi proclamada em 1946, apoiada pelos soviéticos durante a invasão dos Aliados no Irã ainda em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Foi extinta no mesmo ano quando os soviéticos foram pressionados a sair do Irã pelos outros Aliados. Em seguida, os líderes da República foram executados (N.T.).

com temor da reação das minorias étnicas que vivem na Rússia, como os próprios curdos russos. Em vários momentos o PKK teve suporte para bases de treinamento, armas, recursos e abrigo para exílio em outros regimes comunistas, como Cuba, Angola, Vietnã, mas nenhum desses países quis apoiar diretamente, sem o apoio da URSS, seus companheiros comunistas em uma área muito complicada geopoliticamente. Alguns países socialistas apresentaram resoluções na ONU e a maioria dos países da órbita soviética votaram medidas em apoio à autonomia curda no Curdistão. A Rússia, junto com a China - país-membro do Conselho de Segurança da ONU -, também refutou designar o PKK ou quaisquer outros grupos políticos curdos como organizações terrorista.

As potências ocidentais e organizações como a OTAN estiveram envolvidas, de um modo ou de outro, na questão curda desde o início do século XIX, nos princípios do movimento pela autonomia curda. As diplomacias inglesa e francesa se utilizaram de vários curdos e dos seus sonhos de autonomia para assegurar seus governos coloniais no Oriente Médio. Durante algumas crises, como por exemplo as que se sucederam após a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, diplomatas ficaram em um vaivém entre Paris ou Londres e as vilas curdas, oferecendo uma pequena ajuda e vagas promessas de apoio no caso dos curdos participarem das suas maquinações políticas. As potências europeias não se limitaram a agir no território curdo, mas também se utilizaram do seu próprio país para envolver-se na questão curda. Países como Alemanha, Bélgica e Holanda por certo tempo permitiram que bases de treinamento de militantes curdos operassem em seus territórios, mas as invadiram e as fecharam ao sabor dos ventos geopolíticos da ocasião. A Grécia apoiou os curdos na Turquia e concedeu asilo político a oficiais do PKK em retaliação à invasão da Turquia no Chipre em 1974, mas após entrar em acordo com os turcos, a Grécia expulsou os militantes do PKK e interrompeu qualquer tipo de ajuda. A França também tentou usar os curdos para retardar a independência da Argélia; apesar do fato de não haver curdos no país, tentou convencer-lhes oferecendo parte do território argelino, que até então era possessão colonial francesa.

Os EUA atrasaram-se para o espetáculo de manipulação do desejo de liberdade dos curdos. Durante a maior parte da Guerra Fria, os EUA apoiaram o regime do Xá do Irã e seus agentes da CIA estiveram envolvidos ao mesmo tempo no apoio à repressão aos curdos feita pelo Irã e às revoltas curdas contra o Estado iraquiano. Durante a primeira Guerra do Golfo, quando o Iraque invadiu o emirado do Kuwait, rico em petróleo, em agosto de 1990, Saddam Hussein se tornou o inimigo número um dos EUA. De 1987 até a invasão, os estadunidenses não disseram uma palavra sobre o regime de Hussein. Nestes anos, os EUA apoiaram o Iraque na ONU, quando Saddam Hussein matou dezenas de milhares de curdos com gás mostarda e bombardeando cidades e vilas inteiras. Porém quando começou a primeira Guerra do Golfo, George H. W. Bush declarou que os curdos eram “aliados naturais dos EUA” e sugeriu que se revoltassem contra o regime de Bagdá. Obviamente, Bush Pai sabia que os curdos já haviam enfrentado o regime Ba’ath em uma sangrenta e intermitente guerra civil de quinze anos¹⁰.

Após a guerra, os EUA implantaram uma ineficaz zona de restrição aérea - o que aparentemente não incluía helicópteros - para “proteger os curdos”. Milhares de curdos e outros civis no norte do Iraque foram assassinados pelo exército de Hussein enquanto as forças aéreas dos EUA sobrevoavam, sem interferir em nada. Durante a segunda Guerra do Golfo, os EUA novamente pediram aos *peshmergas* apoio contra o regime Baath. Nesta época, os curdos decidiram cuidar eles mesmos da segurança do norte do Iraque, criando um exército capaz de assegurar a autodefesa - eles aprenderam esta lição na primeira Guerra do Golfo. Hoje em dia, o Governo Regional do Curdistão (KRG) existe não por causa da proteção dada pelos EUA, mas porque eles receberam os auxílios e os recursos do EUA e da coalizão e

10 Referência ao Partido Ba’ath, que defendia a união dos árabes sob um único Estado. Os alicerces da sua ideologia são o nacionalismo, o socialismo, o pan-arabismo e o anti-imperialismo. O Partido Ba’ath tornou-se mais conhecido internacionalmente com o regime de Saddam Hussein, no Iraque (N.T.).

os utilizaram para preparar sua própria defesa. O KRG também traçou e seguiu sua própria estratégia diplomática com o incipiente e faccioso Congresso Nacional Iraquiano¹¹.

Muitos outros países, de China a Austrália, interferiram na questão curda, contribuindo para frustrar o sonho curdo de liberdade através de um Curdistão unido. Hoje, quase todos os países ocidentais designam as organizações curdas de terroristas, ao mesmo tempo que buscam seu apoio na guerra contra o Estado Islâmico e outros grupos jihadistas. Parece que os curdos perderam parte da ingenuidade e aprenderam que ser meros peões a serem sacrificados nos jogos do Ocidente não vai ajudar sua causa no longo prazo. A lição da Segunda Guerra do Golfo e da recente guerra civil na Síria é de que os curdos devem confiar nas suas próprias forças para garantir autonomia e justiça para o seu povo.

DA ESTRELA VERMELHA À ESTRELA ISHTAR

Embora o PKK não tenha sido fundado por comunistas ortodoxos, ele logo se tornou um clássico partido de libertação nacional de inspiração maoísta, com um inquestionável “pai do povo” carismático, Abdullah Öcalan, também conhecido como Apo. Pouca coisa diferenciava o PKK dos demais partidos maoístas de libertação nacional que surgiram no final da década de 1970 e nos anos 1980.

O PKK não era a única organização marxista no Curdistão - existiam outras organizações menores, algumas se intitulavam leninistas, trotskistas e até titoístas. Mas a filosofia revolucionária do maoísmo, baseada no campesinato, defendida pelo comitê central e pela liderança do PKK, representou de longe a força mais popular e militarmente mais efetiva de resistir à opressão.

A defesa do comunismo empregada pelo PKK angariou apoio dos velhos partidos tradicionais de esquerda no Ocidente,

11 Partido criado para unificar a oposição ao regime de Saddam Hussein, tomou o controle do país e está até hoje no poder com o apoio dos EUA. É conhecido pelo seu alinhamento incondicional com os interesses estadunidenses (N.T.).

mas falhou em conseguir constituir uma real solidariedade. Enquanto as ideias maoístas incitaram os curdos a se libertarem da repressão estatal, estas mesmas ideias fizeram com que potenciais adesões, mais liberais, se distanciassem. Assim, as lutas do PKK foram ignoradas e algumas vezes condenadas por possíveis simpatizantes, dentro e fora da região. A ênfase na centralização do comunismo maoísta também afastou muitas lideranças populares no Curdistão.

Os curdos tradicionalmente se organizam no âmbito social e político em tribos que estabelecem livremente relações entre si, e o apoio dado aos líderes das tribos segue critérios que não se baseiam na hereditariedade. Esporadicamente, os curdos formam grandes e temporárias confederações de tribos para organizar levantes e ações militares. Partidos políticos nunca conseguiram ter o monopólio político que é visto em muitas partes do mundo - não era estranho para um curdo fazer parte de alguns partidos e alternar seu apoio de acordo com qual partido é bem-sucedido no momento. Apesar destes obstáculos culturais, o PKK defendeu o comunismo linha-dura até depois da queda da União Soviética.

Para o PKK, a crise de fé no comunismo não ocorreu até 1999, quando seu líder Öcalan foi preso em Nairóbi pelo setor de inteligência do exército turco, levado à Turquia e encarcerado em uma prisão insular, onde é o único prisioneiro. A imprensa turca exibiu o humilhado Öcalan, “o terrorista da Turquia”, algemado e inofensivo. Com seu líder preso e sem nenhum sucessor à vista, o comitê central do PKK entrou em crise. As cada vez mais frequentes táticas militantes de bombardeios, emboscadas e homens-bombas não estavam funcionando, e o crescimento dos ataques jihadistas no Oriente Médio e no Ocidente fizeram com que o PKK parecesse com outra organização terrorista islâmica, apesar da sua ideologia comunista. Isto, combinado com o colapso do socialismo na Europa Oriental e na Rússia, levou a um período de autocrítica ideológica do PKK e de seu líder.

A milhares de quilômetros de distância, no dia 1 de Janeiro de 1994 (cinco anos antes da captura de Öcalan) um novo tipo de luta de libertação saiu das esquecidas montanhas de Chiapas, no México. Os zapatistas, com sua bandeira com a

estrela vermelha e suas máscaras pretas, irrompeu no cenário internacional e rapidamente inspirou a esquerda mundo afora. Uma pequena luta de libertação dos descendentes do povo maia surgiu na selva de Lacandona no sul do México e se auto-declararam autônomos. Estes revolucionários criaram um novo modelo político dentro da esquerda insurrecional, chamado de Zapatismo. O Zapatismo se afirma como um projeto de libertação e de luta de esquerda, que rejeita a hierarquia, o controle de um partido e a aspiração de se criar um aparato estatal. Os criadores desse novo modelo inicialmente passaram anos construindo uma guerrilha marxista ortodoxa no México, até que rejeitaram este modelo e saíram à busca de novas perspectivas.

Öcalan e outras lideranças do comitê central do PKK acompanharam a rápida ascensão exitosa dos zapatistas. Um ano antes de ser preso, Öcalan falou sobre o Zapatismo com os líderes do PKK em uma conferência de dois dias. E nos primeiros meses de cárcere, Apo teve uma “crise de fé” com a doutrina marxista e a possibilidade dela auxiliar na libertação dos curdos. Öcalan, que passou grande parte da sua vida defendendo a doutrina stalinista linha-dura, começou a rejeitar o marxismo-leninismo em favor da democracia direta. Ele concluiu que o marxismo era autoritário, dogmático e incapaz de refletir criativamente sobre os reais problemas da resistência curda. Na prisão, Apo passou a ler autores anarquistas e pós-marxistas como Emma Goldman, Foucault, Wallerstein, Braudel e Murray Bookchin. Öcalan se impressionou particularmente com a filosofia anarquista do municipalismo ecológico de Bookchin, indo tão longe ao ponto de exigir que todas as lideranças do PKK lessem Bookchin. De dentro da prisão, Öcalan absorveu as ideias de Bookchin (principalmente as ideias contidas na obra *Civilization Narratives*) e escreveu seu próprio livro baseado nestas ideias, *The Roots of Civilization*. Porém, foi o livro de Bookchin *Ecology of Freedom*, de 1985, que Öcalan requereu como leitura obrigatória para todos os militantes do PKK. Foi este livro que passou a influenciar as ideias hoje encontradas em Rojava.

Em 2004, Öcalan tentou marcar um encontro com Bookchin por meio dos seus advogados, descrevendo-se como um

“estudante” de Bookchin e ansioso para adaptar suas ideias à questão curda. Öcalan queria, sobretudo, discutir seu novo manuscrito, *In Defense of People*, de 2004, que ele esperava que iria mudar o discurso da luta curda. Infelizmente para Öcalan, Bookchin, com seus 83 anos de vida, estava muito doente para aceitar o convite e enviou uma mensagem de apoio no lugar da sua presença. Murray Bookchin morreu de ataque cardíaco dois anos depois, em 2006. Um congresso do PKK realizado no final daquele ano saudou o pensador estadunidense como “um dos maiores cientistas sociais do século XX” e prometeu: “as teses de Bookchin sobre o Estado, o poder e a hierarquia serão implementadas e realizadas através da nossa luta. (...) Vamos colocar essa promessa em prática como a primeira sociedade que estabelecerá um confederalismo democrático tangível.” Cinco anos depois, em 2011, a guerra civil síria deu aos curdos a chance para tornar esta promessa uma realidade.

A guerra civil síria começou como um desdobramento dos levantes que ocorreram em 2011 no Norte da África e no Oriente Médio que o Ocidente nomeou de “Primavera Árabe”. Curdos de diversas matizes políticas se juntaram a estudantes, islamistas, trabalhadores, dissidentes políticos e outros exigindo o fim da repressão da ditadura de Assad. O presidente sírio Bashar al-Assad, entretanto, aprendeu as lições da Tunísia, Líbia e Egito e rapidamente mandou suas tropas reprimirem duramente o crescente movimento democrático. A maioria dos protestos pacíficos da primavera se transformaram no outono em uma insurreição armada generalizada contra o regime de Assad.

Quando os primeiros protestos começaram, o governo de Assad finalmente concedeu cidadania a um número estimado de 200.000 curdos, apátridas, em um esforço de neutralizar uma potencial oposição curda. No início de 2012, quando mais da metade do país estava sob controle de grupos rebeldes e milícias jihadistas, e as forças militares de Assad estavam dispersas, o governo decidiu retirar todos os funcionários estatais e militares das regiões ocupadas pelos curdos no norte, passando o controle de fato para os curdos e os *yazidis* que vivem ali. Grupos de oposição ao regime, sobretudo o Partido da União Democrática (PYD)

- alinhado ao PKK -, criaram estruturas de coalizão para administrar a região. Houve tensão entre o PYD e partidos alinhados com o Governo Regional do Curdistão (KRG) do Iraque, e, por certo tempo, houve duas coalizões concorrentes: o Comitê de Coordenação Nacional para a Mudança Democrática (NCC), alinhado ao PYD e o Conselho Nacional Curdo (KNC), alinhado ao KRG. No início de 2012, quando a tensão entre os dois grupos parecia que iria gerar um conflito armado, o presidente do KRG, Massoud Barzani, e líderes do PKK apresentaram uma proposta dos dois grupos em conjunto de se formar uma nova coalizão chamada Conselho Supremo Curdo (SKC), formada por mais de quinze partidos políticos e centenas de conselhos comunitários. Poucos meses após a formação, o SKC mudou seu nome para Movimento da Sociedade Democrática (TEV-DEM)¹² e incluiu grupos não-curdos, como partidos políticos e organizações na coalizão. O TEV-DEM criou uma estrutura governamental interina para a região de Rojava.

O programa do TEV-DEM é profundamente influenciado pelas ideias do PYD de “confederalismo democrático”, as quais o PKK tinha adotado na sua plataforma oficial no Congresso Popular de 17 de Maio de 2005. De acordo com este programa, e nos documentos subsequentes e comunicados de Rojava, “o confederalismo democrático de Rojava não é um sistema estatal, mas sim um sistema democrático do povo sem o Estado... Ele baseia seu poder no povo para que ele tenha autonomia em qualquer esfera, incluindo a economia.” Em Rojava, as ideias do confederalismo democrático têm três principais eixos: municipalismo libertário, pluralismo radical e a ecologia social. O TEV-DEM tem implementado esta nova visão social em larga escala em Rojava desde inícios de 2012. O PKK tem tentado (e conseguido em grande medida) implementar o confederalismo democrático nas vilas espalhadas na fronteira da Turquia com o

12 Segundo outras fontes as duas estruturas permanecem. Ainda em 2016 existe uma disputa pelo controle político em Rojava: de um lado, o SKC dividido entre lideranças dos partidos na Síria e no Iraque; de outro, o TEV-DEM com os conselhos populares (N.T.).

Iraque desde 2009, experiências que serviram como inspiração à revolução de Rojava. Esta visão, tanto na Turquia como em Rojava, inspira-se fortemente no pensamento anarquista, feminista e ecológico contemporâneos.

GOVERNO SEM ESTADO: DEMOCRACIA RADICAL E DESCENTRALIZAÇÃO

Como ter o anarquismo como base para um governo? Rojava não foi a primeira e esperamos que não seja a última experiência em criar uma nova forma de governo descentralizado sem o Estado e sem hierarquias. Desde 2012, dois milhões e meio de pessoas em Rojava têm participado nesta forma de governo, que se relaciona com a Revolução Espanhola (1936), os Zapatistas (1994), o movimento de assembleias de bairro na Argentina (2001-2003) e com o municipalismo libertário de Bookchin. Apesar destas semelhanças com as experiências e as ideias do passado, o que está sendo implementado no território devastado pela guerra de Rojava é único - e é extremamente ambicioso. Não é nenhum exagero afirmar que a revolução que está ocorrendo no norte da Síria é histórica, especialmente para os anarquistas.

No centro desta experiência estão os diversos “conselhos locais” que incentivam a máxima participação possível do povo de Rojava¹³. O povo curdo tem uma longa história de assembleias locais baseadas nas alianças familiares e tribais. Estas assembleias semi-formais tem tido uma importância prática na organização

13 Rojava é constituída por três cantões autônomos, porém confederados: Cizîrê, Kobanî e Afrin. Estes cantões não são geograficamente contíguos e cada um deles possui seu hino e sua bandeira. A estrutura de tomada de decisões é composta por vários conselhos. O tamanho médio dos conselhos de bairro é de 30-150 famílias. O conselho de uma cidade distrito/vilarejo é feito com 5-17 conselhos de bairro (contemplando conselhos de trabalhadores e conselhos religiosos). O conselho de uma cidade distrital elege dois representantes para o conselho da cidade (um homem e uma mulher). Eles também elege as forças de segurança e as milícias YPG/YPJ.

social dos curdos por centenas de anos, então não é nenhuma surpresa que as assembleias cara-a-cara tornaram-se o esqueleto deste novo governo. Em Rojava, as assembleias de bairro constituem o maior número dos conselhos. Qualquer pessoa (incluindo os adolescentes) pode participar de uma assembleia na região em que vive. Em conjunto com estas assembleias de bairro há assembleias ligadas aos lugares de trabalho, organizações civis, organizações religiosas, partidos políticos e outros conselhos com base em afinidades (por exemplo, juventude). As pessoas muitas vezes compõem uma série de conselhos locais, dependendo das circunstâncias da sua vida. Estes conselhos podem ser pequenos, sendo composto por uma dúzia de pessoas, ou podem reunir centenas de participantes. Mas independentemente do tamanho, eles funcionam de forma semelhante. Os conselhos trabalham com o modelo de democracia direta, ou seja, todos os participantes no conselho podem falar, dar sua opinião sobre as pautas a serem debatidas e votar nas propostas (embora muitos conselhos utilizem o consenso como método de tomada de decisão). É incerto para nós como é determinada a adesão nestes conselhos, mas sabemos que os conselhos do movimento de oposição anteriores a 2012 não tinham adesão fixa e que qualquer um que aparecesse na assembleia poderia participar plenamente. Também não sabemos com que frequência este conselho se reúne e como é determinada esta frequência. Temos conhecimento que as assembleias de bairro do Cantão de Afrin se encontram semanalmente, como é a prática de um dos conselhos dos trabalhadores do hospital. Estes conselhos locais constituem uma unidade inseparável da democracia de Rojava. Estruturas maiores (como o Conselho Supremo dos Cantões de Rojava) são compostos de representantes destes conselhos locais. Todas as decisões dos “conselhos superiores” devem passar pela aprovação dos conselhos locais, por meio da participação dos seus membros. Esta forma de governo difere muito da tradição do federalismo liberal, na qual a federação se sobrepõe às esferas locais. Em agosto de 2014, por exemplo, um conselho regional decidiu que as forças de segurança locais deveriam portar armas para patrulhar as cidades, mas três assembleias locais não

aprovaram a decisão e, desse modo, na região destas três assembleias foi decidido que a segurança deveria ser feita sem armas. O papel destes “conselhos superiores” atualmente é limitado pela articulação entre esta miríade de conselhos locais, para que todo o poder permaneça na esfera local. Há uma grande rotatividade na escolha dos representantes para compor estes “conselhos superiores”, com a definição de um prazo máximo para cada representante, definido nestes “conselhos superiores”; porém, os conselhos locais geralmente criam seus próprios mecanismos para aumentar esta rotatividade. O objetivo do sistema de conselhos de Rojava é maximizar o poder local e a descentralização e alcançar um certo grau necessário de coordenação regional e troca de informações.

O governo que permanece acima dos conselhos superiores se assemelha a um sistema de conselho parlamentar com representantes rotativos, um poder executivo composto pelos co-presidentes dos cantões e um poder judiciário independente. Todos os poderes governamentais emanam dos conselhos, e os conselhos detêm a autonomia local, assim formando a confederação. A confederação é formada por três cantões autônomos que têm seus próprios ministérios e milícias. Não existe governo federal no sistema de cantões de Rojava. Associação voluntária e apoio mútuo são conceitos-chave para a confederação, com a função de garantir a autonomia local. A associação voluntária leva à descentralização radical, ao impedir que quaisquer estruturas organizacionais que estejam acima se sobreponham às tomadas de decisões dos conselhos locais. Todos os organismos para além dos conselhos locais devem ser compostos por uma representação proporcional às comunidades étnicas dos cantões e devem ter pelo menos 40% de cada gênero (incluindo todos os ministérios). Grande parte dos ministérios têm co-ministros, sendo um ministro homem e outra mulher, exceto o Ministério das Mulheres. A maioria das decisões do Conselho Supremo precisam de um apoio de $\frac{2}{3}$ dos delegados dos conselhos superiores. Qualquer cantão detém autonomia em relação às decisões do Conselho Supremo e pode anulá-las e sobrepô-las na sua Assembleia Popular (o maior conselho de cada região), sem afetar sua

adesão à confederação. Esta descentralização vinda de baixo para cima visa preservar o maior grau de autonomia para a população local e incentivar a máxima participação política possível.

Tanto a segurança interna quanto a segurança externa dos cantões é administrada pelas Assembleias Populares de cada cantão. A segurança local, o que seria equivalente à polícia, é chamada de Asayish (segurança em curdo). As pessoas que formam a Asayish e seus mandatos são escolhidas pelos conselhos locais e pela Assembleia Popular do cantão. A Asayish tem sua própria assembleia (mas não pode enviar representantes para a Assembleia Popular), na qual são eleitos os oficiais e são tomadas outras decisões. Em conjunto com a Asayish, existem as milícias de autodefesa populares para prover a segurança contra ameaças externas (por exemplo, atualmente o Estado Islâmico, mas isso também incluiria forças regionais e estatais). Estas milícias elegem seus próprios oficiais, mas estão sob a responsabilidade direta da Assembleia Popular do cantão. Tanto a Asayish quanto as milícias de autodefesa populares têm duas organizações: um grupo especificamente feminino e outro misto em termos de gênero. As milícias que estão fornecendo apoio mútuo em outro cantão (a Asayish geralmente é proibida de trabalhar em outros cantões) devem seguir a Assembleia Popular do cantão, mas podem manter seus próprios comandantes e unidades. Em tempos de paz, os cantões não mantêm os serviços de milícia.

A relação entre Rojava e o Estado sírio ainda está sendo testada. A Confederação dos Cantões de Rojava não está configurada como um Estado. Ao invés disso, inspira-se na ideia de dualidade do poder, ideia pensada originalmente pelo anarquista francês Proudhon. O KCK descreve a dualidade do poder como “uma estratégia para alcançar uma economia socialista libertária e uma autonomia política e social por meio do estabelecimento gradativo e então de uma rede de instituições de democracia de participação direta” para se opor à autoridade do Estado e do capitalismo. Rojava atualmente tem mantido um pacto de coexistência, a partir da Guerra Civil Síria, com os Estados vizinhos (Turquia, Iraque e Irã) que englobam o Curdistão. As pessoas em Rojava manteriam sua cidadania síria e sua participação no

Estado sírio até o ponto em que isso não contradiga diretamente os princípios de Rojava. Esta coexistência nada fácil é a razão para que os cantões proibissem expressamente bandeiras nacionais, não criassem uma moeda, um ministério das Relações Exteriores, passaportes ou documentos de identidade e o porquê deles não terem um exército permanente. Não está claro se o povo de Rojava tem um plano de manter esta relação com o Estado sírio ou o que aconteceria em caso de situações de conflito.

Rojava não é nem um Estado nem uma sociedade anarquista pura. É uma experiência social ambiciosa que rejeita a sedução do poder estatal e o nacionalismo e, ao invés disso, adotou a autonomia, a democracia direta e a descentralização para criar uma sociedade livre para o povo de Rojava. Os princípios de Rojava se baseiam no anarquismo, na ecologia social e no feminismo, em uma tentativa de traçar uma visão de sociedade que enfatiza a responsabilidade e a independência para uma comunidade radicalmente plural. Não está claro se esta experiência vai caminhar para uma maior descentralização como sugere Bookchin e que os zapatistas têm implementado ou se irá se tornar mais centralizada e federalista, como ocorreu na Revolução Russa e Espanhola. O que está acontecendo agora é um momento histórico das tradicionais lutas de libertação nacional e deve ser de grande interesse para os anti autoritários de todo o mundo.

PLURALISMO RADICAL

Embora enxerguemos a revolução de Rojava como um movimento curdo, não devemos ignorar a dinâmica pluralista da região e as aspirações dos povos dos três cantões que formam a Confederação de Rojava. Devemos também levar em conta o fato de que os próprios curdos não são um povo homogêneo, sendo constituído por numerosos grupos tribais distintos e quatro religiões. A diáspora curda encontrou muitos curdos, incluindo alguns líderes ideológicos, vivendo em cidades e frequentando universidades na Europa. Esta orientação cultural ajudou a inspirar uma visão tolerante e pluralista no Curdistão.

Os princípios de Rojava não apenas falam sobre pluralismo e diversidade em relação a etnicidade e fé, mas também criaram estruturas organizacionais para possibilitar ao máximo colocar estes princípios em prática.

A região de Rojava é dominada pelos curdos, com aproximadamente 65% da população identificando-se como curda. Os 35% restantes são formados por árabes, armênios e assírios. Houve imigração tanto de curdos quanto de não-curdos para a região, vindos de zonas de conflito na Síria. Estima-se (embora os números sejam pouco confiáveis) que mais de 200.000 pessoas se deslocaram para Rojava desde o início da guerra, partindo de outras partes da Síria. Um número substancial destes novos imigrantes pertence a minorias étnicas e religiosas da Síria e do leste do Iraque.

No que diz respeito à religião, os curdos são a etnia mais diversificada da região. A maioria dos curdos (55-65%) é de muçulmanos sunitas, que pertencem à tradição Shafi. Existem também curdos muçulmanos que seguem as tradições alevita, xiita e sufi. Há um número razoável de curdos cristãos, muitos deles imigraram para Rojava após o início da guerra. O mesmo ocorreu com os Yazidis, uma religião sincrética que tem conexões com o zoroastrismo, judaísmo e islamismo. Uma pequena minoria em Rojava segue uma nova forma do zoroastrismo e também há um pequeno grupo de curdos judeus. A maioria destes grupos religiosos tradicionalmente vive em comunidades próximas umas das outras, em parte devido a reassentamentos forçados e auto-exílios, e muitos dos edifícios religiosos são compartilhados. Há também uma elevada porcentagem de casamentos inter-religiosos.

Rojava abraçou sua diversidade e mantém um compromisso explícito com o pluralismo. Eles utilizam o termo pluralismo radical para descrever como sua abordagem difere do sectarismo extremo encontrado na maioria da região. Há conselhos locais específicos para cada grupo étnico e organização religiosa. Nos conselhos superiores (por exemplo, os conselhos das cidades e das regiões) há cotas étnicas para assegurar que todos os grupos étnicos estarão representados. Um sistema similar de cotas existe

em todos os ministérios, exceto nos ministérios das etnias e das religiões específicas. Os princípios de Rojava também reservam uma série de proteções para minorias étnicas e religiosas (incluindo também as pessoas que não seguem nenhuma religião). As milícias e as organizações de segurança têm características pluralistas explícitas, ao serem compostas por diferentes grupos étnicos e religiosos trabalhando em conjunto.

Rojava criou um novo caminho de pluralismo que não existe atualmente em qualquer outro lugar da região. Rojava rejeitou o apelo ao secularismo, como aquele da Turquia, que oprime organizações religiosas e seus praticantes, em troca de uma sociedade pluralista e ao invés disso fixou-se como um refúgio seguro de respeito e empoderamento político para as minorias étnicas da região.

FEMINISMO NAS REPÚBLICAS DE ROJAVA

As militantes curdas foram “descobertas” e espetacularizadas recentemente pela mídia ocidental - inclusive as revistas de moda. Mas a mídia apenas louvou as militantes, não dando atenção às suas práticas políticas. É muito fácil cair na armadilha da mídia e fetichizar as militantes curdas que compõem as brigadas de autodefesa feminina (a YPJ), organização especificamente feminina, e as brigadas de autodefesa geral (a YPG), organização mista em termos de gênero, sem considerar as implicações da escolha delas serem guerrilheiras em uma sociedade extremamente patriarcal¹⁴. As mulheres que lutam em Rojava estão lutando por suas vidas. Elas lutam pelos seus direitos de ser mulher contra um inimigo que estupra e vende mulheres como escravas sexuais. Mas isso não é novidade - as mulheres na região lutam há décadas. Na verdade, tradicionalmente, metade

14 A YPG/YPJ tem uma força combinada de 40 mil combatentes armados. A maior parte do armamento é de armas de fogo simples combinadas com lançadores de foguetes russos. Elas também reaproveitaram cerca de 40 caminhões de lixo e outros caminhões blindados para transporte pessoal. Não possuem aeronaves. Vide glossário.

dos membros do PKK tem sido composta por mulheres. O que é novo entre as combatentes de Rojava é seu feminismo explícito, um feminismo que se tornou um dos princípios fundamentais da experiência de Rojava. A cultura curda geralmente é fortemente patriarcal: a dominação masculina prevalece e casamentos arranjados e forçados são comuns. A YPJ não luta apenas contra o ISIS, ele luta pelo feminismo e pela igualdade de gênero - e elas estão fazendo isso tanto com ideias quanto com balas.

A YPJ existe como um contraponto à YPG. As mulheres de Rojava têm a esperança de que um dia a YPJ não será mais necessária, mas até esse dia chegar ele funcionará como uma força inteiramente feminina para lutar tanto externamente quanto internamente, contra os inimigos de Rojava, e para resolver questões sociais. A YPJ pretende eventualmente tornar-se parte da YPG, mas em uma demonstração de pragmatismo idealista, o KCK designou que, pelo menos em um futuro próximo, a YPJ é necessária como uma força de combate exclusivamente feminina para equilibrar a tradicional orientação masculina do militarismo das milícias armadas, como a YPG (ou sua organização-mãe, o PYD). Além disso, enquanto a liderança de todos os conselhos de governo dos cantões de Rojava é composta por pelo menos 40% de cada sexo, a liderança do YPG é frequentemente mais parecida com 50-60% de mulheres, já que recruta maciçamente da liderança do YPJ. Além da milícia YPJ, a força de segurança especificamente feminina Asayish-J (*Asayish* significa segurança, em curdo) é a única responsável por tratar crimes que envolvem mulheres, crianças, abusos domésticos e crimes de ódio, operando de forma independente em relação ao Asayish “padrão”.

É claro que a YPJ traz à lembrança outras forças de combate só de mulheres - talvez a mais famosa, a *Mujeres Libres* na Revolução Espanhola. Essa comparação é ao mesmo tempo precisa e perigosa, pois as *Mujeres Libres* de fato formaram uma grande força de combate na luta por uma noção radical de igualdade sexual e de gênero, mas, infelizmente, elas também se tornaram uma ideia que é colocada por muitos em um pedestal, desconsiderando que se tratavam de seres humanos reais. Não devemos cair no mesmo erro com o orientalismo

quando se trata do feminismo em Rojava: estas são pessoas reais que arriscam suas vidas por ideias políticas. Elas não são mulheres saídas de um livro de história, como a mídia vem caricaturando, mostrando-as como “mulheres duronas”, “amazonas sexys”, por terem pego em armas.

Um dos vários meios pelos quais as militantes curdas lutam pelos direitos das mulheres no Curdistão tem sido a criação, pela Asayish-J, de casas dedicadas exclusivamente para as mulheres. Nestas casas, qualquer mulher com mais de 15 anos pode ir e ficar por tanto tempo quanto elas quiserem. Lá elas recebem educação gratuita e depois voltam para suas casas (se desejarem), no momento em que elas quiserem. Não é permitida a entrada de nenhum homem nestas casas, com o intuito de proteger a integridade do espaço e para garantir que as mulheres se sintam confortáveis e seguras. Atualmente trinta destes espaços funcionam em toda a região de Rojava. E, como uma resposta aos suicídios causados pelo casamento forçado, a Asayish-J criou uma linha direta para as mulheres, oferecendo apoio emocional e físico a qualquer momento.

O feminismo em Rojava transcende à YPJ e a Asayish-J e é um dos três princípios fundamentais da Revolução de Rojava. A sociedade, tal como preveem os princípios de Rojava, deve ser definida como um novo caminho para o feminismo; somente declarar apoio ao feminismo não é suficiente. Com isso em mente, o feminismo é uma prática essencial em todas as interações sociais nos três cantões, e as mulheres são consideradas como autênticas atrizes políticas com genuína agência - elemento que é revolucionário por si mesmo.

UMA ECONOMIA POPULAR

O planejamento econômico da Revolução de Rojava é chamado de “Economia Popular”, para se diferenciar do tradicional mercado e das economias socialistas de Estado. Mas embora ele se coloque como uma alternativa ao dualismo capitalismo e comunismo, ainda não é um modelo completamente formado.

Há três conceitos-chave na Economia Popular: bens comuns, propriedade privada baseada no uso e empresas administradas pelos trabalhadores. A experiência econômica de Rojava é menos uma implementação de um conceito único do que um sistema improvisado que deve responder às necessidades de uma guerra e um embargo econômico.

Em 2010, um ano antes da Primavera Árabe explodir na Síria, a região de Rojava provia mais de 40% da produção nacional de gás e petróleo e 70% da sua exportação, apesar de apenas 17% da população da Síria viver na região. E, no entanto, a população de Rojava vive com uma renda bem abaixo da média do país. A região de Rojava fica na famosa planície mesopotâmica, entre o rio Eufrates e o Tigres, e é um dos centros agrícolas mais antigos no mundo. Até 2011, o norte da Síria exportou grãos, algodão e carne para seus vizinhos e para a Europa e foi a região que mais produziu petróleo do país¹⁵. A abundância de água dos rios da região propiciou a construção de fábricas de cimento e outras indústrias nas décadas de 1970 e de 1980. No entanto, desde o início da guerra civil síria, a infraestrutura necessária para manter essas atividades econômicas foi desmoronando. Sistemas de comunicação, de transporte e as estradas foram seriamente comprometidos. Infraestrutura debilitada, guerra constante e um embargo muito estrito (sobretudo da Turquia, que é a única fronteira estável com Rojava) fizeram com que a tradicional economia da região ruísse. Em 2012, o PYD lançou o originalmente chamado Plano de Economia Social, depois renomeado para Plano de Economia Popular (PEP). O PEP se baseia nos escritos de Öcalan e nas experiências vividas pelos curdos no Norte do Curdistão (sul da Turquia).

15 Em resumo, o maior recurso econômico de Rojava é o petróleo, embora a região seja também considerada o celeiro da Síria. A região produz por volta de 40 mil barris de petróleo bruto por dia. Todas as refinarias da Síria estavam localizadas no sul do país, de modo que Rojava teve de construir suas próprias refinarias. É a única região na Síria que possui um processo de exportação próspero antes da guerra começar e do embargo que se seguiu a ela.

A tradicional “propriedade privada” foi abolida em 2012, e todos os prédios, terras e infraestrutura passaram para o controle dos vários conselhos de cidade. Entretanto, isso não quer dizer que as pessoas não eram mais donas de suas próprias casas ou de seus negócios. Os conselhos implementaram o princípio soberano da “propriedade por uso”, um princípio que não pode ser anulado. Propriedade por uso significa que quando um prédio, como uma casa ou um negócio, está sendo utilizado por uma pessoa ou por um grupo de pessoas, os usuários possuem de fato a terra e as estruturas, mas não podem vendê-las no mercado. Öcalan escreveu que a posse previne a especulação e a acumulação de capital, que por sua vez conduz à exploração. Fora as propriedades baseadas pelo uso, em princípio, qualquer outra propriedade torna-se bem comum. Esta abolição da propriedade privada não se estende também às comodidades como automóveis, máquinas, eletrônicos, móveis, etc. mas limita-se à terra, à infraestrutura e às estruturas.

Os bens comuns abrangem terras, infraestrutura e os edifícios que não são de propriedade de indivíduos, e são administrados pelos conselhos. Os conselhos podem transformar os bens comuns em individuais, para serem utilizados dessa maneira. Os bens comuns são concebidos tanto como uma rede de segurança para quem não tem recurso quanto como um meio de maximizar o uso dos recursos materiais da comunidade. Os bens comuns abrangem também aspectos ecológicos da região, incluindo água, parques, fauna selvagem, deserto e até a maioria dos rebanhos. De acordo com o Dr. Ahmad Yousef, um co-ministro de economia, três quartos da propriedade privada tradicional tornaram-se bens comuns e um quarto continua na posse individual. O plano econômico (PEP) afirma que os bens comuns são economicamente consistentes o suficiente, por isso não há necessidade de impostos, e desde o início da Revolução de Rojava os impostos de qualquer natureza foram abolidos.

A gestão dos trabalhadores é a terceira base do plano econômico. Os trabalhadores controlam os meios de produção nos seus locais de trabalho por meio de conselhos de trabalhadores que são responsáveis para os conselhos locais. Segundo o Ministério

da Economia, os conselhos de trabalhadores só foram formados para cerca de um terço das empresas de Rojava até agora. Estes conselhos são coordenados pelos vários ministérios econômicos e conselhos locais para assegurar uma boa circulação de produtos, suprimentos e outros itens essenciais.

O PEP também conclama que toda atividade econômica dos cantões tenha preocupação ecológica. Está incerto quem é responsável por isso, se são os conselhos de trabalhadores, os conselhos locais, os conselhos de cidade ou as assembleias populares. Ao longo das várias declarações dos ministérios da economia, é possível notar uma sensibilidade à questão ecológica - porém faltam informações detalhadas.

O PEP também é vago sobre suas relações com outras economias dentro e fora da Síria. Uma quantidade substancial da atual atividade econômica vem da venda de petróleo para fora no mercado negro. No final de 2014, representantes de Rojava viajaram pela Europa procurando estabelecer “parceiros comerciais” e pareciam estar sugerindo uma política padrão de mercado, enquanto ao mesmo tempo eliminavam bancos e outras instituições financeiras dentro de Rojava. Os princípios do cantão de Rojava também afirmam claramente que a região não irá produzir seus próprios títulos ou moeda, por isso não está claro como tais relações comerciais se estabeleceriam com os outros governos, mesmo que o embargo fosse suspenso.

A força do PEP parece estar em como ele humaniza a economia para a população local. Ele atinge isto tanto com a criação dos bens comuns, disponíveis para a comunidade que necessita de recursos, como com a propriedade limitada a uma pequena escala, atendendo às necessidades locais. A gestão dos trabalhadores incrementa e expande a participação na economia local e torna a economia mais responsável perante aqueles diretamente afetados por ela. O PEP visa criar uma autossuficiência que esteja aliada ao manejo ecológico, colocando as pessoas e o planeta acima dos lucros. Em suma, o PEP está tentando criar a economia local e participativa combinada com um governo local e participativo.

ROJAVA NÃO PODE ESPERAR E NEM PODEMOS FICAR ESPERANDO

Os radicais do Ocidente em sua maioria têm ficado em silêncio em relação à Revolução de Rojava, e nós nos encontramos em uma estranha situação, em que a grande mídia está mais interessada nestes eventos do que nós mesmos. Há, sem dúvida, uma série de razões e pretextos para essa falta de interesse na experiência revolucionária que está ocorrendo no norte da Síria.

A principal objeção na esquerda para apoiar a Revolução de Rojava é que ela é incerta. Anarquistas há muito tempo têm visto revoluções populares em outros lugares serem neutralizadas por elementos liberais ou serem sequestradas por grupos autoritários de esquerda. Muitos na esquerda estão preocupados com o papel que o PKK e seus representantes desempenham nessa revolução. O PKK tem um histórico de trinta anos de apoio firme à prática e à ideologia maoísta/stalinista, o que o distanciou, legitimamente, da esquerda libertária do Ocidente. Em particular, o autoritarismo linha-dura do PKK e sua tendência sectária em silenciar qualquer discordância entre os radicais no Curdistão fez com que o apoio ao PKK na Europa e na América do Norte diminuísse sensivelmente. Porém, há mais de uma década, desde a prisão de Öcalan, o PKK vem reivindicando um modelo de organização mais próxima do anarquismo e tem trabalhado com diversos outros grupos radicais. Mais importante é que Rojava, onde o PKK tem forte influência através do PYD, não apenas rejeitou o autoritarismo em seu discurso e nos seus escritos, mas sobretudo rejeitou em suas práticas. Mesmo se alguém permanecer cético em relação ao PKK e ao PYD, o fato é que atualmente não há nada de autoritário ou sectário nas estruturas políticas de Rojava que possam dar margem para que os ocidentais mantenham seu ceticismo ou reticência.

Se isto é porque o PKK mudou por vontade própria, ou porque ele foi forçado a mudar pelo povo, realmente não importa. A única questão a este respeito é como a revolução está se desenvolvendo em suas palavras e atos, e se estas palavras e

atos são autoritários ou sectários. Qualquer análise sincera do que está acontecendo nos últimos anos em Rojava demonstra um compromisso honesto com a pluralidade e a descentralização nas ideias, nas palavras e na prática. O passado esboçado do PKK mostra a necessidade dos revolucionários e anarquistas do Ocidente de apoiarem a Revolução de Rojava agora. Pois se o PKK *não* mudou, então nós temos que apoiar e reforçar no que pudermos a ideologia do antiautoritarismo e da descentralização radical para evitar que a revolução seja desviada pelo PKK ou por qualquer grupo autoritário de esquerda. E se o PKK mudou, então mais um motivo para apoiar um projeto político que é autenticamente radical e libertário.

Muitos de nós estamos confusos, e com razão, com a complexidade da luta curda e com a política da região. Isso é compreensível, mas a complexidade não deve ser uma desculpa para nós ignorarmos apoio e solidariedade. A cada dia que passa, temos acesso a mais recursos, que nos ajudam a compreender um pouco mais sobre a complexa história não apenas da luta curda, mas de toda a região. Nós podemos aprender sobre isso. E isso já foi feito antes. Por exemplo, a luta palestina é extremamente complexa e cheia de nuances, mas a esquerda radical se solidarizou, a tomou como uma luta sua também e trabalhou para que a causa palestina se tornasse compreensível para os ocidentais. Devemos nos educar e fazer propaganda para outras pessoas sobre a luta curda e, sobretudo, sobre Rojava, ao invés de nos abstermos dessa conjuntura histórica e ficarmos à espera de que outras pessoas, que não compartilharam nossa visão sobre política e nem o projeto político de Rojava, nos expliquem o que está acontecendo lá.

Há muitos radicais com receio dos curdos, e por extensão de Rojava, por causa do apoio militar dos EUA para as milícias YPG e YPJ. Os EUA têm estabelecido alianças táticas com os guerrilheiros curdos em vários conflitos no Oriente Médio nos últimos vinte anos. Há uma preocupação de Rojava ser ou se transformar em um Estado fantoche dos interesses estadunidenses na região, algo que os radicais dos EUA não têm a mínima vontade de apoiar. Mas o apoio dos anticapitalistas a Rojava dificilmente

pode ser visto como um apoio implícito aos interesses dos Estados Unidos no exterior. Parece claro que o atual apoio dos EUA a Rojava é uma simples questão pragmática visando barrar a ofensiva do ISIS. A revolução de Rojava não é especificamente anti-EUA, mas é explicitamente anticapitalista e antiestatal, o que é algo que podemos e devemos apoiar plenamente. Para ignorar esse fatos é preciso manter-se em uma posição essencialista, o que tantas vezes fez com que os radicais do Ocidente se restringissem ao campo da teoria e da academia.

A distância geográfica e o fato de haver poucos imigrantes curdos nos EUA dificultaram o contato direto, fazendo com que a maioria das pessoas se informassem a partir da mídia. Embora seja verdade que é mais fácil para os radicais viajar para Chiapas, Grécia, Palestina ou Ferguson do que para o norte da Síria, não devemos deixar que isso impeça o nosso apoio e solidariedade. Outros meios de comunicação também foram comprometidos por causa da guerra civil e de ações do governo sírio. Durante a Primavera Árabe, o governo sírio limitou drasticamente a internet, indo tão longe a ponto de cortar as linhas a cabo e, desde o início da guerra civil, o acesso à internet ficou extremamente precário. O embargo econômico e o fechamento da fronteira entre Turquia e Síria pelos militares turcos também restringiu severamente as viagens e o fluxo de informações. O isolamento geográfico e de comunicação sem dúvida retardou o apoio de grupos radicais do Ocidente. Porém o México, os EUA e Israel já adotaram estas táticas reprováveis antes, na tentativa de suprimir o apoio para outras lutas, e isso não nos impediu de apoiá-las. E se Rojava passa por um grande perigo, então nosso apoio é mais do que necessário. A cada semana, ativistas em Rojava e em outras partes do mundo estão abrindo canais de comunicação e nós deveríamos estar ativamente engajados nesta tarefa.

Existem inúmeras desculpas para por que os radicais nos EUA preferem esperar para apoiar a revolução de Rojava, mas não podemos nos dar ao luxo de esperar. Embora seja óbvio que os revolucionários de Rojava necessitam do nosso apoio, nós também precisamos da revolução de Rojava para o nosso próprio trabalho aqui no Ocidente. A política revolucionária do

Ocidente têm esperado por muito tempo para uma renovação de novas ideias e práticas, e a revolução de Rojava em todos seus âmbitos é algo que devemos apoiar, se levarmos nossa própria prática política a sério. O povo de Rojava não pode esperar mais por nosso apoio e nós também não podemos esperar para fazer uma análise segura dos fatos quando eles já passaram, a partir de uma visão retrospectiva. O povo de Rojava decidiu lutar e nós devemos fazer o mesmo.

Um breve história das lutas curdas

ELIZA EGRET & TOM ANDERSON

Até a Primeira Guerra Mundial, os povos curdos eram divididos entre o Império Otomano e o Irã. Esta introdução histórica irá focar principalmente nos últimos cem anos, que viram as novas fronteiras impostas na região curda.

Existem aproximadamente 30 milhões de curdos no mundo, a maioria dos quais vivem na região geográfica do Curdistão, que fica dentro de Turquia, Síria, Irã e Iraque. Na linguagem Kurmanji, as quatro partes do Curdistão são conhecidas como Bakur (que significa 'Norte', dentro da Turquia), Başûr ('Sul', dentro do Iraque), Rojava ('Oeste', dentro da Síria) e Rojhilat ('Leste', dentro do Irã).

A maioria da população curda, sendo mais de um quarto da população total, vive dentro das fronteiras da Turquia - aproximadamente 25% da população do país, mas as estimativas variam. Muitas dessas pessoas mudaram-se para grandes cidades na Turquia nos anos 90, depois de terem sido deslocados à força de suas casas na região curda do país. A diáspora curda também se espalha pela Europa. Grandes populações curdas vivem no Reino Unido, Alemanha, França, Suécia, Bélgica e Holanda. Muitas pessoas migraram para cidades europeias devido à perseguição, fugindo de campanhas genocidas do regime Baathista de Saddam Hussein no Curdistão Iraquiano ou à limpeza étnica dentro da Turquia. Populações curdas em diáspora também existem na Rússia, Geórgia, Armênia, Cazaquistão, Quirguistão, Canadá, Austrália e Israel.

A província do Curdistão existiu dentro do Império Otomano e a população curda desfrutou de uma autonomia relativa até

a metade do século XIX, quando se rebelaram contra o Império, que tentava se apropriar de suas terras. Este levante, e os que vieram depois, foram esmagados pelos Otomanos.

Em 1908, a ‘Revolução do Jovens Turcos’ mudou o monopólio de poder dentro do Império Otomano; e, desde 1913, o controle do Império decadente foi tomado pelo partido CUP dos Jovens Turcos. No meio do nacionalismo turco, populações que não eram turcas/sunitas foram mortas ou deslocadas.

No final da Primeira Guerra Mundial, cerca de 700.000 curdos foram desalojados de suas casas pelos militares. Quase metade deste número morreu. Um genocídio em larga escala dos armênios também foi conduzido e aproximadamente 1,5 milhão de armênios foram assassinados, separando-os de suas raízes históricas e terras, muitas das quais pertencem hoje à República da Turquia. Atualmente, o governo da Turquia recusa-se a reconhecer o genocídio armênio. Os curdos também foram coniventes com o extermínio da população armênia mas, diferente da Turquia, muitas organizações curdas reconhecem seu papel nas atrocidades. Selahattin Demirtaş, co-líder do partido pró-curdo HDP na Turquia:

Nós reconhecemos o genocídio armênio sem ressalvas. Os curdos e outros certamente desempenharam um papel no genocídio armênio, mas a vontade política [de cometer este genocídio] foi do partido dos Jovens Turcos.¹

Junto com o massacre de armênios, assírios vivendo dentro do Império Otomano foram forçados a fugir de suas casas, e centenas de milhares foram mortos. Enquanto isso, durante e depois da Primeira Guerra, gregos étnicos tornaram-se alvo e, novamente, centenas de milhares foram mortos em deportações e marchas mortais.

O Império Otomano aliou-se com a Alemanha durante a Primeira Guerra e seu colapso logo foi concretizado. A partição

1 <http://news.am/eng/news/248367.html>.

do Império começou quando o Tratado de Sèvres foi assinado em 1920. Inglaterra e França foram as forças que dividiram o Império. No Tratado de Sèvres, existiam planos para a criação de um estado curdo independente dentro do que é hoje a Turquia.

BAKUR

A Guerra de Independência Turca, liderada por Mustafa Kemal Atatürk (significa “pai dos turcos”), foi combatida contra os Aliados, forçando-os a renegociar a partição. Em 1923, o Tratado de Lausanne foi assinado e a República da Turquia foi fundada com Atatürk como seu primeiro presidente, e nenhum reconhecimento de uma região curda independente.

Mudanças políticas, sociais, culturais e religiosas massivas foram implementadas por Atatürk em uma ideologia conhecida como Kemalismo, com o nacionalismo turco e secularismo no centro. Processos de “turquificação” foram impostos e todas populações minoritárias da Turquia foram oprimidas. Pessoas eram forçadas a falar em turco, mesmo quando não era sua língua primária. Alojamentos de dervixes², irmandades sufi e centros de ensino curdos foram fechados.

O escritor Kerem Öktem declara:

[A República da Turquia] tentou impor sua noção restritiva de “turquidade” pela força, e expulsou comunidades que não poderiam ser assimiladas. A supremacia turca era a política vigente ...³

Línguas curdas foram reprimidas, as palavras ‘curdo’ e ‘Curdistão’ foram banidas, e cidadãos curdos foram renomeados ‘turcos das montanhas’ pelo Estado.

Entre os anos 20 e 30 houve uma série de levantes curdos e, em 1937, dezenas de milhares de pessoas foram mortas pelos

2 Praticantes do Islã sufista (N.T.).

3 Kerem Öktem, *Angry Nation: Turkey since 1989*, p. 33.

militares turcos em Dêrsim depois da rebelião contra o processo de turquificação e o desalojamento da maioria da população ale-vita e zaza⁴ de suas casas.

Em 1978, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) foi formado sob a liderança de Abdullah Öcalan.

Com a visão de um Curdistão independente, a organização marxista-leninista iniciou uma luta armada contra seus opressores.

Kerem Öktem descreve como, nas províncias curdas nos anos 80:

*os militares, a polícia e seus colaboradores cometeram os mais abjetos abusos de direitos humanos com total impunidade, enquanto a burocracia e o judiciário protegeram os criminosos e processaram as vítimas.*⁵

Prisioneiros curdos foram torturados em prisões turcas e centenas de milhares foram detidos. Em 1982, depois do terceiro golpe militar na Turquia em duas décadas, a nova constituição turca proibiu o ensino de outras línguas senão a turca em escolas e o uso do curdo e outras línguas nativas foram oficialmente banidos.⁶

Durante os anos 90 a brutal organização JİTEM (Centro de Inteligência Policial e Contra-terrorismo) aterrorizou o povo curdo, enquanto o grupo islâmico ligado ao Estado Hezbollah Curdo (não relacionado ao grupo libanês de mesmo nome) assassinava membros do PKK e civis nas ruas.

Yannis, que entrevistamos na vila de Roboski em Bakur em 2015, nos contou:

4 Alevitas são um grupo populacional que tem em comum práticas culturais e religiosas pré-islâmicas. Zazas são uma minoria étnica iraniano que vive na atual Turquia, alguns consideram os zazas como parte da etnia curda (N.T.).

5 Kerem Öktem, *Angry Nation*, p. 57.

6 Kerem Öktem, *Angry Nation*, p. 63.

JÎTEM era oficial mas fazia coisas ilegais, matava pessoas, sequestrava pessoas, especialmente no Curdistão...Mesmo hoje as pessoas se assustam quando escutam a palavra JÎTEM.

Nos anos 90, mais de 3.000 vilas curdas foram queimadas pelas forças de segurança turcas. O motivo oficial da destruição das vilas foi o combate aos militantes do PKK, mas a real razão era destruir a cultura e a identidade curda, e separar as pessoas de suas terras para que elas tivessem que começar uma nova vida nas cidades, onde poderiam ser assimiladas como “turcas”. A *Human Rights Watch* comenta sobre a queima de aldeias:

Durante o curso de tais operações, as forças de segurança frequentemente agrediram e humilharam os moradores das vilas, roubaram seus bens e dinheiro, e os maltrataram e torturaram antes de conduzi-los para as estradas, longe de suas antigas casas. As operações foram marcadas por dezenas de “desaparecimentos” e execuções extrajudiciais.⁷

Em seu site, a Associação de Direitos Humanos na Turquia (IHD) tem um mapa interativo de valas comuns⁸, a maioria das quais estão localizadas no sudeste do país. De acordo com a IHD, existem milhares de corpos em centenas de covas coletivas⁹.

Em 1999, o líder do PKK, Abdullah Öcalan, foi capturado pela Agência Nacional de Inteligência Turca (MIT) no Quênia, com a ajuda da CIA. Até 1998, Öcalan esteve refugiado na Síria pelo presidente Hafez Al Assad. Em 1999, Öcalan foi condenado à morte, porém essa sentença foi mais tarde alterada para

7 https://www.hrw.org/reports/2005/turkey0305/3.htm#_Toc97005223.

8 O mapa pode ser visualizado em <http://www.ihddiyarbakir.org/Map.aspx>.

9 <http://anfenglish.com/features/ihd-released-interactive-mass-graves-map>.

prisão perpétua após a Turquia abolir a pena de morte como parte de sua tentativa de ingressar na União Europeia. Na prisão, Öcalan provocou uma mudança na política declarada do PKK, do marxismo-leninismo para o confederalismo democrático, e renunciou à meta anterior do PKK de estabelecer um Estado independente do Curdistão. Öcalan anunciou esta mudança na política de sua cela na prisão em 2005.

A partir de 1970, uma sucessão de partidos islâmicos tentou tomar parte na política eleitoral turca. Eles surgiram contra as lealdades seculares kemalistas do vasto Estado turco, e muitos deles foram banidos. Em 1997, uma coalizão liderada pelo islâmico “Partido do Bem-Estar” (*Welfare Party*) foi forçada a sair do poder pelos militares. O *Welfare Party* foi banido no ano seguinte. No entanto, em 2002, o “Partido da Justiça e Desenvolvimento” (AKP), de Recep Tayyip Erdoğan, exitosamente ganhou o poder e permaneceu ativo desde então. Erdoğan tinha sido anteriormente um membro do *Welfare Party*.

No início do ano 2000, o governo do AKP fez, inicialmente, pequenos esforços simbólicos para estabelecer a paz com a sua população curda, permitindo inclusive a abertura de um canal de TV em língua curda¹⁰. Mas depois, sob a presidência de Erdoğan, o governo começou a fazer cumprir duramente uma lei antiterror que classificava como crime a propagação de “objetivos dos grupos terroristas”. A lei, que poderia ser usada para penalizar os pedidos para a educação em curdo, assegurava uma ampla definição de terrorismo e foi usada para reprimir movimentos curdos e jornalistas independentes. A lei também permitia que tribunais pudessem enquadrar adolescentes entre as idades de 15 e 18 anos como adultos, se elas fossem acusadas de “infrações terroristas” como arremessar pedras¹¹.

No final dos anos 1990 e início de 2000, o PKK, guiado por Öcalan de sua cela na prisão, tentou manter um frágil cessar-

10 Paul White, *The PKK, Coming Down From the Mountains*, Zed Books, 2015, p. 50.

11 Kerem Oktem, *Angry Nation*, p. 143.

fogo. Esta estratégia foi abandonada em 2004, e outro período de luta armada e repressão selvagem se seguiu. O PKK anunciou vários cessar-fogo sucessivos, porém estes esforços não foram retribuídos pelo AKP.

Em 2009, o Partido da Sociedade Democrática (DTP), um partido político curdo comprometido com o Confederalismo Democrático, obteve êxito eleitoral em 99 municípios em Bakur. O Estado respondeu com uma onda de prisões de representantes do DTP e a sua consequente proibição. O DTP foi prontamente substituído por um novo partido, o Partido Paz e Democracia (BDP), e sucederam-se manifestações de massa e assassinatos de manifestantes. No início de 2010, o PKK retomou a luta armada¹².

Desde 2009, milhares de pessoas foram presas por serem membros da União das Comunidades do Curdistão (KCK), o grupo guarda-chuva constituído para implementar o Confederalismo Democrático em todas as quatro partes do Curdistão. As ações penais são frequentemente dependentes de provas frágeis e têm o objetivo de criminalizar as pessoas envolvidas em partidos curdos e movimentos políticos.

Em 2013, o PKK começou novas negociações com o Estado turco, e um cessar-fogo foi declarado. Este frágil cessar-fogo permaneceu até 2015, apesar de numerosas provocações do Estado. Em 2014, protestos em solidariedade com a cidade de Kobanî em Rojava foram violentamente reprimidos e a polícia turca matou civis na cidade de Cizîr.

As provocações do Estado pretendiam provocar o PKK a quebrar o cessar-fogo, na tentativa de sabotar o crescente sucesso eleitoral do Partido Democrático dos Povos (HDP), que substituiu o BDP em 2014. Ataques ao povo curdo pelo grupo islamita Hezbollah Curdo também aumentaram.

Nas eleições turcas de junho de 2015, o HDP obteve 13,2% dos votos, passando a margem de 10% dos votos necessária para participar do parlamento, e tornou-se o terceiro maior partido do parlamento.

12 Paul White, *The PKK, Coming Down From the Mountains*, Zed Books, 2015, p. 50-54.

Apenas dias antes da eleição, bombas explodiram em uma passeata eleitoral em Amed, cidade de maioria curda, matando quatro e ferindo cem. Este foi o primeiro de uma série de ataques, a culpa foi atribuída ao Daesh, mas no Curdistão acredita-se que foram orquestrados pelo Estado turco.

Cerca de um mês depois, explosões mataram 33 jovens em Pirsûs (Suruç em turco). Os jovens tinham viajado a Kobanî para ajudar na reconstrução. Em outubro de 2015, 103 sindicalistas e apoiadores do HDP foram mortos em Ancara quando participavam de uma caminhada pela paz.

Depois das eleições de junho, o AKP não tinha mais a maioria dos assentos no parlamento. Negociações começaram na formação de uma coalizão parlamentar. No entanto, Erdoğan não desejava formar uma coalizão, preferindo pressionar por uma nova eleição e tentar reconquistar a maioria que precisava para empurrar mudanças constitucionais para garantir a si mesmo mais poder. Novas eleições foram chamadas para Novembro de 2015¹³.

Em julho de 2015, o PKK abandonou o cessar-fogo em resposta à crescente violência do Estado e ataques com bombas ao povo curdo, e em resposta aos pesados bombardeios das regiões onde o PKK tem suas bases. Ao mesmo tempo, o povo curdo nas cidades de Bakur começou a se armar atrás de barricadas em seus bairros e declarando autonomia do estado. A polícia e os militares usaram tanques, helicópteros e artilharia pesada para esmagar estas revoltas, declarando toques-de-recolher, reforçados por atiradores e matando centenas de civis.

Esta provocação e repressão do movimento curdo foi uma clara tentativa do AKP para conquistar o apoio da direita na Turquia e empurrar o HDP para fora das ruas. Esta estratégia funcionou até certo ponto, com o AKP ganhando alguns eleitores do fascista Partido de Ação Nacionalista (MHP) nas eleições de novembro. Depois das bombas em Ancara, o HDP cancelou as passeatas eleitorais com medo que seu apoiadores fossem alvos.

13 Veja, por exemplo, <https://uk.news.yahoo.com/erdogan-settles-turkeys-strongman-constitutional-change-not-135549661--business.html>.

O HDP conseguiu 10,25% dos votos, uma queda de seus resultados em junho, mas suficiente para manter suas cadeiras no parlamento.

Desde a eleição, forças do estado continuaram a lançar ataques devastadores com o objetivo de esmagar os movimentos de autonomia em muitas cidades de Bakur. Até meio milhão de pessoas foram desalojadas. No momento em que escrevemos, forças do Estado estão atacando pessoas em Nusaybin e bombardeando dois bairros em Şirnak.

BAŞÛR

O acordo Sykes-Picot, um acordo secreto feito durante a Primeira Guerra Mundial para dividir o Império Otomano entre ingleses e franceses, tornou-se realidade em 1918, quando os britânicos derrotaram as tropas otomanas e tomaram controle do Iraque. Os franceses conquistaram o controle da vizinha Síria. Em 1920, estas conquistas imperiais receberam um mandato pela recém formada Liga das Nações. A população curda foi dividida entre estes novos territórios imperiais de “mandatos”. Os britânicos instalaram o Rei Faisal como fantoche no Iraque.

Quando as reivindicações curdas por independência foram destruídas pelo Tratado de Lausanne, curdos no norte do Iraque levantaram-se contra os britânicos. Os conquistadores britânicos responderam, bombardeando e queimando aldeias curdas¹⁴.

Depois de silenciar diversas revoltas, os britânicos passaram a controlar sua monarquia-cliente em 1932. Curdos continuaram a se organizar pela independência. Em 1946, o Partido do Kurdistan Democrático (KDP) e sua força de guerrilha Peshmerga, objetivando um estado independente curdo, foram fundados na vizinha Rojhilat, na curta existência da república curda de Mahabad. O KDP teve seu primeiro encontro no Iraque no mesmo ano.

14 Strangers in a Tangled Wilderness, *The Rojava Revolution: A Small Key Can Open a Large Door*, p. 8. Um excerto dessa obra faz parte da presente coletânea. Cf. o capítulo “Um rio tem muitas curvas: uma introdução à revolução de Rojava” (N.T.).

O Reino do Iraque operou como um estado cliente dos britânicos até o golpe que levou o regime do Brigadeiro Abd al-Karim Qasim a tomar o poder em 1958. O KDP declarou lealdade ao novo regime, esperando pressionar Qasim por mais autonomia. No entanto, estas aspirações conflitavam com as idéias de pan-arabismo do partido Baath e outros nacionalistas árabes. De 1961 a 1963, os curdos rebelaram-se no Iraque. Na repressão destas revoltas 80.000 pessoas perderam suas casas.

Depois da tomada do Iraque pelo partido Baath em 1968, mais uma guerra foi travada entre o estado iraquiano e as forças guerrilheiras Peshmerga de Barzani, disparada por um anúncio do governo iraquiano de um programa de arabização na região rica em petróleo de Başûr. A guerra deixou 20.000 mortos em ambos os lados. O KDP de Barzani recebeu apoio secreto da CIA e do Mossad israelense, que esperava que o nacionalismo curdo pudesse desestabilizar o regime pan-arabista do Iraque alinhado com os soviéticos¹⁵.

Em 1975, o descontentamento com o KDP levou a uma separação e formação de um partido que declarava-se de esquerda, a União Patriótica do Curdistão (PUK). O PUK também iniciou uma luta armada para estabelecer um Curdistão independente.

Em 1980, o governo de Saddam Hussein entrou em guerra com o Irã. Durante o conflito de oito anos o PUK continuou sua luta armada a partir de bases no Irã. O KDP também cooperou com o Irã, esperando que o iriam presenteá-los com a oportunidade de estabelecer a independência curda.

Na última parte da guerra, a partir de 1986, Saddam Hussein lançou a campanha genocida de Al Anfal contra os curdos e outras minorias no Iraque. O genocídio de Anfal, que matou cerca de 182.000 curdos, foi feito com o auxílio de armas fornecidas pelas potências ocidentais.

De acordo com o jornalista John Pilger:

[Hussein era um] bandido que o partido Baath trouxe ao poder pela CIA no que o oficial responsável da CIA chamou de "nosso

15 <http://www.merip.org/mer/mer141/major-kurdish-organizations-iraq>

golpe favorito". Além disso, ele foi sustentado no poder durante os anos 80 por Ronald Reagan, George Bush pai e Margaret Thatcher, que deram a ele todas as armas que queria, geralmente de forma clandestina e ilegal.¹⁶

Em 16 de março de 1988, ao menos 5.000 curdos foram mortos em ataque com gás venenoso na cidade de Halabja. Alguns dos materiais de preparação do veneno foram vendidos ao governo de Saddam Hussein por empresas da Holanda e Alemanha Ocidental.

A derrota do exército iraquiano pela invasão liderada pelos Estados Unidos em 90-91 finalmente deu aos curdos em Başûr uma chance de disputar o controle da região com as forças do governo iraquiano. Durante o levante, conselhos populares (shuras) e sindicatos de trabalhadores foram estabelecidos em oposição ao antigo regime do governo iraquiano. No entanto, os shuras nunca estabeleceram uma força militar para se protegerem e, uma vez que o KDP e o PUK se reorganizaram depois da guerra, eles foram capazes de exercer total controle e eventualmente debandar os grupos¹⁷. Zonas de exclusão aéreas foram impostas pelo Ocidente, garantindo que a área permanecesse em seu controle. Um acordo foi feito entre o KDP, o PUK e o governo iraquiano para o estabelecimento do Governo Regional do Curdistão (KRG).

Desde então, facções dentro do KRG tornaram-se cada vez mais próximas dos Estados Unidos e outras potências ocidentais, assim como ao Irã, Turquia e Israel. O poder no KRG é dividido entre o KDP e o PUK, com o KDP controlando as regiões de Erbil e Dohuk e o PUK controlando a região de Sulaymaniyah.

16 <http://www.johnpilger.com/articles/the-blair-government-continues-to-insist-that-iraq-poses-a-threat-to-the-middle-east-despite-clear-evidence-to-the-contrary>

17 Veja, por exemplo, <http://dialectical-delinquents.com/articles/class-struggle-histories-2/kurdish-uprising-1991-and-kurdistans-nationalist-shop-front-and-its-negotiations-with-the-baathistfascist-regime/>. Somos também gratos a Zaher Baher por sua descrição do que aconteceu durante esse período.

O KRG estabeleceu relações econômicas próximas com a Turquia, construindo um oleoduto do KRG até a Turquia¹⁸. Protestos contra as políticas do governo pelo povo de Başûr levaram as forças do KRG a atirar e matar manifestantes. Membros tanto do KDP quanto do PUK têm sido acusados de corrupção em larga escala e de lucrar com a exploração das amplas reservas de petróleo de Başûr.¹⁹

As fronteiras da região curda autônoma no Iraque nunca foram claramente definidas e existe uma disputa atual sobre as cidades de Kirkuk e Mosul. Em 2014, o Daesh ocupou Mosul e o KRG tomou o controle de Kirkuk.

Desde os anos 90, o KRG permitiu que o PKK, e o Partido da Vida Livre do Curdistão (PJAK) baseado em Rojhilat, estabelecessem bases nas montanhas de Qandil no norte de Başûr. As razões pelas quais o KRG permite ao PKK permanecer em seu território são diversas. De acordo com Paul White, autor de dois livros sobre o PKK, o KRG tolera o PKK porque seria militarmente difícil remover o PKK do terreno montanhoso e causaria um grande escândalo entre os curdos que apoiam o KDP e o PUK²⁰. Os militares turcos, apoiados pelos EUA, lançam frequentes invasões aéreas e terrestres em Qandil, para destruir bases do PKK.

ROJAVA

Sob o acordo Sykes-Picot de 1918, a Síria foi declarada mandato colonial francês. Cerca de 18% dos cidadãos desse novo território francês eram curdos. De acordo com o relato feito pelo coletivo *Strangers in a Tangled Wilderness*:

18 <http://www.al-monitor.com/pulse/ar/originals/2013/11/iraqi-kurdish-pipeline-turkey-oil-policy-export.html>.

19 Veja, por exemplo, <http://www.theguardian.com/commentis-free/2012/may/10/corruption-scandals-destabilise-iraqi-kurdistan>.

20 Paul White, *The PKK, Coming Down From the Mountains*, Zed Books, 2015, p. 72.

Após uma série de rebeliões fracassadas dos sírios árabes, os franceses adotaram uma estratégia de “dividir para conquistar”. Eles encheram seus exércitos coloniais de curdos, cristãos, drusos e outras minorias étnicas e deram poderes significativos para as lideranças das tribos regionais curdas. Quando a Síria obteve sua independência da França em 1946, rapidamente atacou seus “inimigos internos”. Aproximadamente 200.000 curdos tiveram seus documentos de identidade retirados e foram declarados apátridas.²¹

A recém fundada república árabe mudou o nome das cidades curdas e assentou árabes beduínos no norte curdo para atuar como força policial. Hábitos e organizações curdas foram banidas e políticos curdos foram presos.

Nos anos 70, o estado sírio realocou cidadãos árabes em Rojava, com o objetivo de criar um “cinturão árabe”: 150.000 curdos foram deslocados sem compensação. As reivindicações curdas por independência foram duramente reprimidas e protestos atacados violentamente pela polícia e exército.²²

A partir dos anos 80, a Síria tornou-se um importante esconderijo para o PKK. O regime sírio queria usar o PKK como ferramenta política contra a Turquia. Este apoio permaneceu até o início dos anos 90, quando o regime exigiu que o PKK removesse suas bases da Síria. Em 1998, o PKK finalmente extrapolou a hospitalidade e Abdullah Öcalan foi expulso da Síria, pavimentando o caminho para sua captura no Quênia um ano depois.

Em 2003, o Partido da União Democrática (PYD), um partido alinhado com o PKK, foi estabelecido em Rojava. Logo foi reprimido pelo regime Assad e muitos membros foram detidos e aprisionados.

21 Strangers in a Tangled Wilderness, The Rojava Revolution: A Small Key Can Open a Large Door, p. 9. Na presente coletânea, a citação encontra-se no artigo anterior, página 16.

22 Cf. capítulo anterior da presente coletânea (N.T.).

Em 2004, houve um levante curdo na cidade de Qamişlo, iniciado pelos torcedores de um time de futebol árabe segurando fotos de Saddam Hussein. Os escritórios do partido Baath foram incendiados e uma estátua de Hafez Al-Assad foi derrubada. O exército, junto com mercenários contratados de tribos árabes locais, foi capaz de rapidamente acabar com o levante. Ao menos 100 curdos foram mortos e milhares fugiram para a vizinha Başûr²³.

De acordo com Aldar Xelîl, então membro do PYD:

*Em 12 de março de 2004, houve um levante em Qamişlo. Depois disso o estado aumentou a repressão.... Durante aquele tempo (depois de 2005) o regime era muito opressor, muitos de nossos amigos mortos ou presos, alguns desapareceram. Nós fundamos diferentes conselhos populares - mas ainda muitos eram presos. O regime tentou destruí-los. Algumas vezes ao ano nós víamos um conselho inteiro desaparecer porque todos foram presos.*²⁴

A repressão de protestos curdos pelas forças do regime continuaram. Manifestantes foram mortos durante protestos em 2005 e 2008 em Qamişlo.

Quando os protestos começaram na Síria contra o presidente Assad em 2011, curdos e outros em Rojava juntaram-se às manifestações. Em Qamişlo, milhares protestaram durante o “dia do mártir curdo”²⁵. Ao mesmo tempo, o PYD aproveitou a oportunidade para organizar assembleias e comunas em Rojava, inspirado pelas ideias do confederalismo democrático de Öcalan.

23 <https://syriafreedomforever.wordpress.com/2014/04/07/on-the-syrian-revolution-and-the-kurdish-issue-an-interview-with-syrian-kurdish-activist-and-journalist-shiar-nayo/>.

24 Das notas pessoais de Janet Biehl de uma entrevista com Aldar Xelîl (October 2014), gentilmente cedida à Corporate Watch em 2016.

25 <https://www.youtube.com/watch?v=MWKh8C5Z6ps>.

Em 2012, as Unidades de Proteção Popular (YPG e YPJ) tomaram o controle da maior parte de Rojava do regime Assad. De acordo com o escritor sírio Shiar Nayo, o regime Assad, não vendo outra opção, desistiu do território para o PYD, esperando usar os curdos como ferramenta de barganha contra a Turquia:

Muitos acusam o Partido da União Democrática (PYD), o braço sírio do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), de conivência e cooperação com o regime. Eu não creio que esta narrativa seja muito precisa. O que aconteceu, na minha leitura dos eventos, foi uma convergência pragmática de interesses entre os dois lados em 2012. Para o regime [Assad], o primeiro objetivo deste 'entendimento' (retirada do aparato de Estado das áreas de maioria curda e entregando a administração para o PYD) era a neutralização das áreas curdas na revolução, tanto militarmente e politicamente (para não abrir outra grande frente no nordeste do país e dividir a oposição em linhas étnicas e sectárias). O segundo objetivo foi usar o PYD como carta na manga contra a Turquia, a mais significativa apoiadora do Exército Livre da Síria naquele momento.²⁶

Forças do regime permaneceram no controle dos complexos do governo nas cidades de Qamişlo e Hasakah, e ainda estão envolvidas em violentos confrontos esporádicos com as unidades YPJ e YPG.

O afastamento do regime permitiu que o PYD e outros tivessem a oportunidade de organizar a sociedade conforme o Confederalismo Democrático. Em 2012, Rojava declarou-se uma região autônoma dividida em três cantões: Cizîrê, Kobanî e Afrin.

Desde então, YPG e YPJ, apoiadas por combatentes do PKK de outras partes do Curdistão, têm se defendido dos ataques,

26 <https://tahriricn.wordpress.com/2014/04/07/syria-on-the-syrian-revolution-and-the-kurdish-issue-an-interview-with-syrian-kurdish-activist-and-journalist-shiar-nayo/>.

inicialmente do Jabhat al-Nusra e depois do Daesh. Em 2014, o Daesh invadiu e cercou a cidade de Kobanî. A maioria daqueles que não estavam envolvidos na defesa da cidade partiram, muitos para a vizinha Turquia. YPJ e YPG permaneceram para defender a cidade e finalmente receberam suporte aéreo dos EUA. A cidade foi libertada em 2015, porém mais de 80% já havia sido destruída.

Mais tarde, em 2015, a cidade de Girê Spî (*Tel Abyad* em árabe) foi tomada do Daesh pelas YPJ e YPG, novamente com o apoio dos EUA, conectando dois dos três cantões de Rojava. Essa operação obstruiu uma importante linha de abastecimento do Daesh – a linha que ligava a Turquia à Raqqa, cidade síria ocupada pelo Daesh. Há evidências que sugerem que o estado da Turquia permitiu, e até mesmo facilitou a transferência de armas para o Daesh na Síria²⁷.

Do outro lado da fronteira, na Turquia, o presidente Erdoğan afirmou que ele nunca permitirá a formação de um estado curdo “em nossa fronteira sul ao norte da Síria”²⁸. Erdoğan tem constantemente ameaçado uma intervenção militar em Rojava; o exército turco tem repetidamente disparado contra Afrin e contra a cidade de Qamişlo em Cizirê. Políticos turcos têm advertido que seus militares não permitirão a ligação entre Kobanî e Afrin. Se o YPJ e YPG forem bem-sucedidos, isso significaria que a Administração Autônoma de Rojava controlaria a maioria das fronteiras da Turquia com a Síria e cortaria outra importante rota de abastecimento do Daesh.

A Turquia opera, na prática, um bloqueio à Rojava, na maioria das vezes recusando-se a permitir a entrada de agentes humanitários, materiais de construção e suprimentos médicos.

O Governo Regional do Curdistão na vizinha Başûr, vendo a revolução no Curdistão sírio como uma ameaça direta ao seu poder na região, também está mantendo restrições rígidas sobre

27 Veja, por exemplo, http://www.huffingtonpost.com/david-l-phillips/research-paper-isis-turke_b_6128950.html.

28 <https://www.yahoo.com/news/turkey-never-allow-kurdish-state-syria-warns-erdogan-133603673.html?ref=gs>.

as fronteiras, impedindo suprimentos médicos, produtos e a passagem de pessoas. O KRG e o governo iraquiano cavaram uma trincheira de doze metros de profundidade e dois metros de largura ao longo das suas fronteiras com o cantão Cizîrê. O anarquista curdo Zaher Baher comenta as razões dessas intervenções:

Primeiramente, para impedir que sírios fugindo da guerra alcancem o Curdistão iraquiano. Além disso, o chefe da KRG, Massoud Barzani, está preocupado com o PKK e PYD e, portanto, ele e o KRG querem impedir a entrada desses ou de qualquer outra pessoa da DSA (Auto-Administração Democrática) nesta parte do Curdistão. Em segundo lugar, a trincheira aumentará a eficácia das sanções utilizadas contra o Curdistão Ocidental, numa tentativa de estrangular e pressioná-lo à rendição, cedendo assim às condições do KRG.²⁹

O YPJ e o YPG muitas vezes trabalham em coordenação com os EUA, que têm fornecido apoio aéreo em várias batalhas. Ataques aéreos russos contra Daesh também foram bem recebidos por alguns em Rojava. As relações entre o PYD e a Rússia são próximas, e o PYD abriu recentemente um escritório em Moscou. Saleh Muslim, presidente do PYD, disse ao *Al Monitor*:

Tivemos relações com a Rússia durante os últimos três anos. Andamos às voltas com Rússia, Moscou... Nós vamos lutar ao lado de quem combate o Daesh.³⁰

Desde 2015, YPJ e YPG têm lutado como parte das Forças Democráticas da Síria (SDF), em aliança com a Coalizão Árabe Síria e milícias assírias, turcomanas e armênias.

29 <https://libcom.org/news/experiment-west-kurdistan-syrian-kurdistan-has-proved-people-can-make-changes-zaher-baher-2>.

30 <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/10/turkey-syria-russia-pyd-leader-muslim-moscow-prevent-ankara.html#>.

ROJHILAT

Dentro do Irã, durante a revolução constitucional de 1906-1925, o povo curdo foi capaz de desenvolver organizações políticas e da sociedade civil. No entanto, a partir de 1925, o regime do Xá apoiado pelo Ocidente impôs a ‘persianificação’ sobre os curdos e outras minorias. Organizações e jornais curdos foram reprimidos, líderes políticos presos e a língua curda proibida. Rojhilat foi militarmente ocupada pelas forças do Xá, resultando em deslocamentos em massa dos curdos.

Em 1945, o Partido Democrático do Curdistão Iraniano (PDKI) foi formado. Em 1946, Qazi Muhammed, do PDKI, anunciou a formação da república curda de Mahabad, que durou pouco. Quando as forças soviéticas retiraram-se da área o exército iraniano entrou, e os líderes da república foram presos e executados.

De acordo com a escritora curda Dilar Dirik, muitos curdos tomaram parte na revolução iraniana de 1979, esperando que trouxesse uma sociedade melhor. No entanto, quando o regime de Khomeini tomou o poder, uma fatwa foi declarada contra os curdos, tornando aceitável matá-los³¹. O regime de Khomeini embarcou em anos de ataques militares no oeste curdo.

Em 1967, sob o regime do Xá, uma organização nacionalista de esquerda curda chamada Komala foi formada em Tehran. Depois da revolução de 1979, o aiatolá Khomeini viu os movimentos curdos como ameaça à revolução e declarou uma jihad contra eles. Komala e o PDKI começaram uma luta armada contra o regime. Durante este período, conselhos foram formados para organizar o povo nas cidades de Rojhilat. O Estado conseguiu esmagar o levante em 1983, levando à morte 10.000 pessoas em ambos os lados.

No início dos anos 2000, o Partido da Vida Livre do Curdistão (PJAK) se estabeleceu em Rojhilat. O PJAK é politicamente alinhado com o PKK. Desde 2006, o PJAK está envolvido em

31 New World Academy, *Stateless Democracy* (2015), p. 35.

uma luta armada contra o Estado iraniano. O PJAK tem bases junto com o PKK nas montanhas de Qandil (em Başûr dentro das fronteiras do Iraque), declaradamente divide munição com eles e em diversas ocasiões entrou na Turquia para apoiar operações militares do PKK. Da mesma forma, o PKK afirma ter entrado no Irã para lutar ao lado do PJAK. Em 2011, os governos da Turquia e da República Islâmica do Irã anunciaram cooperação militar contra o PKK e o PJAK. Atualmente o Irã tem feito ataques regulares, bombardeando e vigiando com drones as montanhas de Qandil.

Em maio de 2015, Ferinaz Xosrawani, uma mulher curda, pulou para a morte da sacada de um hotel de Mahabad em Rojhilat, para escapar de um estupro por agentes da inteligência iraniana. Protestos em massa foram feitos em Mahabad e o hotel foi incendiado. A polícia atacou os manifestantes com gás lacrimogêneo e munição real³².

Qualquer expressão de solidariedade com os movimentos curdos é fortemente reprimida pelo Estado iraniano. O Irã executou centenas de seus oponentes, incluindo curdos. Até agora, em 2016, ao menos dois prisioneiros curdos foram executados no Irã por associação com o PJAK³³. Em 2015, encontramos com um refugiado de Rojhilat que foi sentenciado à morte no Irã por demonstrar solidariedade com o povo de Kobanî em sua luta contra o Daesh.

32 <http://anfenglish.com/kurdistan/kurdish-woman-commits-suicide-to-avoid-rape-by-iranian-intelligence>.

33 <http://anfenglish.com/human-rights/kurdish-prisoner-behrouz-alkhani-and-five-others-executed-in-iran>.

Criminalizando nosso povo: os impactos sociais do banimento do PKK

DILAR DIRIK

Ano passado, quando a grande imprensa ocidental estava confusa sobre os “terroristas do PKK” lutando contra os “terroristas do Estado Islâmico”, provocou um sorriso no rosto dos curdos, que além de oprimidos nos países de origem, são estigmatizados e criminalizados por toda Europa.

A designação de terrorista demoniza um lado de um conflito, enquanto imuniza o outro. Isso se aplica especialmente ao conflito Turquia-PKK, com o segundo maior exército da OTAN de um lado, e um movimento de libertação nacional armado de outro. Mas nesse caso, um rótulo de terrorista também criminaliza uma comunidade inteira de pessoas comuns, negando direitos fundamentais.

O sobe e desce da lista de grupos e estados, como o Iraque de Saddam Hussein, de acordo com a situação política presente, são exemplos de como essa lista negra é política, não moral, independente de sua pretensão. Na realidade, essas listas fortalecem a violência patrocinada pelo estado reforçando o monopólio deste no uso da força, ignorando a legitimidade da resistência e fazendo nenhuma distinção moral entre grupos como o ISIS e movimentos que reagem a injustiças.

O Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) foi considerado um grupo terrorista pelos Estados Unidos em 1997 e pela União Européia em 2002. Quando afiliados do PKK cometeram atos violentos na Alemanha nos anos 90, a violência não foi o motivo para justificar o banimento, mas sim o PKK “atrapalhar os interesses da OTAN no Oriente Médio”. Ainda hoje, oficiais europeus confirmam que enquanto a posição da Turquia quanto

ao PKK se mantiver, eles irão se abster de remover esse banimento. Quando eles reconsideram esse caso, é porque estão passando por momentos tensos com a Turquia. Essa listagem agrada a Turquia, e também funciona como uma “carta na manga”, que é remover o inimigo da lista caso a Turquia não se comporte.

Não é necessário ser um simpatizante do PKK para ver esse bloqueio como um anacronismo. Em uma era onde não somente o PKK mudou sua perspectiva política, anunciou diversos cessar-fogo unilaterais, e iniciou um processo de paz de dois longos anos, é também a garantia de vida para comunidades étnicas e religiosas no Oriente Médio como o mais forte inimigo do Estado Islâmico. Velhos argumentos falham em manter-se.

Mas, além de argumentos políticos e legais, quais implicações sociais tem esse bloqueio?

Na Europa, os curdos constituem uma das comunidades políticas mais organizadas. O conceito de autonomia democrática é implementado na forma de assembleias do povo e das mulheres em diáspora. Esse potencial democrático em si é visto como uma ameaça.

Os governos europeus tentam deslegitimar organizações percebidas como terroristas destruindo suas bases de apoio, criminalizando em uma tentativa de despolitizar as comunidades e quebrar seus laços com a política de seus territórios de origem.

Mas os governos ocidentais são frequentemente cúmplices da opressão que forçam essas comunidades a migrar. O mesmo Estado que rotula o PKK como terrorista é o principal fornecedor de armas para a guerra da Turquia contra os curdos. Inteligência fornecida por drones americanos matou 34 civis curdos em 2011, tanques alemães destruíram 5.000 vilas curdas nos anos 90 nas mãos do exército turco. Ironicamente, enquanto apoiavam a Turquia e sua guerra contra os curdos, os estados europeus também aceitaram milhares de refugiados curdos devido a perseguições políticas nos anos 90. A natureza geopolítica explícita dessas listas reforça a injustiça; e por isso, para a comunidade curda essa listagem não é um padrão de moralidade ou legitimidade, já que curdos morrem devido a essas implicações. É na verdade a perseguição e o abuso de uma comunidade de milhões.

Na Europa, as pessoas não precisam cometer nenhum delito para serem presas por afiliação ao PKK. Na Alemanha, que mantém a mais agressiva criminalização devido à longa tradição de colaboração política e econômica com a Turquia, o critério para afiliação pode ser apenas uma simpatia perceptível, que é respondida por escutas nos telefones, violência física e psicológica em protestos, invasão de domicílios e fechamento de instituições sociais e políticas. Participação em eventos políticos e sociais, que normalmente são direitos democráticos protegidos em acordos internacionais, basta como critério de afiliação. Escritórios registrados, organizações estudantis e centros comunitários estão sob constante suspeita.

Pessoas são acusadas sem ver quais são as provas devido à natureza sigilosa de procedimentos anti-terrorismo. No caso de Adem Uzun, um conhecido político curdo e ativista, a razão de sua prisão foi fabricada por autoridades francesas.

Jovens curdos na Alemanha, França, e Reino Unido, sem o status de residente ou cidadania, são alvos por conta de sua vulnerabilidade e coagidos a colaborar com as autoridades como espões contra sua própria comunidade. Eles encaram ameaças de deportação caso se recusem. Hoje em dia, refugiados do Curdistão que escaparam do Estado Islâmico são ameaçados e perseguidos pela polícia europeia por participarem de atividades políticas.

Repressões simultâneas coordenadas na Europa coincidem com os últimos desenvolvimentos no Curdistão. Logo após as negociações de paz serem anunciadas entre o PKK e o Estado turco em 2013, atividades curdas foram reprimidas notavelmente na Espanha, Alemanha e França.

A visita de Angela Merkel ao presidente turco Erdogan antes das eleições de novembro expressaram seu apoio ao domínio autoritário-fascista e significou que a Europa fecharia seus olhos para massacres turcos se Erdogan mantiver os refugiados fora da Europa. Enquanto cidades curdas cercadas como Silvan sofreram um massacre pelo exército turco, a Alemanha invade casas e prende ativistas, enquanto escrevo.

Simultaneamente, depois de passar a maior parte do ano na cadeia, Shilan Özcelik, uma garota curda de 18 anos está sendo

julgada na Inglaterra sob acusações de terrorismo por supostamente querer juntar-se à luta contra o Estado Islâmico. Ativistas acreditam que o Reino Unido, que criminaliza os curdos há mais de uma década, quer criar um precedente com o caso de Shilan, especialmente depois que o voluntário britânico Konstandinos Erik Scurfield morreu lutando contra o terrorismo islâmico junto com os curdos na Síria, cujo funeral foi recebido por multidões admirando-o como um herói. O governo britânico está em uma aliança tática com as forças curdas no front, mas criminaliza a mesma luta internamente.

Estatísticas sobre os simpatizantes do PKK na Europa são baseadas apenas na intuição das autoridades, pois a desconfiança mútua entre a comunidade curda e os estados europeus torna impossível expressar opiniões políticas abertamente. O Reino Unido, França, Alemanha e Dinamarca deixaram sua posição clara fechando diversos canais de TV curdos, multando com valores pesados por alegadamente apoiarem o PKK. No caso da ROJ TV, acredita-se que o então primeiro ministro da Dinamarca, Anders Fogh Rasmussen tenha banido o canal para ganhar a simpatia da Turquia em seu posto na OTAN como secretário-geral em 2009, de acordo com documentos vazados.

Que mensagem deixam estes que prezam a si mesmos com liberdade de imprensa e democracia, que mensagem enviam para os centenas de milhares de curdos em diáspora que assistem esses canais como sua única voz e conexão com a terra natal?

Que ninguém está imune contra a constante aflição kafkiana da criminalização é exemplificado pelo caso de Nicole Gohlke, do Left Party e membro do parlamento alemão. Em novembro de 2014, durante o cerco do Estado Islâmico em Kobanî, ela falou em um protesto em Munique. Ela segurou a bandeira do PKK por 15 segundos, dizendo: *“Eu peço que o governo alemão não criminalize mais símbolos como este, porque uma luta pela liberdade, direitos humanos e democracia está sendo liderada por estas bandeiras neste momento. Removam o bloqueio ao PKK”*. Ela foi detida, forçada a pagar uma fiança e teve sua imunidade parlamentar revogada. Isto aconteceu em um ambiente político onde o PKK é internacionalmente aplaudido

depois de resgatar dezenas de milhares de yazidis cercados no Monte Sinjar.

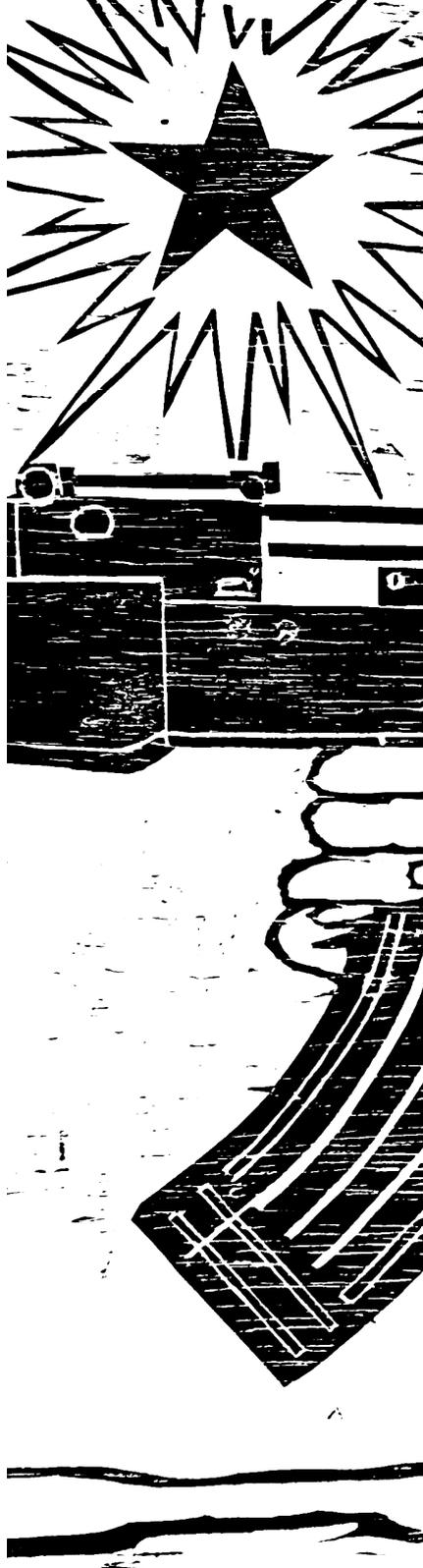
Claramente, a designação de terrorista é um véu atrás do qual a Europa esconde suas fraquezas. É uma ferramenta de controle para silenciar o dissenso e aniquilar consciência política. Mas o PKK é legítimo aos olhos de milhões de curdos; e é impossível fazer qualquer distinção entre “organização” e “base social”. Quem quer que participe de um protesto irá ouvir o slogan: “O PKK é o povo - e o povo está aqui!”. Kobanî, o bastião da resistência contra o Estado Islâmico, foi liberada com o slogan “Vida longa a Abdullah Öcalan.”

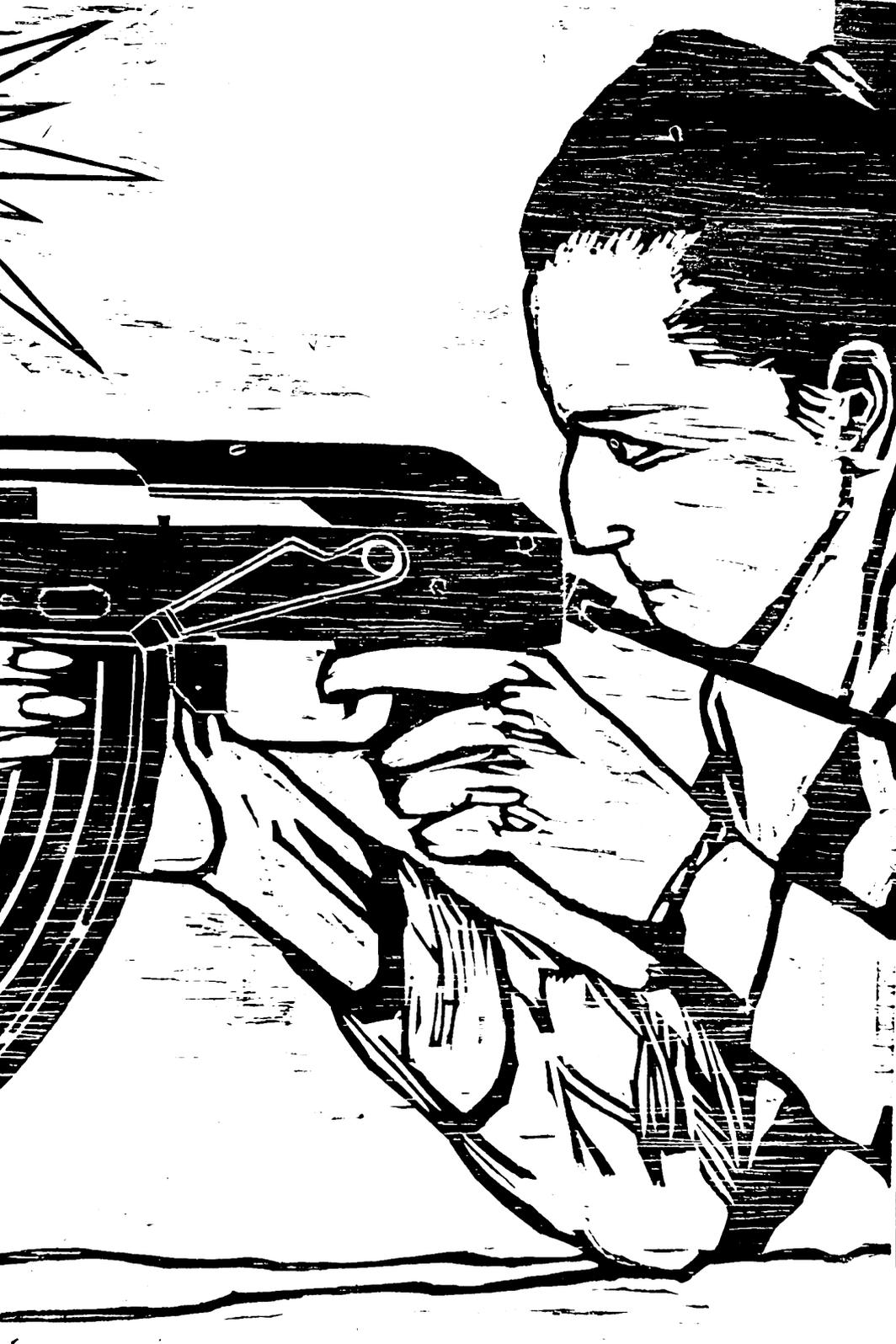
Hoje, o movimento de liberdade curda ao redor do PKK, especialmente com seu paradigma pioneiro de libertação feminina, apela não somente aos curdos, mas a todos os povos oprimidos da região. Em Rojava e Bakur, a idéia de uma autonomia democrática baseada na coexistência de todas as etnias está tomando forma.

Quando Kobanî estava cercada ano passado, todos viram o poder de mobilização da comunidade curda; centenas de manifestações espontâneas, greves-de-fome, ocupações e passeatas foram simultaneamente organizadas ao redor da Europa em horas. Ao mesmo tempo, a própria política duas-caras europeia foi exposta quando o PKK salvou comunidades inteiras no Oriente Médio, enquanto a Turquia, membro da OTAN, apoiava grupos jihadistas, querendo ver os curdos caírem diante do Estado Islâmico, sendo a maior causa da crise dos refugiados, pelo qual agora a União Europeia culpa a Turquia.

Independente da pretensão moralista, a repressão por governos que vendem armas e apoiam estados opressivos como a Turquia, que é realizada na esperança de assimilação acrítica especialmente de jovens curdos, partes pacíficas do sistema através do isolamento e roubo de suas opiniões, direitos democráticos, mídia e o senso de comunidade, alcançaram o oposto: uma comunidade com consciência política, com uma autonomia crescente e crítica que queimou as pontes com o sistema e deseja dedicar-se plenamente à luta legítima.

PARTE 2: ESTRUTURA DA REVOLUÇÃO





Confederalismo Democrático: Organizando uma Sociedade sem Estado

COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À
RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO

Em Nairobi, capital do Quênia, dia 15 de fevereiro de 1999, agentes da inteligência turca com apoio da CIA e do Mossad¹ realizaram uma operação para capturar e enviar ao Estado turco um dos homens mais procurados do mundo: Abdullah Öcalan. Considerado pelos turcos um terrorista, Öcalan é visto por grande parte da população curda como um líder revolucionário, um lutador pela liberdade dos curdos que se encontram divididos entre quatro estados. Öcalan é um dos fundadores e líderes do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) que trava desde 1984 até hoje uma guerra civil contra o Estado turco. Porém, os objetivos e os métodos desta luta mudaram ao longo dos anos. Öcalan permanece preso confinado em uma solitária na ilha de Imrali na Turquia, até hoje. Na prisão conseguiu um inédito acesso aos governantes turcos e conduziu as negociações de um processo de paz para pausar o conflito que já havia tomado 30.000 vidas². Porém, serão suas leituras e posteriormente seus escritos de dentro da prisão que vão influenciar as próximas lutas do povo curdo, que abandonam a luta por libertação através da formação de um Estado independente para fomentar a organização de uma

1 O Millî İstihbarat Teşkilatı ou MIT é agência de inteligência do governo turco, a CIA corresponde à inteligência americana e o Mossad à inteligência de Israel.

2 A contagem varia entre 30 e 40 mil, aqui usamos os dados de James, C., & Ozdamar, O. (2009). *Modeling Foreign Policy and Ethnic Conflict: Turkey's Policy Towards Syria*. *Foreign Policy Analysis*, 5(1).

sociedade sem estado. Esta teoria é nomeada confederalismo democrático.

A MUDANÇA DE PARADIGMA DO PKK

Em 1978³ o PKK foi fundado em Ancara por um grupo de estudantes universitários curdos e turcos. Ideologicamente concebido como marxista-leninista com elementos maoístas e com objetivo alinhado às lutas anti-coloniais da época, o PKK acreditava na libertação nacional e criação de um Estado socialista como a única possibilidade de acabar com a opressão do povo curdo. Esta luta para libertar o povo curdo no território turco e um forte trabalho de base garantiram que o partido tivesse uma grande adesão popular em um curto espaço de tempo. O golpe militar ocorrido na Turquia em 1980 teve um grande impacto em toda esquerda no país, em especial no PKK ainda em formação. A organização entrou na clandestinidade: refugiou-se em países vizinhos e obteve apoio de outros partidos e frentes de esquerda. Em 1982 ganhou experiência militar ao participar da resistência à invasão israelense no Líbano. A partir de então o PKK passou a agir em operações armadas contra o Estado turco.

Nunca livre de contradições, o PKK enfrentou uma crise ideológica ainda maior com o fim da União Soviética (1991) e mesmo no auge da guerra civil considera-se que os anos 90 foram um período de mudança e reflexão na ideologia do partido. Um dos principais fatores para este processo é a movimentação das mulheres que desde 1987 já tinham suas organizações independentes e desde 1993 uma unidade de guerrilha exclusiva.

Isto significava que mulheres combatentes não estavam mais sob o comando direto dos guerrilheiros homens e seriam capazes de tomar suas próprias decisões, planos e a implementação destes planos. Este desenvolvimento deu às mulheres uma auto-

3 O grupo já se reunia desde o início dos anos 70 utilizando outros nomes.

confiança significativa e levou a enormes transformações ideológicas, políticas e sociais. Foi o segundo marco desde a heróica resistência das mulheres nas prisões turcas e levou a mudanças revolucionárias em como as mulheres eram percebidas dentro da sociedade curda, particularmente entre os homens. (Havin Güneşer, em 'Feminicide'. Stateless Democracy, 2015, pg. 61)

Foram de grande importância as manifestações culturais de comemoração do Newroz⁴, o ano novo para os curdos, no início dos 90. As comemorações eram proibidas pelo Estado turco e a ousadia do PKK acabou sendo recompensada pela adesão em massa ao partido. Entre estes novos militantes muitas mulheres e estudantes passaram a se organizar dentro e ao redor do partido, isto gerou um grande conflito interno entre antigas lideranças e as novas idéias que então conquistavam espaço no movimento.

Dentro do próprio partido houve tentativas de “restaurar” o lugar da mulher de volta à esfera privada do lar. Nos anos 90, quando o confronto com o Estado turco foi mais violento, algumas lideranças de grupos de guerrilha dentro do PKK concentraram e monopolizaram poderes a ponto de ameaçar a visão de libertação do povo curdo e coube às mulheres enfrentar essa estrutura interna. Porém, já não era mais possível retroceder e tal conflito interno serviu para fortalecer as organizações autônomas das mulheres que tornariam-se uma das novas bases do movimento. Öcalan e o partido passaram, então, a considerar a criação do Estado como originária do mesmo patriarcado que subjogou as mulheres nas primeiras civilizações, escravizando-as ideologicamente pelo uso da força e pela retirada da economia de suas mãos. O capitalismo seria a consequência atual deste mesmo processo de 5.000 anos de uma sociedade patriarcal, pois a colonização da mulher seria o precedente para todas as outras. Nas palavras do próprio Öcalan:

4 O Newroz é uma comemoração de passagem de ano de origem persa, mas realizada por diversas etnias no Oriente Médio.

*Capitalismo e o Estado-nação representam o macho dominante em sua forma mais institucionalizada. A sociedade capitalista é a continuidade e culminação das antigas sociedades exploratórias. É uma guerra contínua contra a sociedade e a mulher. Colocando sucintamente, capitalismo e o Estado-nação são os monopólios do macho tirano e explorador. (Abdullah Öcalan, *Liberating Life: Woman's Revolution*, pg. 43)*

Assim é construída uma crítica ao modelo de Estado-nação no qual esse será sempre baseado na dominação patriarcal e conseqüentemente nas dominações de classe, etnia e religião. Os Estados seculares teriam trocado a gênese religiosa e suas divindades pelas bandeiras nacionais. O molde de identidade estabelecido para a formação de um Estado, associado com a competitividade econômica e necessidade de promover “desenvolvimento” através da devastação do ambiente não permite que o Estado alcance os objetivos de liberdade, igualdade e justiça que gosta de elencar como seus. Com essa crítica abrem-se os caminhos não somente para que os movimentos de libertação curda atualizem aquilo que não lhes serve, mas também fornecem uma nova base para reconstruir sua luta.

Além do conhecimento da insurgência dos Zapatistas em 1994⁵ que fizeram uma transição ideológica semelhante ao PKK, na prisão, Öcalan passa a estudar autores como Nietzsche, Foucault, Wallerstein, Goldman, Clastres, Benjamin, mas principalmente a obra de Murray Bookchin, anarquista⁶ americano falecido em 2006, indicação de uma das mulheres do partido.⁷

5 O movimento Zapatista permanece hoje organizando comunidades autogeridas no estado de Chiapas, no México.

6 No final da vida, Bookchin que se considerava eco-anarquista passou a se considerar comunalista, pois discordava dos aspectos individualistas, primitivistas e místicos que dominaram o movimento anarquista nos EUA, especialmente nos anos 90.

7 De acordo com Janet Biehl, autora e ex-companheira de Bookchin, que prefere não revelar o nome da militante por questões de seguran-

Bookchin acreditava que uma sociedade livre só seria construída com o fim das hierarquias e para isto deveríamos construir uma nova ecologia social. Seu propósito era um sistema de organização da sociedade horizontal capaz de construir o poder popular que tornaria o Estado obsoleto.

Para ele, a era na qual as revoluções surgiam de forma espontânea acabaram, os trabalhadores perderam seu aspecto revolucionário como o próprio testemunhou nos Estados Unidos ao deixarem as ruas depois de beneficiados por melhores condições de trabalho através de políticas reformistas. Seria preciso organizar um contrapoder ao Estado, se este poder não for criado, a queda do Estado seria apenas um vácuo a ser preenchido por aqueles que já tem poder e organização, resultando não necessariamente em uma sociedade mais livre.

Na prática Bookchin acreditava em um sistema de conselhos horizontais discutindo política cara-a-cara e tomando decisões locais, uma estrutura que chamou de *municipalismo libertário*. Para ele o município era uma estrutura política onde a população encontra a transição da vida privada para a pública, um espaço qualitativamente diferente da estrutura do Estado. Nesta esfera os cidadãos conseguem ter uma visão geral das dinâmicas e de como intervir na política. Assim, ele propõe a participação em eleições municipais até que se alcance a força necessária para promover a criação de conselhos e comunas horizontais que passariam a deter poder e discutir política com a possibilidade de implementar as decisões. Esta estrutura seria para ele uma tradição comunalista do anarquismo, pois encontra respaldo nas obras de Bakunin, Kropotkin e Proudhon⁸. Um poder democratizado horizontalmente assim seria criado e se coordenaria através de confederações de comunas.

ça. Biehl visitou Rojava por duas vezes depois que os cantões foram estabelecidos.

8 Entre outras referências, Bookchin aponta *A Idéia Anarquista* (1879) de Kropotkin, o *Catecismo Revolucionário* (1865-1866) de Bakunin e *O Princípio Federalista* (1863) de Proudhon.

O que, então, é confederalismo? É acima de tudo uma rede de conselhos administrativos cujos membros ou delegados são eleitos em assembleias democráticas cara-a-cara, nas diversas vilas, cidades e mesmo em vizinhanças de grandes cidades. Os membros destes conselhos confederados são estritamente mandatários, revogáveis e responsáveis em relação às assembleias que os escolheram para o propósito de coordenação e administração das políticas formuladas pelas próprias assembleias. Sua função é puramente administrativa e prática, não criadora de políticas como a função de representantes em sistemas republicanos de governo.

Uma visão confederalista envolve uma clara distinção entre a criação de políticas e a execução das políticas adotadas. A criação de políticas é um direito exclusivo das assembleias populares comunitárias baseadas na prática da democracia participativa. Administração e coordenação são responsabilidades dos conselhos confederados, que se tornam o meio de conexão das vilas, regiões, bairros e cidades em uma rede confederada. O poder então flui de baixo para cima e não de cima para baixo, e nas confederações, o fluxo de poder de baixo diminui no escopo territorial do alcance do conselho federal das localidades para as regiões e das regiões para áreas cada vez maiores. (Murray Bookchin (1990), 'The Meaning of Confederalism', reimpresso em 'Stateless Democracy' (2015), pg. 121).

Já no final da vida, Bookchin, ressentindo-se do fato de que sua contribuição para a organização de uma sociedade democrática não foi compreendida por anarquistas e ecologistas ocidentais, recebe a notícia que o líder curdo Abdullah Öcalan, a quem ele se recordava como mais uma figura autoritária e militarizada, se declarava um estudante de sua obra. Bookchin já doente não pôde visitar Öcalan e morreu em 2006 sem conhecer o que seria construído em Rojava na próxima década.

De dentro da prisão, Öcalan sintetiza a idéia de confederalismo democrático sobre os pilares do municipalismo libertário de Bookchin. A ecologia social, a democracia direta e a horizontalidade, já em si críticas ao modelo de Estado-nação e ao capitalismo,

são ligadas à história de resistência do povo curdo e minorias, mas principalmente do processo de desconstrução do patriarcado e suas máximas expressões como a modernidade capitalista e o Estado.

Em contraste com uma compreensão centralista e burocrática de administração e exercício do poder, o confederalismo representa um tipo de auto-administração política, onde todos os grupos da sociedade e todas as identidades culturais podem expressar-se em reuniões locais, convenções gerais e conselhos. Esse entendimento da democracia abre o espaço político para todos os estratos da sociedade e permite a formação de grupos políticos diferentes e diversificados. Desta forma, também aumenta a integração política da sociedade como um todo. A política torna-se uma parte da vida cotidiana. Sem a política, a crise do Estado não pode ser resolvida, uma vez que a crise é alimentada pela falta de representação da sociedade política. Termos como federalismo ou auto-administração, na forma que podem ser encontrados nas democracias liberais, precisam ser novamente concebidos. Essencialmente, eles não devem ser concebidos como os níveis hierárquicos da administração do Estado-nação, mas sim como ferramentas centrais de expressão e participação social. Isso, por sua vez, vai aumentar a politização da sociedade. Nós não precisamos de grandes teorias aqui, o que precisamos é a vontade de dar expressão às necessidades sociais, através do reforço estrutural da autonomia dos atores sociais e criar as condições para a organização da sociedade como um todo. A criação de um nível operacional onde todos os tipos de grupos sociais e políticos, comunidades religiosas, ou tendências intelectuais podem expressar-se diretamente em todos os processos de tomada de decisões locais também pode ser chamado de democracia participativa. Quanto mais forte a participação, mais poderoso é este tipo de democracia. Enquanto o Estado-nação está em contraste com a democracia, e até mesmo a nega, o confederalismo democrático constitui um processo democrático contínuo. (Öcalan, Abdullah. 2011. Democratic Confederalism, pág. 7).⁹

9 Tradução: Grupo de Estudos Anarquistas Maria Lacerda de Moura.

BAKUR E ROJAVA: O CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO COMO REALIDADE

Bakur, significa norte em kurmanjî, o norte do Curdistão fica dentro do que conhecemos como Turquia. Neste território está a maior parte da população curda¹⁰ e é de onde surge o PKK e grande parte dos movimentos de libertação curda diretamente envolvidos nas atuais lutas por autonomia dos curdos. Antes da Guerra Civil na Síria iniciada em 2011, foi na Turquia os primeiros experimentos de transição do confederalismo democrático da teoria para uma prática política.

Porém, são duas realidades diferentes por conta das ameaças externas que enfrentam em paralelo a este processo político. Enquanto na Síria, mesmo sob constante ataque de diferentes facções, os curdos e aliados conseguem manter seu território com uma certa estabilidade, enquanto o Curdistão turco é dominado por uma potência bélica¹¹ na forma do Estado, que reprime e massacra sistematicamente seu povo.

No sudeste da Turquia desde 2007 reúne-se o Congresso por uma Sociedade Democrática, ou DTK, que reúne delegações de

Dezembro 2014, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://estudosanarquistas.noblogs.org/files/2015/01/CONFEDERALISMODEMOCRATICO.pdf>

10 Os estudos estatísticos mais sérios são apenas estimativas parciais em torno de quem fala curdo como primeira e segunda língua na Turquia, geralmente sendo a referência os trabalhos de Mutlu, de 1990. Esses estudos consideram que nos anos 1990, 17,8% da população da Turquia é curda; no mesmo estudo considera-se que 45% da população curda da região concentra-se na Turquia. Nesse sentido é possível estimar que existem 13,461,674 curdos hoje na Turquia, aproximadamente 29,914,832 na região, 32 milhões somando a Europa e mais 500 mil espalhados pelo mundo – para essa estimativa básica não consideramos a diferença da taxa de crescimento populacional entre 1990 e 2012.

11 A Turquia possui o segundo maior exército (número de soldados regulares) dentro da OTAN.

comunas espalhadas por toda a região. Semelhante ao que veremos em Rojava, é utilizado o conceito de autonomia democrática para as decisões sendo tomadas localmente pelas comunas e pela base e o confederalismo democrático é a união destas comunidades em assembleias que coordenam toda a região, as “comunas das comunas”.

O DTK é apenas o último nível de assembleia, antes dele as decisões são tomadas e os representantes dessas decisões são eleitos nas comunas, nas assembleias de cidade e de província, para então as discussões chegarem no DTK que compreende todo o território curdo na Turquia. Em paralelo existem comissões que lidam com questões específicas como justiça, defesa, ecologia, cooperativas, etc. Todas essas assembleias correm em paralelo com as assembleias exclusivas para mulheres que seguem este mesmo formato e com as quais dividem a tomada de decisões. Existem diversos tipos de cotas de gênero, etnia e religião, em especial a divisão de todo cargo administrativo, político ou militar entre uma mulher e um homem. Estas mesmas condições estão presentes nos conselhos populares de Rojava, como veremos a seguir.

Este modelo tem apoio de partidos curdos e pró-curdos como o BDP (Partido Paz e Democracia) e o HDP (Partido Democrático dos Povos) - este último conseguiu entrar no parlamento turco nas últimas eleições¹² - e principalmente do PKK, que torna justificável para o Estado turco a repressão ao modelo político tanto por ser uma ameaça ao Estado quanto por ser apoiado por um partido rotulado como “terrorista” pelo governo. Como acreditava Bookchin, na Turquia a formação destes conselhos foi precedida pelo sucesso eleitoral dos partidos curdos e pró-curdos em municípios do Curdistão turco. Para fortalecer este sistema o PKK criou a União das Comunidades do Curdistão (KCK) e a União das Mulheres do Curdistão (KJK) que são entidades cujo objetivo é unir e espalhar entre as comunidades curdas em todo

12 Este sucesso eleitoral do HDP reacendeu a repressão do governo turco sobre os curdos e resultou em cidades sitiadas e massacres de civis pelas forças armadas desde novembro de 2015.

mundo as idéias e a forma de organização do confederalismo democrático.

Tanto em Rojava quanto Bakur, a aposta é que este sistema político seja a única possibilidade de democracia e um exemplo que pode se espalhar e por fim às políticas de segregação, racismo e intolerância que são a base dos Estados-nação do Oriente Médio e do mundo. Para o DTK, o sistema de conselhos não é apenas uma solução para a autonomia dos curdos, mas sim para a verdadeira democratização da Turquia:

*Autonomia democrática como solução para a questão curda não pode ser separada da democratização da Turquia como um todo. As declarações de autonomia democrática são portanto passos em direção à democratização da Turquia. Nós as consideramos legais e necessárias para toda população da Turquia. Sem dúvida democracias locais tomariam diferentes formas de acordo com as condições e necessidades de cada área, região e comunidade. Sob a autonomia local de diversas identidades, cada área pode adaptar a democratização em suas próprias circunstâncias.*¹³

A ESTRUTURA POLÍTICA DE ROJAVA

Diferente de Bakur, em Rojava não foi uma construção política dentro do Estado que culminou na formação de comunas em assembleias, foi quando o Estado abandonou a região, pois não tinha contingente suficiente para defender o norte e o oeste do país, que passou a ser disputado com os rebeldes, a partir de 2011. Em Rojava estabeleceu-se inicialmente três cantões autônomos: Afrin, Kobanî e Cizîrê. Estes cantões ficaram conhecidos como autonomias democráticas, onde cada uma destas possui seu próprio corpo político semelhante, com

13 Declaração do DTK feita em dezembro de 2015. Obtida através do livro *Struggles for Autonomy in Kurdistan*, pg. 32.

a pretensão de coordenação superior dos três territórios através de uma confederação. A formação desta confederação vem sendo dificultada pela guerra e a separação territorial dos cantões, especialmente Afrin, isolado no noroeste da Síria. Esta separação pode chegar a um fim com a operação das Forças Democráticas Sírias¹⁴ em 2016, que pretende criar um corredor de passagem e tomar o território do Estado Islâmico ao longo da fronteira com a Turquia.

Acontece que em 2016, a Revolução de Rojava, que já consolidou um sistema de democracia radical nos territórios de maioria curda, extrapolou as fronteiras do “Curdistão”. Passou a libertar aldeias historicamente árabes do Estado Islâmico e nelas organizar as comunidades locais dentro do mesmo sistema de autogestão, e se assim decidirem, estas comunidades passam a agir em coordenação com Rojava e outras que também decidiram organizar-se através do federalismo junto aos três cantões. Trata-se de um projeto que vai evoluindo da libertação de Rojava para a criação de uma sociedade democrática, usando o sentido real da palavra e não seu rótulo esvaziado, no norte da Síria.

Mas como se organizam politicamente estas regiões, cidades, aldeias? Quando conversamos com Yılmaz Orkan, representante do Congresso Nacional do Curdistão (KNK), uma organização de curdos que hoje vivem na Europa, ele resumiu da seguinte forma:

Nós baseamos nosso sistema na federação de comunas, conselhos populares e um parlamento. O sistema que focamos é o que está no Contrato Social, certamente ainda será discutido, mas as bases são as comunas e os conselhos das cidades, as regiões de Rojava. Nestes conselhos a vontade do povo é a base. Desta forma o sistema de autonomia e auto-administração será a base do sistema federal.

14 Coalizão das milícias curdas do YPG (Unidades de Proteção Popular) e YPJ (Unidades de Proteção Feminina) com milícias árabes, cristãs e grupos rebeldes seculares e que recebem apoio militar da OTAN.

Embora a chave da democracia direta em Rojava sejam as decisões tomadas nas comunas que vão subindo aos conselhos de bairro e distritais, no topo existem formas de representação e administração responsáveis pela execução coordenada dessas decisões, pela política externa, ações de defesa militar e questões jurídicas, por exemplo. Vamos analisar esta estrutura partindo da menor unidade territorial até a maior.

OS CONSELHOS POPULARES

Os conselhos populares foram estabelecidos em Rojava logo no início da Revolução em 2012, baseados em um sistema que tem sido utilizado pelos curdos na Turquia há alguns anos. Em Rojava é o Movimento por uma Sociedade Democrática, que vamos chamar aqui de TEV-DEM, o responsável por criar os primeiros conselhos e fazer um importante trabalho de conscientização da população em participar desta política direta. O TEV-DEM surge como um grupo dentro do Partido da União Democrática (PYD), mas se emancipa em 2005, nas palavras de um dos fundadores Aldar Xelîl:

A história do TEV-DEM é longa. Em 2003 nos mobilizamos com o nome PYD. Até 2005 operamos como um partido. Depois de 2005 decidimos que não poderíamos conquistar uma organização política e social como um partido. Precisávamos de um teto diferente para isto. Estávamos em uma jornada, uma busca. Depois de 2005 deixamos as questões políticas para o PYD e organizamos a sociedade de forma autônoma, independente do PYD.¹⁵

Quando inicia a guerra civil na Síria, em 2011, e as tropas do presidente sírio Bashar Al Assad concentram-se em defender as zonas urbanas, a população curda cerca as instituições militares e

15 Trecho de uma entrevista realizada por Janet Biehl e publicado no livro *Struggles for Autonomy in Kurdistan*, pg. 33.

consegue expulsar os soldados do governo. Isso abre um vazio no poder que é preenchido pelas assembleias e comunas.

Desta forma, o nível mais básico e ao mesmo tempo mais importante de organização são as comunas, nelas toda a população de um bairro, rua, vilarejo ou quadra se reúne em média a cada duas semanas. As comunas são formadas em cada região onde habitem até 400 famílias de modo que todos consigam opinar e discutir as questões locais. Quando uma comuna se torna grande demais ela é dividida. O manifesto do TEV-DEM resume as comunas da seguinte forma:

As comunas são as menores células e as mais ativas na sociedade. Elas são formadas de forma prática na sociedade, existe liberdade das mulheres e ecologia e a adoção de democracia direta.

As comunas formam um princípio de participação direta dos povos nas vilas, na rua, nos bairros e nas cidades. Estes são os lugares onde as pessoas voluntariamente se organizam com suas opiniões, criam seu livre arbítrio, iniciam suas atividades em áreas residenciais e abrem a porta para discussões sobre todas as questões e suas soluções.

As comunas funcionam desenvolvendo e promovendo comitês. Eles conversam e buscam soluções de questões sociais, políticas, educacionais, de segurança, auto-defesa e auto-proteção de seu próprio poder, não do Estado. Comunas criam seu próprio poder através da construção de organização na forma de comunas agrícolas nas aldeias e também comunas, cooperativas e associações nos bairros.

Formar comunas nas ruas, aldeias e cidades com a participação de todos os residentes. Comunas têm encontros toda semana. Nos encontros, as comunas tomam todas as decisões abertamente pelas pessoas que são da comuna e maiores de 16 anos.¹⁶

16 Traduzido do árabe por Zaher Baher em: <https://libcom.org/news/experiment-west-kurdistan-syrian-kurdistan-has-proved-people-can-make-changes-zaher-baher-2>

As comunas elegem um comitê que se reúne semanalmente, mas todos podem assistir estas reuniões, e elegem também 2 co-presidentes: uma mulher e um homem. Nas comunas assim como nas assembleias superiores prevalece o ditado: “poucos problemas, muitas soluções”. É responsabilidade e dever da comuna e de seus participantes tomar e executar as decisões locais quando possível. Apenas se necessário ou quando precisam estar coordenadas com outros territórios essas decisões são levadas para o próximo nível. Podemos exemplificar uma sessão da comuna por esse relato de Zanyar Omrani em 2014, durante o cerco do Estado Islâmico à cidade de Kobanî:

Eu presenciei as sessões da comuna na cidade de Serikani e eu estava lá em suas seções semanais que uniam jovens e velhos, testemunhando as eleições da comuna. As seções começavam com uma fala sobre as últimas reuniões da comuna e então perguntavam às pessoas sobre alguns problemas locais. Uma das questões discutidas era a forma que refugiados de Kobane eram acomodados em Serikani e depois de duas horas de conversa e discussão, os participantes chegaram a alguns acordos sobre os casos. Determinar o local para a acomodação temporária, clarificar as formas de prover comida, etc. foram questões que os participantes decidiram resolver depois.

Ou este relato de Zaher Bader em que presenciou reuniões de comunas em maio de 2014:

Nós fomos à reunião de uma das comunas baseada no bairro de Cornish na cidade de Qamişlo. Havia 16 ou 17 pessoas no encontro. A maioria eram jovens mulheres. Entramos em uma profunda conversa sobre suas atividades e suas tarefas. Elas nos contaram que em sua vizinhança tem 10 comunas e cada comuna é composta por 16 pessoas. Elas nos disseram ‘Nós agimos da mesma maneira que trabalhadores sociais, incluindo encontrar pessoas, participar de reuniões semanais, checar qualquer problema nos lugares onde vivemos, proteger as pessoas da comunidade

e resolver seus problemas, coletar o lixo da área, protegendo o ambiente e participando dos maiores encontros para relatar de volta o que aconteceu na última semana'. Em resposta a uma de minhas perguntas, elas confirmaram que ninguém, incluindo qualquer um dos partidos políticos, intervém em suas tomadas de decisões e que todas as decisões são coletivas.

As decisões são tomadas por consenso, quando este não é possível recorrem a votação. Existem princípios na organização da comuna que irão se replicar em todas as outras instâncias, como a necessidade de que não pode haver menos de 40% de mulheres presentes¹⁷. Também 10% são reservados para minorias étnicas e religiosas. Ainda na questão de gênero, todo cargo, como por exemplo a presidência de uma assembleia, é dupla: ocupado por uma mulher e um homem, sendo que a representante feminina é escolhida apenas pelas mulheres.

As comunas têm comissões para lidar com questões específicas, como saúde, educação, agricultura, cooperativas, etc. Os níveis superiores também terão estes grupos de acordo com a necessidade de coordenação dessas atividades em diferentes territórios. Um dos casos mais notórios são as comissões de reconciliação e justiça, responsáveis por chegar em acordos entre as partes de uma disputa. Questões que anteriormente se prolongavam por anos em tribunais do Estado hoje são resolvidos dentro da comuna. Estatísticas internas apontam que atualmente 90% dos conflitos judiciais são resolvidos dentro da comuna.¹⁸

Agora que definimos a comuna é importante explicar que existe um poder paralelo a elas, assim como todos os conselhos em outros níveis terão. Existem comunas, reuniões e assembleias só de mulheres, realizadas por um movimento chamado Kongreya Star. O Kongreya Star tem o mesmo papel que o TEV-DEM e organiza

17 De fato é uma cota de gênero, não pode haver menos de 40% de homens ou de mulheres.

18 De acordo com o artigo "Self-Defense as a Revolutionary Practice in Rojava, or How to Unmake the State" de Nazan Üstündağ.

as mulheres em questões específicas como as casas de mulheres (*mala jînan* em kurmanjî) que promove cursos sobre feminismo, autodefesa e acolhe mulheres em risco.

São as comunas exclusivas das mulheres que decidem os assuntos relacionados a suas próprias vidas. Foram estas comunas que proibiram o casamento infantil e a poligamia, por exemplo. Casos de violência doméstica, um dos poucos crimes, junto com assassinato e estupro, cuja punição é o encarceramento, também são levados às comunas femininas para avaliação, porém podem ser levados para outras instâncias jurídicas se necessário. Elas também possuem poder de veto das decisões tomadas pela comuna mista quando argumentado que tal decisão afetaria as mulheres da região de forma negativa. Além disso, podem barrar homens de exercer cargos caso estes tenham histórico ou denúncia de violência contra a mulher. Sirin Ibrahim Ömer, que participa das reuniões do distrito de Hileli em Qamişlo, relata as atividades e o trabalho que tem que desenvolver para estimular a participação das mulheres na vida política:

Nós somos 60 mulheres ativas em nossa comuna. Uma vez por semana fazemos trabalho educacional - nós lemos livros juntas e discutimos. Duas vezes por mês nós visitamos outras mulheres e explicamos as tarefas da revolução. Muitas são bastante influenciadas pela lógica do Estado - elas não se veem como pessoas que podem resolver suas próprias questões. Elas tem muitas crianças, e muitas discussões em casa. As crianças ficam na rua brincando ao invés de irem pra escola. Nós nos preocupamos com isso. Se uma família não tem renda, nós temos um comitê para isso, para providenciar alimentação básica.¹⁹

Mas também é nítida a mudança da sociedade em relação a participação política das mulheres e a forma como se posicionam na sociedade, até mulheres que pertencem a práticas religiosas conservadoras, que eram condicionadas a não sair de

19 Depoimento coletado pela delegação TARTOT Kurdistan.

suas casas desacompanhadas agora participam de assembleias e mobilizam suas comunidades.²⁰ Também as mulheres e homens que participam da guerrilha recebem formação política e de feminismo do TEV-DEM, em um eventual pós-guerra espera-se transformações ainda mais radicais destas mulheres que voltarão a vida civil. Por exemplo, quando a líder da operação militar com a finalidade de retomar a cidade de Raqqa do Estado Islâmico, Rojda Felat, foi perguntada sobre a reação dos homens ao descobrirem que estariam sob o comando de uma mulher respondeu:

Quando olhamos para a Revolução de Rojava são as mulheres que são a vanguarda da revolução. Arin Mirkan foi um exemplo disso. Estas camaradas nos mostraram o caminho a seguir. Nossos companheiros homens estão acostumados com este caminho e não se surpreendem mais com isso, eles nos respeitam e nos apoiam.

Dentro da comuna, o comitê elege delegados para participar da assembleia do próximo nível que abrange uma região territorial maior. Neste caso o primeiro nível de coordenação acima das comunas são os conselhos de bairro, no caso de zonas urbanas, ou conselhos de aldeias, em zonas rurais. Este nível de conselho pode agrupar delegados representando de 7 a 30 comunas. Estes conselhos de vizinhança encontram-se nas casas do povo (*mala gel*). Na cidade de Qamişlo, a maior de Rojava, existem 7 casas do povo e 97 comunas²¹. Este conselho também elege

20 Dilar Dirik, ativista curda e estudante do departamento de sociologia em Cambridge, entrevistou mulheres com este histórico em seus texto “*Building Democracy Without State*”. <https://roarmag.org/magazine/building-democracy-without-a-state/>

21 Assim era em 2014 de acordo com o relato de Zanyar Omrani disponível em: <http://www.kurdishquestion.com/oldsite/index.php/insight-research/introduction-to-the-political-and-social-structures-of-democratic-autonomy-in-rojava/1153-introduction-to-the-political-and-social-structures-of-democratic-autonomy-in-rojava.html>

um comitê que irá participar da próxima assembleia de maior alcance geográfico: as distritais.

Aqui já estamos falando do terceiro nível: primeiro a comuna, depois bairros/aldeias, e agora distrital. Este geralmente engloba cidades inteiras ou partes de regiões metropolitanas que concentram grandes populações. Por exemplo, temos a descrição da estrutura da cidade de Hasakah por Mamosta Abdulselam, integrante local do TEV-DEM:

Cento e uma pessoas sentam no conselho da cidade de Heseke. Além disso, o PYD tem cinco representantes, assim como outros cinco partidos. As Famílias dos Mártires tem cinco, o Yekitiya Star²² tem cinco, a Juventude Revolucionária tem cinco, e os Liberais tem cinco. Os conselhos de distrito normalmente se reúnem a cada dois meses. Vinte e uma pessoas são eleitas para a coordenação. A liderança se reúne uma vez por mês ou mais quando for necessário em casos especiais. Sempre ao menos 40% dos representantes são mulheres e pelo menos 40% são homens. Decisões são tomadas de acordo com o princípio de consenso. É tomado o cuidado para que uma pessoa não domine os procedimentos. Os co-líderes são eleitos. Membros da comuna os nomeiam e então os elegem.²³

O conselho distrital é formado por delegados dos comitês de bairros/aldeias e também por representantes de entidades que representam diversas classes como trabalhadores, juventude, mulheres, partidos, etc. Conforme diz o relato, todos os partidos que apoiam os conselhos populares têm o mesmo número de representantes, diferente do que afirmam alguns críticos sobre uma dita hegemonia do PYD. Além disso, para que não se perca a ligação com a base, membros da comuna são eleitos para participar diretamente neste nível, evitando assim a verticalização e que o poder se concentre em plataformas.

22 Este movimento de mulheres mudou seu nome para Kongreya Star. Vide glossário.

23 Depoimento coletado por TARTOT Kurdistan.

É importante dizer que as decisões são sempre coletivas a partir da comuna, os delegados enviados às assembleias devem expor as decisões tomadas pelo coletivo nas comunas, estes representantes prestam contas e são cobrados por isto pela população. Estes cargos são rotativos e podem ser revogados caso a comuna entenda que suas decisões políticas não foram bem defendidas ou consideradas pelo representante. Apesar da estrutura política realizar estas conexões e mecanismos que garantem a participação da população em todos os níveis, muitas comunas já possuem uma flexibilidade e comunicação com comunas vizinhas de forma orgânica através dos laços entre as comunidades que não podem ser ignorados.

O quarto e último nível é Conselho Popular do Curdistão Oeste (Meclîsa Gel a Rojavayê Kurdistanê ou simplesmente MGRK), que reúne representantes dos 3 cantões e outros territórios libertados que decidiram se organizar politicamente com os conselhos. Devido à dificuldade em tempos de guerra esse grupo poucas vezes consegue reunir a representação de todos os territórios, espera-se que as campanhas militares iniciadas na metade de 2016 consigam unir os territórios, por exemplo, os cantões de Afrin e Kobanî separados pelo território ocupado pelo Estado Islâmico em Manbij e Al Bab.

ADMINISTRAÇÃO AUTÔNOMA DEMOCRÁTICA

As decisões políticas em Rojava são tomadas pelo sistema de conselhos populares explicados anteriormente, mas existe uma estrutura paralela no corpo político de Rojava. As Administrações Autônomas Democráticas são poderes administrativos com funções específicas dentro de cada cantão e foram criadas em 2014 pelo TEV-DEM e outras organizações políticas. Cada uma destas administrações são compostas por 22 mulheres e homens e sua função é implementar e executar as decisões e projetos dos conselhos populares, uma separação entre o criador de políticas que deve ser o povo e executor na forma de instituições que coordenam as comunidades entre si como argumentava Bookchin.

Dentro deste parlamento existe uma divisão entre deputados da Assembleia Legislativa e os que participam do Comitê Executivo.

A Assembleia Legislativa deverá ser eleita por eleições gerais, algo que ainda não aconteceu devido aos confrontos e à separação territorial, no momento ela é ocupada por partidos e organizações de Rojava. Discute-se a possibilidade de que esta Assembleia seja futuramente composta em 40% por membros dos conselhos populares, unificando assim as duas formas de poder.

Esta assembleia é responsável por legitimar as decisões dos conselhos populares em forma de leis, ela também pode propor mas cabe aos sistemas de conselhos discutir e tomar as decisões. A assembleia elege dois co-presidentes, uma mulher e um homem, e um Conselho Executivo. O Conselho Executivo é responsável pela execução e coordenação de projetos maiores e estratégicos que uma comuna ou uma assembleia de distrito não seria capaz tecnicamente. Estes conselhos executivos também ajudam a coordenar conselhos na escala municipal que são eleitos pela população.

A assembleia foi responsável pela escrita da “constituição” de Rojava que recebe o nome de Contrato Social. Este pacto entre as comunidades estabelece a convivência e solidariedade entre todas etnias da região, algo não tão simples para um região dominada por Estados sectários. Esta carta de princípios também formaliza a igualdade das mulheres em todas as esferas da sociedade e os demais princípios fundamentais a partir dos quais se busca a construção de uma sociedade livre e democrática.

Também existe uma comissão técnica e independente responsável por realizar as eleições e uma Suprema Corte de Justiça. O sistema de justiça adota esta especialização técnica de advogados formados quando necessário. Normalmente as disputas são resolvidas nas comunas através dos Comitês de Paz e Consenso que sempre buscam chegar a um acordo ou reparação.

No início de 2016, novas conversas de paz foram realizadas em Genebra e novamente os curdos não foram convidados por conta da pressão exercida pela Turquia. Rojava e seus aliados decidiram realizar internamente seu debate político para seu futuro e de uma região democrática e assim decidiram declarar uma

federação de comunidades de Rojava e de todo norte da Síria. Esse sistema federado também possui seu parlamento, ministros e co-presidentes como os governos cantonais.

Essa estrutura descrita aqui se configura mais central e semelhante ao modelo “democrático” de representação que conhecemos. A questão é justamente se esta estrutura invalida ou anula o sistema de conselhos populares representando um risco ao projeto anticapitalista e de uma sociedade sem Estado do confederalismo democrático.

DESCENTRALIZAÇÃO: PODER POPULAR OU CENTRALISMO

Reconhece-se em Rojava que o poder e qualquer legitimidade emana do povo. O projeto de confederalismo democrático se estabelece a partir da criação de um poder popular que a longo prazo torna a hierarquia do Estado obsoleta. Porém, em Rojava este processo foi acelerado pela guerra civil na Síria e não se trata da condição necessária ou obstáculo, mas uma realidade imposta. Com isso, tornou-se necessário tomar de assalto as estruturas deixadas pelo governo Assad, estabeleceu-se os conselhos populares mas também uma assembleia temporária responsável por criar o Contrato Social, a carta de princípios das comunidades libertas.

O estabelecimento das administrações nos cantões gera desconfiança e críticas de que Rojava estaria se direcionando para a formação de um Estado independente como fizeram os curdos no Iraque depois da queda de Saddam Hussein²⁴. Porém, dentro do movimento de libertação curdo esta estrutura “central” é apenas a garantia do acúmulo das decisões tomadas nas comunas e nos conselhos populares. Também esta estrutura é vista como parte de um processo ainda inacabado e ainda com traços residuais das organizações políticas anteriores dos curdos na região.

24 A Região Autônoma Curda (KRG) é uma federação independente dentro do Iraque. Vide glossário.

É uma questão de tempo, dizem os curdos, até que as comunas e os conselhos populares sejam o único poder em Rojava, um poder popular. No entanto hoje discute-se se há um tensionamento entre o poder popular e o institucional ou se ambos se fortalecem como uma forma de auto-defesa destas comunidades. Porém, algumas características na relação da sociedade com os partidos mudou depois do estabelecimento das comunas e dos conselhos populares conforme relata Ercan Ayboğa:

Partidos políticos são instrumentos de aproximação ideológica e política que têm um certo papel. Seu papel se tornou lentamente menos signficante na vida política. Cada vez mais as diferentes estruturas auto-organizadas, mulheres, juventude e além, tornaram-se mais importantes. É um processo lento, pois por décadas o povo curdo pensou apenas na categoria de partidos políticos e se leva tempo para realizar mudanças.

Também a percepção cotidiana do Estado e organização vertical parece cada vez mais ausente, quando o ex-diplomata britânico Carne Ross visitou Rojava, relatou:

Para um ex-diplomata como eu, achei confuso: eu permanecia procurando por hierarquia, um líder, ou sinais de uma linha de governo, quando, de fato, não havia; eram apenas grupos. Não havia aquela sufocante obediência ao partido, ou a obediência serviçal a um “grande líder” - uma forma de governo muito evidente passando a fronteira, a Turquia ao norte, e no governo regional curdo ao sul, no Iraque. A assertividade confiante dos jovens foi impressionante.²⁵

Por buscar reconhecimento e legitimidade frente a outros atores bem definidos na guerra civil, o parlamento e a federação

25 Trecho de um artigo de Carne Ross para o New York Times, disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/09/30/opinion/the-kurds-democratic-experiment.html>

cumprem também um papel de auto-defesa. Invocam as antigas estruturas políticas para que as novas não se dissolvam antes de sua maturidade, a questão é seriam elas permanentes ou temporárias? Para muitos a participação das organizações em um sistema representativo se tornaria obsoleto a longo prazo, como no trecho descrito por Nazan Üstündağ depois de entrevistar diversos membros do TEV-DEM:

O que eu posso inferir dos membros do TEV-DEM que eu entrevistei é que a relação entre o governo cantonal e as assembleias é concebida não em termos de representação mas em autodefesa. Em outras palavras, o objetivo primário não é alcançar representação das assembleias no governo, mesmo que isso pode ser o caso. Mas sim assembleias, academias e comunas serão os meios pelos quais as localidades manterão sua autonomia contra os governos cantonais, desfazendo a reivindicação destes por uma estatização, e eventualmente se apropriando de suas funções, provando sua redundância.

Existe também um cuidado na separação de entidades que possam concentrar poder e mecanismos que evitam a submissão da população a uma classe política. Um destes mecanismos é que mesmo que uma decisão chegue até o topo do sistema de conselhos ou no parlamento, as comunas podem individualmente recusar aceitar estas decisões em seu território. Por exemplo, quando decidido que os Asaysh, força policial local, poderiam patrulhar as comunas armados, algumas comunas recusaram esta necessidade e não é permitido que estas forças andem armadas.

Os próprios Asaysh, que respondem às comunas e às forças de proteção YPG e YPJ, protagonistas do enfrentamento contra o Estado Islâmico, poderiam formar um monopólio de violência e consequentemente concentrariam poder. No entanto, ambos buscam a democratização da violência em caminhos opostos: o YPG e o YPJ internacionalizando-se ao defender povos oprimidos ao longo da Síria e as forças policiais treinando a população para a auto-defesa. Esta política de auto-defesa e poder popular

se materializa em milícias internas de cada comuna como o HPC em Qamişlo, uma milícia de auto-proteção feita por voluntários que são igualmente treinados militarmente pelo YPG e ideologicamente pelo TEV-DEM. A proposta é que no futuro toda população receba treinamento e que as comunas assumam a função da polícia, dissolvendo o papel dos Asaysh como força policial. Isso mostra o quão importante é a questão de auto-defesa para este sistema político que pretende existir fora de um Estado.

É importante analisar a Revolução em Rojava como um produto de sua própria realidade que nem sempre irá refletir o purismo das teorias revolucionárias ocidentais, especialmente pelo seu histórico de resistência ao decorrer dos séculos. Também é preciso levar em conta que é um processo em andamento e um que parece ter realizado muito em meio a uma guerra civil que envolve tantos atores internacionais. Esse processo passa pelo fim das hierarquias para construir uma sociedade livre, mas é intenso o trabalho de preparar as condições necessárias como afirmou em um depoimento Yilmaz Orkan do KNK:

Nós temos que considerar a mentalidade da sociedade, que foi estabelecida de acordo com o sistema estatal. Portanto, precisa ser mudada contra o sistema do Estado-nação. Para alcançar isso nós estamos trabalhando há anos para iluminar nossa sociedade com a idéia de uma nação democrática. Agora as escolas são reestruturadas de acordo com isso, nós abrimos muitas academias e estamos construindo muitos centros para aprofundamento ideológico por toda Rojava e avançando o trabalho ativamente. Através disso nós criamos fé na sociedade sobre uma vida livre e uma sociedade democrática, que ultrapassa o sistema de Estado centralista. Nós focamos nossos esforços em organizar a sociedade, portanto comunas e os conselhos populares e instituições civis e sociais são estabelecidas para representar os as vontades democráticas.

Esta descentralização dos poderes é um processo contínuo assim como a educação política de que viver sem um Estado é

assumir a organização da vida e da sociedade para si. Estes são os caminhos de uma revolução que já alcançou transformações sociais inegáveis e que constrói um poder popular capaz de tornar obsoleto o Estado. De fato, entre a população de Rojava é comum entender e afirmar que hoje vive-se em uma sociedade sem Estado.



Palavras de Mulheres Revolucionárias

MULHERES DO COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À
RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO

Estou surpresa pelo fato de nos terem visto tão tarde, de até agora nunca terem sabido de nós. Pergunto-me como demoraram tanto a escutar as vozes das muitas mulheres corajosas que atravessaram as fronteiras da valentia, da fé, da paciência, da esperança e da beleza. Não quero queixar-me demais. Talvez nossas eras simplesmente não coincidam. Tenho apenas algumas poucas palavras para dizer aos que só agora começam a nos notar: isso é tudo. Hoje, uma parte de nós não está mais aqui. Sem passado nem futuro em seu entorno, você sentiria um som, um emergir que se perde nos buracos negros do universo. A emoção e a beleza de hoje só podem ser medidas por aqueles que foram capazes de trazer este dia e suas capacidade de ir mais adiante para o futuro.

No grito de Zilan (Zeynep Kinaci), que dinamitou a si mesma em 1996, no alento de Besê, que se atirou ao precipício no levante de Dersim, na década de 1930, dizendo “Não me prenderão com vida”, e no de Beritan, que não se entregou, nem seu corpo e nem sua alma, ao inimigo quando se atirou da montanha em 1992. É a razão pela qual a combatente do YPJ [Unidades de Proteção Popular, milícia voluntária do Curdistão] Arin Mirkan fez soprar um vento de montanha através de uma cidade do deserto ao detonar a si mesma ao invés de render-se ao ISIS, para cobrir suas camaradas em retirada em Kobani no último mês de outubro.

Nosso calendário não correu paralelo ao calendário do mundo. O olhar destas mulheres se centrou nas profundidades da distância. Seus passos eram rápidos, com o objetivo de tornar o futuro mais próximo, que

estavam impacientes e não deixaram uma só ponte para trás. Estas razões nos mantiveram a margem das realidades do mundo. É por isso que agora o mundo sabe das mulheres nas montanhas. Dezenas, depois centenas e, depois, milhares, durante todo esse tempo. Agora é o momento de coordenar os calendários, de sincronizar os relógios. É a hora de contar as histórias de vida destas mulheres que se dividiam entre o sonho e a realidade, seus momentos felizes que soam como contos de fadas, as formas com que a perda demonstrou ser a professora mais notória na busca da verdade. Agora é o momento perfeito para confiar-lhes o que eu era capaz: trazer o ontem para o hoje. Para unir o calendário do mundo, vou unir nosso passado ao presente. Que meu passado seja seu presente.

“O mundo inteiro fala de nós, as mulheres curdas”,
carta da guerrilheira curda Zilan Diyar.¹

Há hoje na internet uma profusão absurda de imagens de mulheres curdas em combate contra os Estados Turco e Islâmico da Síria e do Iraque: um sem-fim de fotografias de garotas farçadas com lindos lenços e tranças, empunhando cheias de graça *kalashnikovs* contra extremistas do Estado Islâmico. O que essas imagens não revelam (senão ocultam) é que na revolução de Rojava as mulheres não ocupam apenas a linha de frente: elas se encontram nos fundamentos e em toda estrutura da luta por uma sociedade mais justa e democrática.

Essa força feminina que pulsa no coração da resistência curda segue os mesmos princípios libertários das lutas de povos originários contra a repressão do Estado, ou da classe explorada que se insurge contra o sistema que a escraviza: trata-se de um contra-ataque legítimo a estruturas históricas de dominação e controle. Os campos desta batalha, porém, não se reduzem às cenas de guerra (como quer fazer parecer o espetáculo): seus cenários

1 Tradução em português feito pelo Partido Comunista Brasileiro, disponível em: <https://resistenciacurda.wordpress.com/2015/10/30/o-mundo-inteiro-fala-de-nos-as-mulheres-curdas-zilan-diyar/>

mais profundos são ordinários, encontram-se nos terrenos da vida cotidiana. O verdadeiro processo revolucionário de Rojava acontece no interior dos espaços comuns da vida social: nas cooperativas de trabalho, nas assembleias de bairro, na própria sala de casa, espaços onde as mulheres têm conquistado direitos e ampla participação política.

Antes de seguirmos adiante no texto, uma breve declaração de intenções: este capítulo do livro – escrito pelas mulheres do comitê de São Paulo em intenso intercâmbio de ideias com companheiras de militância na América Latina, na Europa e no Curdistão – tem a importância de tratar do papel da mulher como o nexo fundamental entre os princípios teóricos da revolução de Rojava e a própria prática da resistência popular curda. Buscamos trazer um panorama do modo como o desenvolvimento da *Jinealogia*, uma ciência (ou forma de autoconsciência) que as mulheres curdas têm construído sobre sua própria história, tem organizado a formação do confederalismo democrático no processo revolucionário de Rojava e do Bakur. Nosso esforço, seguindo os princípios da solidariedade internacional, é o de abordar esta realidade invocando a voz das mulheres que vivem esta história em primeira pessoa, pois não somos nós as sujeitas do processo e nem poderíamos avaliar esta experiência de maneira remota. Estamos aqui apenas tecendo o texto, com muito respeito, a partir de intensa pesquisa e tantas conversas – entre nós e com elas.

Ainda assim (e considerando sempre as diferenças de contexto), precisamos confessar que ao conhecer melhor os laços que enredam as organizações das mulheres no Curdistão, fomos arrebatadas por um sentimento de identificação muito potente. Entendemos que há mesmo algo de universal nas lutas de libertação das mulheres em todo o mundo: a necessidade radical de autodefesa e a pulsão viva do contra-ataque às violências que vivemos. Isso porque a construção do gênero feminino, nas mais diversas maneiras como se deu no mundo todo, carrega a marca comum da opressão, e a identidade das mulheres de modo geral também se cria por esta condição negativa. Assim, ao ouvirmos os relatos de resistência de cada uma, somos capazes de nos ver

uma nas outras. Disso nasce uma relação de profundo reconhecimento entre a gente, e realidades tão distantes se aproximam. Então a luta de libertação das mulheres curdas é a luta de libertação das mulheres em todo o mundo. Pela força com que temos cultivado nossa sobrevivência até aqui, aprendemos que somos capazes de derrubar todas as fronteiras que nos aprisionam: nossa condição subsumida na sociedade se transforma em sororidade, e essa passa a ser nossa maior arma de combate contra o sistema patriarcal que nos escraviza. É por isso que em Rojava, “*Berxwedan Jîyan e*” (“Resistência é vida”) e “*Jin Jîyan Azadî*” (“Mulher, Vida e Liberdade”) são palavras revolucionárias.

O que importa para nós é que o combate da mulher se propague pelo mundo. Enquanto as mulheres se organizarem e se solidarizarem, o movimento das mulheres crescerá. A libertação das mulheres, a organização das mulheres irá libertar toda a Humanidade. A alma de cada mulher que perdeu sua vida ao longo deste combate encontrará vida em nossos corpos. A resistência de Kobanî é a resistência feminina. É por isso que significa uma ameaça ao Estado-Nação. Porque ela destruirá ao mesmo tempo o Estado-Nação e a mentalidade de dominação masculina. O que importa é fazer crescer este combate. Seja nas quatro partes do Curdistão, na Europa, na Índia... toda força às mulheres que resistem no mundo inteiro!

Biji YPJ!

Jin, Jîyan, Azadî!

Assinado, Neslihan

“ERKEĞİ ÖLDÜRMEK” Ü “BIJI KOBANÎ!”

A história do movimento das mulheres curdas não nasceu da guerra da Síria, tampouco se reduz às lutas em Rojava, momento este em que se torna mundialmente conhecida devido à repercussão midiática da defesa de Kobanî. Tal repercussão, aliás, serviu muito bem aos fins fetichistas de espetacularização

midiática da luta curda, neutralizando nos meios *mainstream* o conteúdo radicalmente revolucionário da resistência em Kobani.

Muito mais preocupadas em sensacionalizar o modo como essas mulheres correspondem às noções preconcebidas das mulheres orientais enquanto vítimas oprimidas, as caricaturas do mainstream apresentam as combatentes curdas como um fenômeno novo. Assim, ao projetar sobre elas suas fantasias orientalistas mais bizarras, estas imagens reduzem toda uma luta legítima a algo banal – e supersimplificam os motivos pelos quais as mulheres curdas se juntam à luta. Nos dias de hoje parece bastante apelativo retratar estas mulheres como simpáticas inimigas do ISIS sem levantar questões sobre sua ideologia e aspirações políticas.²

É importante que a imensa participação feminina na resistência de Kobani não seja entendida como um fenômeno insólito de uma guerra específica no norte da Síria, mas sim como parte de uma ampla luta de autodefesa das mulheres contra as violências do patriarcado. “Kobani representa para mim uma grande resistência: a resistência das mulheres contra o sistema patriarcal. Daesh representa a dominação masculina. A resistência das mulheres, representa a resistência do povo”.³ Se elas estão hoje nos frentes da guerra contra o Estado Islâmico na Síria e no Iraque, bem como contra as forças de repressão do Estado turco ou dos regimes de Ba’ath, esta luta não é apenas contra inimigos

2 DIRIK, Dilar. *Western fascination with ‘badass’ Kurdish women – The media frenzy over the women fighting ISIL is bizarre, myopic, orientalist and cheapens an import.* Publicado em: Opinion, Al Jazeera, 29 de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/10/western-fascination-with-badass-2014102112410527736.html>

3 DÖKH, Academia das Mulheres de Amed. *MESSAGES DE FEMMES À LA FRONTIÈRE DU ROJAVA: RESISTENCE ET SOLIDARITÉ.* Panfleto publicado pelo *Collectif Solidarité Feministe Kobani*, Paris, março 2015, p. 30. Disponível em: <http://solidaritefemmeskobane.org/sites/default/files/RAPPORT-SFK-2015.pdf>”

externos ao povo curdo, mas de uma guerra pela destruição do sistema patriarcal que domina a ordem mundial capitalista como um todo, e que, particularmente no assim chamado Oriente Médio, faz da submissão da mulher ao homem uma condição estrutural para a formação da sociedade. Ou, como disse Nesrîn Abdullah, comandante e porta-voz das YPJ:

*Não me importa saber que eu matei um soldado do Daesh: o que me importa é matar sua ideologia.*⁴

Ou seja: quando vão pra linha de frente, estas mulheres se vêem em guerra contra todas as formas de opressão e violência que sofrem na vida – vindas do poder hegemônico do *Estado-Nação*, que impõe suas instituições e fronteiras de cima abaixo, esmagando a multiplicidade de culturas, modos de vida, línguas e grupos étnicos; do *totalitarismo capitalista*, que submete ao deus dinheiro a todas e todos sem piedade, para produzir um resíduo de lucro para poucos e miséria generalizada em larga escala; e da dominação do *patriarcado*, que submete a mulher a uma posição inferior na sociedade, reificada como propriedade privada do homem. Esse domínio masculino sobre a política, a economia e as relações sociais que rege o mundo moderno é resultado de uma construção histórica de pelo menos 5 mil anos: de um processo civilizatório violento que faz pesar sobre as mulheres uma sobreacumulação de formas de servidão.

*O capitalismo e o Estado-Nação representam o macho dominante em sua forma mais institucionalizada. A sociedade capitalista é a continuação e a culminação de todas as antigas sociedades exploratórias. É a guerra constante contra a sociedade e a mulher. Em resumo, o capitalismo e o Estado-nação são monopólio do macho explorador e tirânico.*⁵

4 GUPTA, Rahila. *Rojava Revolution: reshaping masculinity*. 9 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/5050/rahila-gupta/rojava-revolution-reshaping-masculinity>

5 ÖCALAN, Abdullah. *Liberating life: women's revolution*. Interna-

Diante da guerra, essas mulheres estão encarando de frente a face militar de dois programas de Estado que hoje encarnam, em corpo humano e maquinaria bélica, exemplos máximos desse macho explorador e tirânico. O que o Estado Islâmico pretende ao se territorializar no Oriente Médio não é outra coisa, afinal, senão tentar institucionalizar, de modo bastante específico e particular, o avanço das formas masculinas de dominação:

*O poder da modernidade capitalista, através do Daesh, seu peão no Oriente Médio, está tentando destruir as esperanças, atacar as culturas locais, violar os direitos comunitários e fazer das mulheres seus troféus de guerra.*⁶

Também a guerra que o Estado turco, sob comando do AKP, empreende sobre o Bakur não é diferente de uma arrancada violenta de um programa de modernização conservadora, movido com base numa força nacionalista sobre as massas. Não precisa, porém, ser um inimigo absurdamente bárbaro como o ISIS, ou insanamente autoritário como o governo de Erdogan, para se tornar inimigo das mulheres curdas: de novo, a figura do *macho dominante* sintetiza todo o Poder – a Pátria, o Patrão e o Patriarcado – que estrutura o mundo moderno. Por isso a luta das mulheres curdas é também uma luta diária contra o *macho dominante* interiorizado em toda ordem da vida social: contra a violência doméstica, a participação política subalterna, a dependência econômica, o controle do corpo feminino, a produção de conhecimento eminentemente masculina – para não falar das manifestações machistas mais atroztes da cultura local, como os crimes de honra, os casamentos forçados na infância, a poligamia masculina, etc. O que está no horizonte das mulheres curdas em

tional Initiative “Freedom for Öcalan - Peace for Kurdistan” Edition, 2013, p. 43. Disponível em: <http://www.freeocalan.org/wp-content/uploads/2014/06/liberating-Lifefinal.pdf>

6 Para ler a declaração completa: *Kurdistan Communities of women announced*, Rojwomen (Firat News), 3 setembro de 2014.

luta, portanto, estejam elas no fronte da guerra ou no interior das comunas, é a emancipação total das mulheres, no Curdistão e no mundo, em relação a todos os domínios da servidão moderna.

Ao lutar contra a mentalidade patriarcal por nossa emancipação e liberdade, nos confrontamos com uma autoridade, uma hegemonia e uma hierarquia de relações. O sistema patriarcal está realmente institucionalizado, e sua mais importante instituição é, evidentemente, o capitalismo e o sistema estatal no qual vivemos (...) Nós mulheres nos demos conta de que se cortássemos uma única forma específica de relação de dominação, não teríamos conseguido alcançar nosso objetivo. Se não lutarmos contra estas diferentes formas, não poderemos superar o patriarcado. Apenas ao colocar em questão todas as formas hegemônicas – o Estado, o capitalismo, o colonialismo, e também os regimes islamistas autoritários – que poderemos conseguir (Gültan Kışanak).⁷

Neste ponto já está suficientemente claro que, se em Rojava são as mulheres que estão à frente do processo revolucionário, não se deve apenas à maestria feminina nas táticas de guerra (as curdas estão em guerrilhas nas montanhas há pelo menos quatro décadas, e têm uma escola forte de combate)⁸, mas sobretudo por uma razão estratégica que mira o estabelecimento do confederalismo democrático: são só elas que podem conduzir a construção de uma sociedade que vá realmente

7 DÖKH, Academia das Mulheres de Amed. *MESSAGES DE FEMMES À LA FRONTIÈRE DU ROJAVA: RESISTENCE ET SOLIDARITÉ*. Panfleto publicado pelo *Collectif Solidarité Feministe Kobani*, Paris, março 2015, pp. 22-23. Disponível em: <http://solidaritefemmeskobane.org/sites/default/files/RAPPORT-SFK-2015.pdf>

8 Há o fato bizarro de que no combate atual contra jihadistas, elas fazem de seu próprio gênero uma armadilha: como eles temem serem mortos por mulheres, pois acreditam que desonrados não ganhariam o céu, se são elas que avançam sobre o terreno eles, com medo, batem em retirada.

contra a masculinidade hegemônica. Não é à toa que “*Erkeği öldürmek*” (“matar o macho”) seja um dos lemas da revolução. Se este processo, por sua vez, parece muito bem resolvido na concepção teórica do movimento curdo (a libertação da mulher é hoje a principal bandeira ideológica do PKK, tal como formulada pelo pensamento de Öcalan), na prática é algo muito duro e complexo, pois passa por destruir uma forma de consciência que está arraigada nas práticas de sociabilidade.

*O sistema patriarcal encarna no homem, e é levado por ele. É por isso que se precisa resolver o problema pela raiz. As mulheres curdas têm como preocupação e como projeto a transformação do homem. Em outras palavras, elas começaram um trabalho que visa afastar o homem de seu pensamento atual, que é dominador e patriarcal. Este trabalho se dá para que o homem adote uma perspectiva feminina e mate sua masculinidade. Deixar os homens por eles mesmos não basta para que mudem, é preciso que as mulheres intervenham.*⁹

*O homem converteu-se em um Estado e, depois, na cultura dominante. As opressões de classe e sexuais desenvolveram-se juntas. A masculinidade gerou um gênero governante, uma classe governante e um Estado governante. Quando se analisa ao homem neste contexto, fica claro que se deve aniquilar a masculinidade. Assim, deve-se matar ao macho dominante como princípio fundamental do socialismo. Isto significa que devemos matar o poder: matar a dominação unilateral, a desigualdade e a intolerância. Ademais, matar o fascismo, a ditadura e o despotismo. Deveríamos ampliar este conceito para incluir todos estes aspectos. É impossível liberar a vida sem uma revolução radical da mulher que seja capaz de mudar a mentalidade do homem e a sua vida.*¹⁰

9 DÖKH, op. cit., p. 19.

10 ÖCALAN, Abdullah, op. cit., p. 51.

Dada a dimensão universal da dominação patriarcal, que em cada lugar do mundo assume suas particularidades, a luta das mulheres curdas é uma luta internacional e pela emancipação de toda a humanidade. Ao combater a nível local a violência do patriarcado, combate-se ali toda uma lógica perversa que organiza a sociedade moderna de modo geral. Ao entender que em cada realidade particular as opressões assumem características específicas, o movimento das mulheres curdas defende que é preciso respeitar a autodeterminação da luta das mulheres em cada lugar do mundo, se solidarizando internacionalmente e cultivando a solidariedade como arma de fortalecimento. Nesse sentido, porém, se faz necessário apontar um discernimento crítico a respeito do movimento das mulheres curdas em relação àquilo comumente entendido como *feminismo* no ocidente. Ainda que o movimento das mulheres curdas tenha sido muito enriquecido por escritos e pelas lutas feministas da Europa, o *movimento feminista*, majoritário e institucionalizado, vem da centralidade do capitalismo, e coloca problemas como o liberalismo e o Estado nacional. Na luta das mulheres em Rojava, estes diferentes aspectos da dominação patriarcal não vêm cindidos:

O sistema de Rojava é um sistema de democracia horizontal, no qual a mulher é a líder, cuja base é o povo. Aqui, o argumento principal é o fato de que este sistema rejeita completamente o Estado-Nação. O Estado-Nação tem desde o início atacado as mulheres, por exemplo, pela proibição da nossa língua, a negação da nossa cultura, as violências a que nos submeteram, essas todas são causas de uma luta étnica e nacional. (...) Mas quando movimentos feministas conduzem um combate pela democracia, às vezes não se dão conta que o Estado-Nação seria um túmulo para os povos e para as mulheres. Por causa da semi-democratização do Estado, as mulheres engoliram o bombom envenenado do liberalismo. E infelizmente, a violência contra a mulher, a opressão sexual, a negação da identidade feminina e os obstáculos ao direito à expressão das mulheres não desapareceram no seio desta sociedade.¹¹

11 DÖKH, op. cit., p. 19.

A noção de que “*um povo não pode ser livre se as mulheres não forem livres*” tem sido recorrentemente reelaborada nos escritos de prisão de Abdullah Öcalan, que mesmo antes de ser preso em 1999 já tematizava discussões de gênero em seus discursos, como aparece nos três volumes de “*Nasıl yaşamalı?*” (“*Como viver?*”) e em um livro de entrevistas que se chama justamente “*Erkeği öldürmek*” (“*Matando o macho dominante*”). Em “*Libertando a vida – Revolução das mulheres*”¹², um compilado de escritos de Öcalan, aparecem diversas formulações teóricas sobre o modo como a dominação sobre as mulheres é a mais fundamental forma de dominação que determina a desigualdade, servidão, despotismo, fascismo e militarismo. Assim, para elaborar um significado para os termos *igualdade* (respeitando a diversidade), *liberdade*, *democracia* e *socialismo* dentro do programa revolucionário do PKK, Öcalan estudou a formação da trama de relações que tece o lugar social da mulher desde a Antiguidade até o século XXI, que ele defende como a Era da Revolução das Mulheres:

O século XXI deve ser a era do despertar, da libertação e emancipação das mulheres. Isso é mais importante do que as lutas de classe ou de libertação nacional. (...) As mulheres em geral, e mais especificamente as do Oriente Médio, são a força mais enérgica e ativa para o estabelecimento de uma sociedade democrática, pois sua posição – em oposição ao Estado-Nação, ao sistema de classes e à dominação masculina – é a antítese necessária para a superação desta sociedade. (...) Ao se libertarem elas irão não apenas vingar a história, mas formar a nova síntese revolucionária. (...) O que precisamos é da teoria, do programa, da organização e dos mecanismos necessários para a implementação desta libertação.

12 ÖCALAN, Abdullah, op. cit., p. 58.

AS FORÇAS DAS MULHERES CURDAS

A essas necessidades que Öcalan chama atenção - de uma teoria, um programa e uma organização para a luta de libertação das mulheres - pode-se identificar as diferentes forças que mobilizam as mulheres curdas. Trataremos de cada uma delas com maior acuidade daqui em diante, mas não sem antes apresentar um esquema geral. Primeiro há uma força de base, que é *histórica*: o movimento de mulheres curdas tem no mínimo quatro décadas de engajamento na luta popular do Curdistão, na construção cotidiana da igualdade de gênero e participação ativa das mulheres na política e nas guerrilhas. Outra força é *organizativa*: partindo do princípio de auto-proteção, as mulheres de Rojava e do Bakur organizam-se com autonomia em diversos espaços sociais, culturais, políticos e econômicos próprios; existem esferas de decisão exclusivamente femininas para cada aspecto da vida em comunidade, e participam com paridade em todos os níveis do confederalismo democrático – estruturado de tal modo para garantir que elas conduzam a construção da sociedade. Por fim, há ainda outra força, muito potente, que podemos chamar de *ideológica*: trata-se do estabelecimento da *Jinealogia* (*Jineoljî*). *Jin* em kurmanjî quer dizer *mulher*, e *Jinealogia* seria então *ciência da mulher*, uma ciência contra-positivista, na medida em que nega a história humana escrita pelo *macho dominante* (as instituições do saber, como todas as formas modernas de poder, são masculinas), e propõe a produção do conhecimento pela perspectiva da mulher, a fim de destruir toda forma de pensamento patriarcal.

“NOSSA DETERMINAÇÃO VEM DO FOGO DA REVOLUÇÃO DAS MULHERES. ESTA REALIDADE NÃO NASCEU DA NOITE PRO DIA: É FRUTO DE UMA HISTÓRIA DE LUTA”.¹³

A mobilização massiva de mulheres na defesa de Kobanî, assim como em toda revolução de Rojava, é herdeira de quase

13 DÖKH, op. cit., p. 27.

quatro décadas de resistência de mulheres curdas enquanto cidadãs, ativistas políticas, combatentes, prisioneiras, dirigentes de levantes populares e manifestantes incansáveis de seus direitos. A construção da história de luta das mulheres curdas remonta a figuras de séculos passados, como às “*Kara Fatmas*”, que ao contrário do que se pensa não foi uma, mas foram três combatentes líderes militares em períodos diferentes; e a outras mulheres combativas que antecederam às organizações políticas exclusivamente femininas, como é o caso de Leyla Qasim, jovem curda militante do movimento estudantil curdo de Bagdá (*Yekiti Qotabi yen Kurdistanane*) na luta pela independência do Curdistão sob o regime de Ba’ath iraquiano. Em 1974 Leyla foi presa sob acusação de um suposto plano de sequestro de avião, torturada, e condenada à morte em um julgamento claramente farsesco – seu enforcamento foi transmitido ao vivo pela televisão para todo o país, como clara mensagem do Estado para que mulheres não se organizassem politicamente, além de campanha oficial contra o crescimento de movimentos populares curdos. No dia de sua execução, em 13 de maio de 1974 disse: “matem-me, mas também devem saber que depois de minha morte milhares de curdos despertarão. Me sinto orgulhosa por sacrificar minha vida pela liberdade do Curdistão”. No dia seguinte a sua morte houve grandes revoltas em Bagdá e em várias partes do Curdistão.

Há ainda quem diga, com base em certas leituras antropológicas (como é o caso de alguns relatos de viagens do século XIX ou início do XX) que nas sociedades curdas as mulheres sempre mantiveram uma posição de relativa independência em relação aos homens, considerando a condição geral da exploração de mulheres no Oriente Médio. É certo que estas leituras estão carregadas pela perspectiva masculina, imperialista, branca e modernizadora das ciências humanas, e julga a condição da mulher curda a partir de análises externas e preconceitos orientalistas, mas ainda assim é possível levar em consideração este quadro quando são elas próprias quem reconhecem esta condição:

É evidente que se esse discurso [de libertação das mulheres] não correspondesse à realidade sociológica, teria permanecido como belas palavras. As mulheres curdas já eram muito inclinadas a este discurso e a este chamado. Apenas se entreabriu uma porta às mulheres curdas, mas foram elas que a abriram e saíram chutando.¹⁴

É possível marcar uma passagem histórica no Curdistão em direção a um programa revolucionário estruturado pela luta de libertação da mulher (ou o momento em que “as mulheres chutaram a porta”, como diria Selma Irmak), mas esta não se localiza na fundação do PKK em 1978, como muito se leva a crer. É preciso considerar que dos 22 membros fundadores do partido, apenas duas eram mulheres – Sakine Cansız (figura reverenciada no Curdistão, assim como Abdullah Öcalan: engajada na luta curda desde a adolescência e co-fundadora do PKK, quando tinha apenas 20 anos. Presa em 1982 sob pena de 12 anos. Foi brutalmente assassinada no Centro de Informação do Curdistão em Paris em 9 de janeiro de 2013 junto a outras duas companheiras curdas: Rojbin Fidan Doğan e Leyla Söylemez, as investigações para saber a causa das mortes ainda não foram concluídas), porém não havia nada em seu programa inaugural que prescrevesse o lugar da participação política feminina ou pautasse questões específicas de mulheres (ainda que reivindicasse “*igualdade entre homens e mulheres*”, o que não passava de um lugar comum para uma carta de princípios de um partido socialista). A presença de mulheres só ganhou mesmo alguma relevância nas campanhas do partido a partir de 1984, quando o PKK tornou-se de fato um grupo paramilitar declarando guerra ao Estado turco e muitas mulheres ingressaram nos quadros da guerrilha.

A primeira organização de mulheres curdas foi fundada em 1987, com o apoio do PKK, por mulheres exiladas em Hanover na Alemanha, em um contexto de enorme perseguição aos movimentos sociais curdos na Turquia. Assim como os braços femininos de diversos outros partidos marxistas-leninistas à

14 DÖKH, op. cit., p. 18.

época, a YJWK (*Yêkitîya Jinên Welatparêzên Kurdistanê* – União de Mulheres Patrióticas do Curdistão) era uma estratégia de mobilização de mulheres para o partido: criava um espaço específico para suas pautas, introduzindo o pensamento feminista europeu. Como em qualquer outra discussão dentro do PKK, quem serviu de guia ideológico para a formulação do programa de mulheres dentro do partido foi Öcalan. Na década de 1980, as análises de Apo criticavam cada vez mais as estruturas familiares tradicionais, o papel secundário das mulheres dentro da família e os papéis de gênero que associavam as mulheres ao *namus* (ou *honra, virtude*, conceito da cultura islâmica para os valores morais de cada gênero, que recai sobre as mulheres pelos códigos de controle de seus corpos) e designava aos homens o dever de protegê-las. É da passagem deste tipo de discurso, que instrumentaliza a participação das mulheres na revolução, para outro tipo de discurso, que coloca as mulheres como protagonistas de sua própria libertação, onde se encontra o salto qualitativo do movimento de mulheres que redefinirá todo o paradigma ideológico da revolução no Curdistão.

Não foi exatamente no campo civil que as mulheres abriram caminho e avançaram em direção às conquistas radicais na luta popular curda. Pode-se dizer que esta campanha se deu mesmo no terreno militar e daí se estendeu para outros espaços. A partir dos anos 1990, as guerrilhas curdas se intensificaram e houve um aumento substancial da presença feminina. Em 1992, por exemplo, as mulheres ocuparam lugar importante nos frentes da “Guerra do Sul”, conflito em que forças armadas da Turquia, apoiadas por *peshmergas*¹⁵, atacaram as guerrilhas do PKK nas montanhas do Curdistão iraquiano. A impressionante resistência das mulheres nesta ocasião as tornou mais respeitadas entre os militares, e mudou a ideia da maioria daqueles que achavam que mulheres não deveriam ter lugar no exército¹⁶. Os primeiros

15 Braço militar das lideranças curdas no Iraque.

16 Uma combatente conhecida como Bêritan tornou-se especialmente influente nesta ocasião, quando preferiu cometer suicídio atirando-se de um precipício ao invés de entregar-se aos inimigos do exército

anos desta década também foram marcados por grandes levantes das populações curdas nas cidades (*serhildan*, ou “intifada curda”), e a defesa popular foi feita pelas unidades guerrilheiras que até então só estavam baseadas nas montanhas. Neste contexto foram especialmente as mulheres que enfrentaram as forças de segurança turcas nas ruas, e ganharam o reconhecimento da população curda em geral pelos confrontos durante as celebrações de Newroz¹⁷ de 1990, 1991 e 1992. Mesmo tendo sido reprimidos, estes protestos foram importantes para popularizar a luta armada em meio às massas, sobretudo entre as mulheres, e o PKK pareceu instrumentalizar as revoltas como estratégia de mobilização do partido:

Quando as mulheres, que são metade da sociedade, tomam as ruas, é impossível controlá-las [...]. Quanto a isso, e especialmente em relação ao aumento do movimento urbano, precisamos agir no próximo nível. [...] Obviamente, todas as mulheres estão furiosas. Todas estão famintas e empobrecidas. É possível torná-las rebeldes usando todos os tipos de métodos.¹⁸

Que a campanha para o engajamento de mulheres sob condições de vida revoltantes tenha tido êxito na luta armada curda, isso fica claro no livro *Palavras de mulheres curdas revoltadas* (2005),

turco. Anos depois, em 1996, uma militante curda chamada Zilan explodiu-se em meio a soldados turcos que participavam de uma cerimônia militar em uma praça em Dersim (Bakur). Esta, aliás, acabou se tornando uma tática de guerra das YPJ, que sempre carregam consigo uma granada para explodirem-se caso sejam pegas pelo Daesh. Além de ser um último golpe possível contra o oponente, esta seria também uma maneira honrada de morrer em combate. Arin Mirkan é uma das mártires do YPJ que se dinamitou em 2014 quando ficou sem munição e cercada pelos mercenários extremistas enquanto suas companheiras precisaram recuar no front.

- 17 Passagem de ano persa que é comemorada por algumas etnias e grupos sociais no Oriente Médio.
- 18 ÖCALAN, Abdullah (1992a), *Kadın ve Aile Sorunu* (ed. S. Erdem). Istanbul: Melsa Yayınları. Apud: Çağlayan, Handan (2012)

em que Evin Çiçek, que viveu nas guerrilhas por dez anos entre 1984 e 1994, relata a realidade das meninas que decidiram ir à guerra: muitas tinham histórias de vida difíceis, crescendo em famílias conservadoras e tirânicas em meio a uma sociedade que não as autorizava a nada, não tinham ido à escola e haviam se casado à força. Para elas, a guerrilha oferecia proteção, educação e um ideal social comum pelo qual lutar, apesar dos perigos do fronte. Estas determinações cruéis que pesavam sobre as mulheres pareciam ser tão comuns no Curdistão que os quadros femininos aumentaram a ponto de corresponder a um terço das milícias na época, num processo que ficou conhecido entre o povo curdo como “*ordulaşma*” (ou: “militarização das mulheres”)¹⁹. É em decorrência deste cenário que em 1993 foram criadas as primeiras unidades femininas independentes de guerrilha, com o intuito de livrar estas mulheres das práticas machistas de seus companheiros homens, além de propor romper com o valor tradicional de obediência atribuído ao gênero feminino para que elas mesmas assumissem o papel de serem suas próprias dirigentes.

Eis aí, enfim, o *turning point*: em que a participação das mulheres na luta ganha real importância política no movimento de defesa e libertação do Curdistão. Este é o momento em que a plataforma ideológica do partido passa a entender a participação igualitária das mulheres e seu direito à autodeterminação como princípios de um programa revolucionário. Nessa época, entre 1993 e 1996, ocorreram diversas conferências do partido sobre o tema, e desses intensos debates nasceram conceitos fundamentais para a condução do movimento revolucionário, tais como “*contrato social das mulheres*” e “*luta de libertação das mulheres*”. Este impacto do poder feminino sobre a resistência curda não ficou, porém, limitado ao discurso do programa político, deu corpo a uma nova estrutura organizativa social, em que as mulheres passaram a formar unidades políticas independentes.

19 ÇAĞLAYAN, Handan (2012) *From Kawa the Blacksmith to Ishtar the Goddess: Gender Constructions in Ideological-Political Discourses of the Kurdish Movement in post-1980 Turkey*, European Journal of Turkish Studies, 14.

Em 1995 ocorreu então o *1º Congresso de Libertação das Mulheres do Curdistão*, assim como a fundação da *União das Mulheres Livres do Curdistão*, a YAJK (*Yekîtiya Azadiya Jinên Kurdistanê*), que naquele mesmo ano participou da IV Conferência Mundial das Mulheres, organizada pelas Nações Unidas em Pequim, posicionando o movimento regional das mulheres curdas na construção de uma agenda política internacional para o empoderamento²⁰ feminino em todo o mundo. No dia 8 de março de 1999, dia internacional da mulher, a YAJK funda o *Partido das Mulheres Trabalhadoras do Curdistão*, PJKK, tomando as estruturas partidárias em mãos para que elas próprias passassem a dar forma aos conteúdos políticos do modelo de sociedade que se pretendia estabelecer no Curdistão.

No ano seguinte, em seu terceiro Congresso, seguindo mais uma vez os princípios internacionalistas da luta curda, o PJKK muda de nome para *Partido de Libertação das Mulheres* (PJA), abrindo-se para maior participação de mulheres de outras nacionalidades; em 2002, o PJA amplia sua articulação internacional e une ao debate de uma Constituição Mundial das Mulheres, onde declara seu Contrato Social das Mulheres; e em 2004 é fundado, finalmente, o *Partido de Libertação das Mulheres do Curdistão* (PAJK), que corresponde até hoje à maior organização partidária das mulheres curdas. Ainda assim, o movimento de libertação das mulheres vem sendo continuamente reestruturado para responder às necessidades das organizações de mulheres em uma estrutura confederalista democrática. Deste modo foi fundado em 2005 o *Conselho Superior das Mulheres* (*Koma Jinên Bilind*, KJB), conselho superior à forma partidária do PAJK, como nível de coordenação maior (guarda-chuva) das diversas organizações independentes de mulheres curdas: as unidades de autodefesa, as assembleias exclusivas, as associações, etc, além do próprio partido, até que em setembro de 2014, tendo o movimento já estabelecida a autonomia de Rojava, o KJB converte-se em KJK (*Komalên Jinên Kurdistan*).

20 Este é o termo usado na Declaração final do congresso.

A AUTO-ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES

As palavras “Komalên” e “Koma” vêm do termo “Kom”, que em kurmanjî quer dizer grupo, ou comuna, união. O KJK indica que essa escolha semântica remonta à organização comunal da era Neolítica, momento em que a vida social na Mesopotâmia estava organizada em torno da figura feminina. Isso significa dizer que o paradigma da auto-organização das mulheres curdas se baseia no mito fundador neolítico tanto no que diz respeito ao papel central do gênero feminino em determinada formação social, quanto nos princípios organizativos de comunas. Esta razão ontológica é a chave para entender a forma de consciência dessas mulheres em luta e o modo como se vêm posicionadas em todas as frentes da revolução curda: para elas, o (re)estabelecimento de um sistema social comunal no Curdistão deve necessariamente corresponder ao empoderamento político das mulheres como negação aos modelos institucionais modernos, patriarcais por excelência. Em outras palavras, isso significa que a própria ideia de *confederalismo democrático* está estruturada sobre a existência necessária de esferas políticas exclusivas para mulheres.

Para além dos conceitos, os efeitos da auto-organização das mulheres curdas têm tido impacto gigantesco nos terrenos da vida cotidiana, campo onde a *revolução* deve realmente fazer sentido.

Gültan Kışanak²¹ explica que a força do movimento das mulheres no Curdistão vem de sua luta história no seio do movimento curdo:

[As mulheres] sempre estiveram engajadas na luta em todos os níveis, nas serhildan (insurreições curdas), estavam nas organizações, eram ativistas. Depois de verem isso, os homens tiveram que aceitar. Porque eles viram os esforços das mulheres e tudo que

21 Primeira mulher curda na co-presidência de Diyarbakir, cidade de maioria curda no Sudeste da Turquia; entrevista completa disponível em: <https://www.opendemocracy.net/nadje-al-ali-latif-tas-g-ltan-ki-anak/kurdish-women-s-battle-continues-against-state-and-patriarchy->

elas conseguiram. Agora estamos em uma fase em que dizemos aos nossos amigos que se alguma decisão for tomada sem considerar a palavra das mulheres, ou sem sua participação, se nós mulheres não formos consultadas, então esta decisão não poderá ser aplicada. É uma medida radical para nós, mas é isso o que dizemos, e agora é aceito pela quase-totalidade de nossas organizações.

G. Kışanak insiste sobre o poder que lhes deu a existência de uma esfera exclusiva feminina em cada nível da vida social:

Há uma outra coisa que nos deu poder: nós dissemos que deveríamos estabelecer organizações exclusivamente de mulheres em toda parte, à cada nível de organização social. Temos assembléias de mulheres nos bairros, assembléia de mulheres no seio do partido, assembléia de mulheres nas municipalidades. Por toda parte encorajamos as mulheres à ruptura. Quer dizer, nos encorajamos por uma organização própria e autônoma. Devemos estar presentes em toda parte, mas ao mesmo tempo precisamos ter nossas próprias organizações. Nos sindicatos, nas ONGs, nas instituições de direitos humanos, em todo lugar do mundo, nós deveríamos nos organizar em grupos exclusivos. Porque nos sindicatos ou mesmo nas ONGs, as mulheres estão sempre em segundo plano. Então dissemos: mesmo se vocês forem duas, reúnam-se e organizem-se para dizer que vocês estão ali. Isso lhes dará muito poder.

JINEALOGIA:

A CIÊNCIA DA MULHER PELA SUPERAÇÃO DO DOMÍNIO PATRIARCAL

Importantes tarefas nos esperam no século 21: o quadro filosófico-teórico e científico da libertação das mulheres, (...) diálogos complementares mútuos dentro dos movimentos feministas, ecológicos e democráticos, a renovação da descrição de todas as instituições sociais (como a família, por exemplo) de acordo com os princípios da libertação, as estruturas básicas da livre união,

a construção de um entendimento alternativo da ciência social com base na libertação das mulheres. O campo de uma nova ciência social para todos aqueles círculos que não fazem parte do poder e do Estado deve ser construída. Esta é a tarefa de todos os anti-colonianistas, anti-capitalistas, movimentos anti-poder, individuais, mulheres. Referimo-nos a estas ciências sociais alternativas como a sociologia da liberdade. (Segundo o discurso sobre Jinealogia - na Conferência de março de 2014 em Colônia, Alemanha - da jornalista e representante do Movimento das Mulheres Curdas, Gönül Kaya, que tem colocado esse trabalho em discussão desde 2011).²²

As ciências sociais, assim como outros campos da sociologia estão impregnadas de conteúdos que seguem a reboque do sistema patriarcal na formulação do pensamento contemporâneo. Os resultados de suas interpretações vão da normatização de conceitos ao aprofundamento do sexismo e do nacionalismo nos dispositivos de controle social. Uma alternativa de superação é a construção da Jinealogia na área científica.

O significado de jinealogia é “ciência da mulher”. “Jin” é curdo e significa “mulher”. Logy deriva da palavra grega logos relacionada ao conhecimento. “Jin” deriva da palavra curda “Jiyan” que significa “vida”. No grupo linguístico indo-europeu, e no Oriente Médio de forma geral, as palavras Jin, Zin ou Zen, todas as quais significam mulher, são frequentemente sinônimos de vida e vitalidade.

A palavra Jinealogî foi usada pela primeira vez, de forma concreta, por Abdullah Öcalan em 2003, quando lança um de seus escritos denominado “Sociologia da Liberdade”, onde expressava sua ideia de que as mulheres, por não se configurarem como portadoras (ou agentes) do poder e do Estado, precisam desenvolver suas próprias ciências que poderiam chamar-se Sociologia da Liberdade. A jinealogia é feita a partir de valores e experiências de

22 Gönül Kaya, *Why Jineology? Re-Constructing the Sciences towards a Communal and Free Life*. Disponível em <http://kurdishquestion.com/oldarticle.php?aid=why-jineology>

mulheres em luta no Curdistão e pensada como uma ferramenta para reencontrar a “identidade natural” das mulheres “que vivem em terra livre”: quer dizer, uma identidade autônoma dos homens e do Estado.

O reforço é focado no conhecimento das próprias mulheres, então são reagrupados e difundidos materiais sobre a história do feminismo, a história das mulheres e sobre o sexismo em si. Nesta mesma lógica, elas fundaram uma agência de imprensa feminina chamada JINHA em 2012²³, uma vez que a imprensa continua reforçando a dominação masculina na consciência pública. É possível fazer assinatura para receber as notícias via internet em curdo, inglês ou turco.

A luta das mulheres curdas tem o forte componente da busca por meios que garantam a não instrumentalização e submissão contínua ao velho lugar social assim ocupado há tantos séculos. Os Estados nos quais vivem o povo curdo excluem totalmente a mulher da vida política, econômica e de organização social. Para quebrar esta dinâmica a luta contra a dominação histórica das mulheres precisa ser vencida no campo ideológico, como diz Öcalan:

*Em primeiro lugar, é preciso saber como vencer no campo ideológico e como gerar uma mentalidade libertária e natural contra a mentalidade dominante e ávida de poder do homem. Não devemos esquecer a submissão feminina tradicional não é física mas, sim, social. Deve-se a uma escravidão arraigada. Por conseguinte, a necessidade mais urgente é a de superar os pensamentos e as emoções da submissão no campo ideológico.*²⁴

23 Jin Haber Ajansi – Agência de notícias da mulher, disponível em: <http://jinha.com.tr/en>

24 ÖCALAN, Abdullah, op. cit., p. 54.

FORMAÇÃO MILITAR DA MULHER CURDA

O sexismo é um instrumento de poder e uma arma ao mesmo tempo, utilizado no curso da história de maneira permanente em todos os sistemas da civilização. De fato, nenhum outro grupo social foi tão explorado física e sociologicamente como a mulher. A variedade com que a mulher é explorada é evidente. A mulher gera descendência. Serve como força de trabalho gratuita. É objeto permanente de afeição sexual. É utilizada para fins publicitários. Constrói a base sobre a qual o homem produz e reproduz seu poder como instrumento de violência contínua. É por isso que os cinco mil anos de história da civilização podem ser descritos como cultura da violação.²⁵

Em Bakur, no ano de 1993 é criado o primeiro exército de mulheres cujo nome era YPJ Star (o nome permanece somente até 2005), com organização autônoma por parte de suas guerrilheiras que levam essas formações das montanhas de Zagros para organizações civis como sindicatos, partidos políticos, cooperativas, e criam a YJA, União de Mulheres Livres. A YJA ficou conhecida por organizar sindicatos de base, por ter um modelo organizativo horizontal e flexível com assembleias, conselhos e comunas, por aderir à economia solidária e saúde coletiva, pela luta contra o feminicídio no Oriente Médio, pela luta pela cultura, língua e tradições curdas contra os processos de assimilação de identidade.

As Unidades de Defesa das Mulheres (YPJ – Yekineyen Parastina Jinê) formadas em 2012 no momento da declaração de autonomia de Rojava em paralelo às unidades de defesa do povo (YPG) - contam com 35% das forças efetivas militares de Rojava que vão de 7 a 10 mil voluntárias com idade de 18 a 40 anos. A participação da brigada internacionalista é a menos exposta

25 Abdullah Öcalan em “*La Revolución es feminina*”, publicado em Gara e “Il manifesto”, disponível em <http://www.freedom-for-ocalan.com/linguas/hintergrund/schriften/gara.htm>

por questões políticas de proteção individual das combatentes de maneira a preservar o anonimato e a segurança de cada uma nos países onde residem.

A autodefesa, quando se trata do campo de atuação das mulheres, tem uma relação com o fato da guerrilha oferecer proteção, educação e um ideal social comum pelo qual lutar. Nessa entrevista concedida à Ruken Isik, atualmente trabalhando em um PhD por Meruem Kobani e Roza Haseke, comandantes do YPJ (Unidades de Proteção das Mulheres) elas falam sobre a importância do apoio internacional com a luta empreendida pelas mulheres e suas dificuldades:

A existência de movimentos de paz me dá força, é muito importante para nós. Eles lutam para parar a guerra. Porém, eu vejo que seus esforços não são suficientes. Por exemplo, existem guerras por aí, e como eles respondem a isso? Eu penso que seus esforços não são o suficiente. Mulheres que lutaram no Afeganistão, Líbia, Egito não são diferentes das mulheres de Rojava, nossa dor é a mesma, nossa luta pela paz também é a mesma. Por esta razão, os esforços de paz devem ser iguais a todas as pessoas. Quanto estávamos lutando em Kobani, milhões de pessoas em todo o mundo saíram às ruas por nós, isso significa que estávamos certos, nós lutamos pela paz e essas pessoas protestaram por nós, nos apoiaram. Porém, os esforços de paz não são suficientes contra essa horrenda guerra.²⁶

E continua:

Uma parte de mim é uma mulher no Afeganistão, a outra paquistanesa, alemã, persa, árabe, turca. Eu lhe disse que todas as mulheres do mundo estão comigo quando luto contra esses homens brutais. Em resumo, eu nunca senti que eu, Meryem

26 Ruken Isik, *Kurdish Women Struggle for a Next System in Rojava*, publicado em The Next System, disponível em <http://thenextsystem.org/kurdish-women-struggle-for-a-next-system-in-rojava-kurdistan-northern-syria/>

*Kobanî lutei sozinha nesta guerra. Não importa o quão distante nós mulheres estamos umas das outras no mundo porque podemos sentir umas às outras. Como indivíduo eu cheguei à conclusão que nós mulheres que sofremos nas mãos da opressão masculina, especialmente em um sistema capitalista que também oprime mulheres, as mulheres que lutaram próximas a mim lutaram por essas mulheres e morreram por elas também.*²⁷

Sem o processo revolucionário e a democracia direta em voga nos cantões de Rojava e na luta das mulheres curdas, o protagonismo da mulher não seria possível. O aprendizado com essa experiência é que ela pode nos apresentar soluções mais interessantes a partir dessas mulheres que seguem enfrentando simultaneamente o patriarcado, o fundamentalismo religioso, o imperialismo e o chauvinismo das ideologias nacionais dominantes.

Como diz a frase de companheiros do movimento curdo na Jornada de Solidaritat amb el Poble Kurd, que aconteceu em 13 de fevereiro de 2016 em Can Batlló, espaço autogestionado na Espanha: “A melhor solidariedade é lutar pela revolução onde ela se segue”.²⁸

27 Ruken Isik, op. cit.

28 Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=cHOZQI50Uzk>



Autodefesa como prática revolucionária em Rojava, ou como desfazer o Estado

NAZAN ÜSTÜNDAĞ

Viver em um país como a Turquia, onde uma guerra de baixa intensidade entre o Estado turco e o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK)¹ reivindicou em torno de quarenta mil vidas, requer que se faça perguntas sobre violência todos os dias. Algumas dessas questões são levantadas com frequência, tais como aquelas relativas ao Estado e suas atrocidades e como a violência constitui subjetividades e comunidades. Outras, no entanto, aquelas que inevitavelmente levariam a perder a segurança de uma posição “humanitária” a partir da qual interrogar a violência, continuam a ser tabu. Mais importante entre essas perguntas são aquelas relativas à relação entre violência e resistência e entre violência e revolução: É possível alcançar uma sociabilidade, política e economia alternativas sem usar violência? É possível defender o que se alcançou sem organizar um exército?

Com base em observações e entrevistas que realizei em Cizîrê², argumento que o exemplo da revolução de Rojava na Síria e as formas em que a autodefesa são praticadas no interior da revolução inspiram feministas, socialistas e outros grupos de oposição a repensar a violência e o direito assim como uma redistribuição antimilitarista dos meios de violência e justiça.

-
- 1 O PKK é uma organização guerrilheira marxista fundada em 1978 e lutou contra o Estado turco em nome dos curdos. Vide glossário.
 - 2 A palavra Rojava significa oeste em língua curda e denota as áreas povoadas por curdos na Síria. Consiste dos três cantões de Kobanî, Afrin e Cizîrê.

A revolução de Rojava, por meio da autonomia democrática, coloca um desafio à política da soberania e à biopolítica³. Enquanto a autonomia democrática envolve a institucionalização da democracia radical, essa última precisa ser defendida contra os ataques do capital, do Estado e do patriarcado. A questão de como essa defesa pode ser organizada sem reproduzir a “mágica” do Estado (Taussig, 1997) e o direito é crucial para a revolução.

ILHA E MONTANHAS:

A LIDERANÇA DE ABDULLAH ÖCALAN E AS FONTES DA AUTONOMIA DEMOCRÁTICA

Fundador e líder do PKK Abdullah Öcalan⁴ gastou um tempo considerável na Síria, e foi ali que ele desenvolveu as primeiras academias para treinar guerrilheiros para lutar pelo Movimento de Libertação Curda (KLM)⁵. Embora o PKK estivesse lutando principalmente contra a Turquia naquele momento, um número significativo de curdos da Síria se juntou ao PKK e tornaram-se figuras de proa. Foi apenas depois de 1998 e devido às pressões do Estado turco que o Estado sírio adotou sistematicamente políticas agressivas contra o PKK, forçando Öcalan e outros membros do PKK a deixar a Síria, e prendendo e matando ainda outros membros do PKK e simpatizantes⁶.

3 Estas observações e entrevistas que realizei fazem parte de um projeto de pesquisa que estou conduzindo sobre como o Movimento de Libertação Curda redefine-se no Oriente Médio em meio à guerra, revolução e conflito. Por KLM refiro-me às organizações legais e ilegais que consideram Abdullah Öcalan como seu líder e visam realizar a autonomia democrática para os curdos e o resto da região sem alterar as fronteiras dos Estados existentes.

4 Para uma biografia de Öcalan, consulte Yücel, 2014.

5 Para uma análise do tempo gasto por Öcalan na Síria e como isso influenciou a política curda na Síria, consulte Dicle, 2013.

6 Isso não significa que os curdos não eram oprimidos pelo go-

Depois de procurar asilo em vários estados diferentes, Öcalan foi capturado pela Agência Central de Inteligência dos EUA [CIA] no Quênia e entregue a autoridades turcas. No final de um julgamento rápido, ele foi enviado para a ilha de Imrali em prisão perpétua. Ali, ele continuou sua “liderança” ausente do PKK, moldando suas posições ideológicas e orientação política. Mais importante ainda, ele desenvolveu suas ideias de “autonomia democrática” contra o nacionalismo e de um estado curdo independente, o que ele já contemplava desde 1993. Até 2012, quando a revolução de Rojava ocorreu, suas ideias foram divulgadas em Rojava através do Partido da União Democrática (PYD)⁷, que compartilha ideias e estratégias do PKK.

Öcalan inspirou-se na teoria política ocidental, na mitologia e na teologia, e a ampla recepção de seus pensamentos nas regiões curdas deriva da sua capacidade de interpretar todas essas teorias através da lente de sua própria biografia e experiência política. Em seus livros, que se destinam em parte à sua defesa pública, e nos quais ele reconta a história do PKK e formula o esboço de uma revolução democrática, ecológica e feminista para o povo curdo e do Oriente Médio (Öcalan, 2009, 2012), seu objetivo geral é desenvolver uma teoria contra-hegemônica gramsciana e um vocabulário que poderia abranger o descontentamento histórico e contemporâneo em toda a região logo após o colonialismo, a fundação dos Estados-nação e o aprofundamento do capitalismo.

Em sua defesa, Öcalan argumenta que os três males da civilização contemporânea são os Estados-nação, o capitalismo e o patriarcado, que, juntos, constituem o que ele chama de “modernidade capitalista”. O objetivo da autonomia democrática é recriar uma sociedade política e moral que foi destruída pela

verno sírio. Muitos foram detidos e presos por suas atividades políticas. Também, a cidadania foi negada a grandes camadas da população.

7 O PYD é o mais forte partido político em Rojava e aceita Öcalan como seu líder ideológico. Vide glossário.

modernidade capitalista, cujas características definidoras ainda são a destruição ambiental pelo industrialismo, a opressão das mulheres pela família nuclear, e opressão do conhecimento dos povos e das sociedades pelo pensamento positivista. Na modernidade capitalista, o direito substituiu a moralidade e a governança substituiu política, privando as pessoas de sua capacidade de conhecer seu passado e determinar o seu presente e futuro. Enquanto o aspecto identificador de uma sociedade moral e política é que as decisões são tomadas coletivamente e informadas pela memória e experiências passadas, nada garante que essas decisões serão justas. Justiça, verdade e igualdade só podem ser alcançadas e mantidas em uma sociedade na qual os valores são ecológicos e democráticos e que apoia a liberdade das mulheres. Assim, de acordo com Öcalan, uma revolução ecológica de mulheres é intrínseca ao estabelecimento da autonomia democrática.

Para Öcalan, qualquer sociedade necessita cumprir as funções de nutrição, reprodução e autodefesa, a fim de sobreviver. No entanto, durante a formação da modernidade capitalista, o Estado, as classes capitalistas e os homens confiscaram os meios de nutrição (ou seja, a produção), de reprodução (ou seja, o cuidado), e de defesa (ou seja, a violência) da sociedade, dos pobres e das mulheres. Por sua vez, as pessoas despossuídas têm lutado contra a modernidade capitalista e estabeleceram uma história da modernidade democrática. Uma revolução precisa contar com tal história e trazê-la à luz, ao mesmo tempo em que desenvolve instituições que constituem aqueles assuntos éticos que irão construir uma sociedade moral e política que valoriza a ecologia, a liberdade das mulheres e a democracia. Tal sociedade deve defender-se continuamente contra o surgimento do poder centralizado e da estatidade.

Öcalan segue as análises marxistas de produção capitalista e aponta para uma distinção entre violência e defesa. Assim como Marx prioriza as relações sobre os meios de produção, Öcalan privilegia as relações sobre os meios de violência, em que as primeiras redefinem o significado social e os efeitos dos últimos. Violência (no capitalismo) torna-se defesa (no comunismo), quando os seus meios são igualmente distribuídos por toda a

sociedade. O que define uma atitude ética e política em relação à violência no pensamento de Öcalan é colocado não em termos de como se está situado em relação à questão da violência contra a não violência, mas em termos de como se está situado em relação à forma como as pessoas oprimidas podem defender-se contra aqueles que monopolizam a violência. Em uma sociedade justa e equitativa do ponto de vista de gênero, a violência deve ser democratizada junto com a produção e a reprodução, e sua privatização e monopolização devem ser eliminadas.

Defesa é sobre proteger-se não só da violência física, mas também da violência simbólica e cultural. Por isso, envolve uma transformação em todas as organizações sociais. Por exemplo, a autodefesa das mulheres exige que mulheres e homens participem igualmente em todas as formações, instituições, economias e posições de liderança. Além disso, todas as instituições devem dar às mulheres e jovens o direito de vetar qualquer decisão que os afetem, para que possam defender-se contra a exaustão e a corrupção dos homens e dos mais velhos.

Finalmente, Öcalan também aborda a questão de como uma sociedade política moral constitui sua relação com outras sociedades e define o diálogo e a negociação como a nova metodologia do KLM. Em seu ensaio de 1921, “Crítica da violência”, Walter Benjamin coloca em primeiro plano os “meios puros” para falar sobre algo oposto à lei constituinte e mantenedora das formas de violência. Seus exemplos de “meios puros”, que sublinham os momentos em que o reconhecimento das singularidades ocorre em oposição à instrumentalização da conexão e comunicação em direção a uma regra de homogeneização, incluem a diplomacia e o diálogo entre particulares. Da mesma forma, Öcalan sugere que a diplomacia é um dos elementos mais importantes da autonomia democrática. É através da diplomacia que os curdos podem dialogar entre os indivíduos, com os estados em que habitam, com a Europa e com suas comunidades. Diplomacia, em outras palavras, é uma parte inevitável da autodefesa e aponta para o fato de que a sociedade política e moral da qual Öcalan fala não é uma entidade autossustentada, fechada e fixa, mas é aberta, dinâmica e codependente.

APRENDENDO COM A GUERRA

As ideias de Öcalan foram moldadas não só por suas leituras, mas também por suas experiências positivas e negativas na luta armada pela libertação curda, iniciada no final da década de 1970. De acordo com os escritos de Öcalan e com os guerrilheiros que entrevistei, a organização guerrilheira PKK sofreu com o perigo de se transformar em esquadrões paramilitares e de gangsters no início de 1990, quando a guerra no Curdistão foi mais intensa. Líderes guerrilheiros que monopolizavam autoridade, armamentos, rotas comerciais, informações e relações com aldeões ameaçaram o caminho da esquerda para a libertação. As mulheres e suas lutas mantiveram esses riscos sob algum controle, assim que começaram a desafiar as estruturas patriarcais do PKK. Öcalan facilitou as lutas das mulheres, encorajando-as a formar um exército e instituições independentes em 1993. O exército e as instituições das mulheres não só garantiram a proteção das mulheres contra os homens, tanto no exército turco como nas forças de guerrilha, mas também interromperam canais de sigilo, transformaram as relações com os habitantes locais e, efetivamente, desenvolveram uma oposição ao abuso de poder.

Outro acontecimento durante a guerra na década de 1990 contribuiu para o foco de Öcalan na autodefesa. Como uma de suas estratégias de guerra, o exército turco aterrorizou os civis por meio de deslocamentos forçados, desaparecimentos e assassinatos extra-judiciais. O objetivo do Estado era despovoar o Curdistão e impedir que guerrilheiros recebessem apoio logístico. Em seus escritos, Öcalan critica duramente essa época, argumentando que era errado para o PKK confiar logisticamente exclusivamente nos aldeões e deixá-los indefesos quando o Estado atacou. Durante este período, o PKK sofreu porque não havia organizado os moradores ideologicamente e militarmente em unidades de autodefesa. Pior ainda, alguns guerrilheiros do PKK não conseguiram manter-se de forma independente e em vez disso dependeram dos produtos e mercadorias dos aldeões, o que ainda colocou esses últimos em risco. Ficar longe de produção

e do trabalho autossustentável transformou esses membros do PKK em figuras caudilhescas com soberanias parciais.

Como consequência das críticas de Öcalan e das lutas no interior do movimento, um dos principais objetivos do PKK ao longo da década de 2000 foi a criação de uma estrutura organizativa e ideológica que iria impedir o ressurgimento de tais abordagens e práticas autoritárias entre as unidades de guerrilha. Durante este período de turbulência autorreflexiva, a liderança ideológica do PKK enfraqueceu-se e se transformou em uma força mítica na vida das pessoas (Üstündağ 2012): viveu como um nome ao qual muitas memórias, histórias, desejos e anseios foram anexados. Curdos, tanto aqueles que deixaram como aqueles que permaneceram no Curdistão, foram envolvidos em melancolia devido à perda quer de seu lar, quer da ética do PKK, que não poderia ser reproduzida uma vez que a presença material do PKK em suas vidas cessou⁸. Em outras palavras, enquanto o PKK foi eficaz na sua guerra contra o Estado, falhou na criação de formas sociais politicamente e moralmente autônomas.

Ainda assim, houve também lições positivas para tirar da guerra. Algumas das estratégias militares bem-sucedidas do PKK durante os anos 1990 em diante tornaram-se uma fonte ideológica e material a partir da qual o recente paradigma da autonomia democrática pôde retirar ideias de autodefesa. Espalhadas entre as vastas montanhas do Curdistão, cada unidade de guerrilha é parcialmente autônoma e deve depender de si mesma para a sobrevivência. Estas unidades devem ser capazes de absorver novos recrutas, construir abrigos, depender de armamento leve, treinar-se militarmente e ideologicamente, e defender-se de ataques aéreos pesados e coordenados pelo Estado turco. O profundo conhecimento dos guerrilheiros do seu meio natural e poucos pertences, bem como suas relações estreitas entre si, muitas vezes são as únicas defesas que eles têm. Por exemplo, quando o exército turco começou a utilizar drones durante a década de 2010

8 Esta melancolia tornou-se uma força produtiva empoderando a luta dos curdos por visibilidade e direitos em áreas urbanas e no campo legal. Veja Üstündağ, 2005.

e causou um elevado número de baixas entre os guerrilheiros, algumas destas unidades autônomas descobriram acidentalmente que acobertarem-se sob guarda-chuvas pretos as protegiam de serem detectadas. Esse conhecimento se espalhou muito rapidamente entre as unidades e tornou-se uma estratégia comum até que o exército descobriu seu truque. Tais exemplos tornaram-se testemunhos amplamente difundidos para o engenho de pessoas sem um Estado, que devem contar com os seus próprios meios de defesa e autogoverno.

Também ficou claro que as unidades autônomas de guerrilha, além de causar enormes danos para o Estado, poderiam determinar grande impacto social na região. Por exemplo, depois de 2006⁹, as assembleias de aldeia desencadeadas pela guerrilha cada vez mais substituíram os mediadores e as formas de resolução de conflitos tradicionais, e as mulheres da região passaram a depender de coletividades organizadas por unidades militares exclusivamente de mulheres para se defender contra a violência, casamentos indesejados e os crimes de honra¹⁰. Em Lice, Yüksekova, Nusaybin, Cizre, e Dersim, assembleias de aldeia, juntamente com o exército de guerrilha e as milícias se defenderam usando diferentes táticas contra ataques militares, incluindo a construção das fronteiras fortificadas entre Síria e Turquia, bem como barragens e postos militares. Assim, logo antes da revolução de Rojava, o novo paradigma da autonomia democrática já era praticado e integrado pelo movimento à margem da Turquia, que é o coração do Curdistão.

9 O ano de 2006 é um ponto de viragem na luta curda. Quando doze guerrilheiros foram mortos pelo Estado turco, uma insurgência de toda a região se seguiu, que protestou não só contra o Estado, mas também contra as classes médias emergentes e as elites políticas no Curdistão. Posteriormente, a visibilidade das guerrilhas e o impacto nos limites e nas montanhas do Curdistão, mais uma vez aumentaram.

10 Um relatório publicado por Barış için Kadınlar (Mulheres pela Paz) em 2014 afirma que quando os guerrilheiros decidiram retirar-se, como resultado do processo de paz, as mulheres da região ficaram preocupadas de que elas não seriam capazes de se defender e que a violência contra mulheres aumentaria na área.

Finalmente, o movimento também percebeu que a divisão dos curdos em quatro nações poderia ser considerada como uma fonte de poder, em vez de uma fraqueza. Abandonando seu desejo de formar um Estado nacional independente, o movimento redefiniu sua meta, como a introdução da democracia, igualdade e liberdade para o Oriente Médio como um todo. Após o processo de paz com a Turquia ser declarado em 2013, foram realizadas reuniões com os curdos de diferentes estados e com as forças democráticas na Turquia e na Europa para criar organizações de cúpula e redes que poderiam atuar de forma coordenada para os interesses ecológicos, direitos das mulheres e democracia. Organizações curdas de direitos civis, mulheres e partidos políticos aprofundaram suas relações globais, regionais e nacionais, e cada vez mais adotaram um discurso que enfatizou os princípios éticos orientados para o futuro ao lado do sofrimento pretérito de múltiplas filiações étnicas.

Assim como as ideias de Öcalan não foram desenvolvidas no local em um vácuo, a revolução de Rojava não se desenvolveu como um evento-verdade instantâneo, autoexplicativo. Tem sido gestada durante pelo menos trinta anos.

DAS TERRAS BAIXAS DO NORTE PARA AS PLANÍCIES DO OESTE: REVOLUÇÃO EM ROJAVA

A revolução de Rojava começou em julho de 2012, em Kobanî e imediatamente se difundiu para Afrin e Cizîrê. De acordo com as entrevistas que realizei em Kobanî e Cizîrê, a revolução ocorreu por meio da desobediência civil. Quando milhares de pessoas vieram para a frente de postos do exército do governo em protesto, o pequeno número de soldados defendendo esses postos rendeu-se sem oposição. Em janeiro de 2014, os cantões publicaram a tão aclamada constituição de Rojava, que se declara ser um acordo social voluntário entre coletividades de diferentes etnias, seitas e religiões. Dois co-presidentes de governo, o parlamento de um povo liderado por um presidente e

dois vice-presidentes governam cada governo do cantão. Eles, e funcionários do ministério, são nomeados pelo Movimento para uma Sociedade Democrática (TEV-DEM)¹¹, uma coligação de diferentes partidos políticos e o ator principal na revolução. Na formação desses governos, o TEV-DEM tem o cuidado de assegurar que todas as diferentes filiações políticas, grupos religiosos e etnias foram representadas em governos dos cantões e que a igualdade de gênero em todas as posições de poder foi alcançada.

A autonomia democrática não nega a legitimidade dos Estados já existentes. Embora hoje a presença do Estado central tenha diminuído - e, em Kobanî, desapareceu completamente - assim que a guerra terminar e o Estado sírio for restabelecido, os governos dos cantões serão parte de uma estrutura de poder dual. Mais importantes são as assembleias, comunas e academias, que, juntas, constituem uma terceira estrutura de tomada de decisão em relação a questões de produção, reprodução e defesa. O que posso deduzir dos membros do TEV-DEM que entrevistei é que a relação entre o governo do cantão e as assembleias não é concebida em termos de representação, mas em termos de autodefesa. Em outras palavras, o objetivo principal não é alcançar a representação das assembleias no governo, apesar de que poderia ser o caso. Em vez disso, assembleias, academias e comunas serão os meios pelos quais as localidades manterão a sua autonomia contra os governos dos cantões, desfazendo as últimas reivindicações de estatidade, e, afinal, apropriando-se de suas funções, provando sua redundância.

A ORGANIZAÇÃO DA DEFESA E DA JUSTIÇA EM ROJAVA

A Asayish. A primeira vez que encontrei a *asayish* (segurança)¹² de Rojava foi quando eu cruzei a fronteira do Iraque para a

11 TEV-DEM é uma organização de cúpula de diferentes partidos e organizações em Rojava que participam na elaboração da revolução. Vide glossário.

12 *Asayish* refere-se a unidades de defesa que são responsáveis pela paz

Síria ou, como os curdos chamam, de Bashur para Rojava, em julho de 2014. Uma vez que o Governo Federal Curdo do Iraque (KRG) está relutante em conceder documentos oficiais para a entrada em Rojava e mantém a fronteira fechada, muitas pessoas como eu são obrigadas a utilizar meios informais e conexões para acessar Cizîrê. É então, já no limiar da passagem da fronteira, onde os documentos significam menos do que força de vontade e relações informais, que se assiste a apatridia em Rojava.

Meus contatos me ajudaram a passar para Cizîrê através do rio Tigre em um pequeno barco à noite. Depois dos guerrilheiros das Unidades de Defesa Populares (YPG) e das Unidades de Defesa da Mulher (YPJ)¹³, que fazem vigília ao longo da fronteira, acolherem-nos com fortes apertos de mãos, fomos levados para a academia das mulheres, onde as mulheres que participam de assembleias, comitês, governo, comunas locais e academias recebem educação revolucionária sobre liberdade das mulheres e dos povos. Essa academia de mulheres, juntamente com a academia *asayish* vizinha, tornou-se a casa onde eu iria passar os dias seguintes e a partir do qual os meus compromissos com diferentes grupos seriam preparados.

Sob o governo sírio, Rimelan era a sede do governo e os espaços nos quais agora as academias localizam-se eram inacessíveis para as pessoas comuns, a menos que fossem levadas lá para investigação ou tivessem solicitações específicas dos funcionários do governo. Apesar do fato de que a nova geografia de Rimelan ainda ocupa muitos postos de controle que protegem as pessoas de ataques suicidas do ISIS (Estado Islâmico do Iraque e Síria), as academias são facilmente acessíveis a qualquer pessoa que queira participar ou visitá-las.

e segurança nas cidades e aldeias. O povo abstém-se de chamá-los de polícia, já que quase todos e cada membro *asayish* experimentou problemas com a polícia.

- 13 O YPG e YPJ são vagamente conectados ao TEV-DEM e aos governos do cantão e abrangem todos os que querem participar na defesa de Rojava, independentemente de filiações organizacionais e ideológicas.

Muitas das formandas que frequentam as academias foram torturadas nos mesmos lugares nos quais agora estão sendo treinadas; elas apontaram a ironia de habitar Rimelan como estudantes que logo se tornariam “policiais”. Um lugar que outrora elas consideraram ser esmagadoramente imponente e rico tornou-se um sinal de modéstia, um “lugar comunitário” em que os professores e alunos, oficiais de alta e baixa patente, igualmente cozinham, comem, trabalham, alimentam animais, plantam legumes e flores, e riem juntos. Muitas delas mencionaram que estar em lugares e espaços onde tinham sido humilhadas e violadas antes era um lembrete constante do que elas não querem se tornar. Como uma delas disse: “*Marchamos em um sentimento de vingança. Mas a revolução é valiosa demais para ser sacrificada por sentimentos pessoais*” (Pers. Comm., Julho de 2014).

Em seu ensaio fenomenal sobre a formação do Estado na vida cotidiana, Akhil Gupta e James Ferguson (2002) argumentam que o Estado na vida social é constituído pela organização do espaço simbolizado pela estatura de prédios, portões e postos de controle. A existência conceitual e material do Estado como uma entidade separada é sempre já dependente de uma representação espacial. Uma das maneiras em que a *asayish* de Rojava tenta se livrar de ser percebida como parte do Estado é também através de representações espaciais: cães, flores e plantas são bem-vindos; metade dos residentes da academia são mulheres; alunos e professores cozinham e se servem ao mesmo tempo. Esses aspectos tornam Rimelan mais acessível às pessoas e dissociada do Estado.

O que imediatamente chama a atenção em Rimelan, como no resto de Rojava, é que as pessoas locais saúdam e conversam com os homens e mulheres em uniformes - andando na rua ou defendendo um posto de controle - com orgulho e compaixão. Na Síria, a maioria da população curda não tinha cidadania e, por conseguinte, não detinha quaisquer posições governamentais.

Muitos daqueles que detinham posições do governo deixaram o país com o resto dos grupos mais ricos após a revolução. O orgulho e a compaixão mostrada para pessoas em uniformes vêm da eliminação da diferença colonial que fez do Estado e da vida em Rojava sob o regime de Assad e do sentimento de que

“estas são as nossas pessoas”. Tais práticas de reciprocidade, além disso, eliminam a presença fantasmagórica e reificada do Estado sírio na vida das pessoas, simbolizada pelos uniformes gloriosos usados pelos militares, suas expressões abertamente masculinas, ou as mansões que eles habitaram. O fato de que são os uniformes desmantelados, mal costurados e irregulares que morrem primeiro na guerra acrescenta a compaixão de saudações, que sempre já contêm luto.

As unidades de autodefesa do YPG do YPJ são os principais responsáveis por proteger Rojava de ataques por parte do governo sírio e de organizações islamistas como o al-Nusra e ISIS. Esses foram os principais atores que protegeram os yazidis do massacre do ISIS no Iraque e asseguraram o seu transporte. Este foi um passo importante da sua parte, já que com ele não só têm desempenhado um papel de defesa transnacional, mas ganharam legitimidade entre diferentes sociedades e comunidades. Mais tarde, durante a guerra em Kobanî, o YPG e o YPJ aprofundaram essa posição internacionalista, convidando todos os comunistas do mundo, feministas e democratas a participar na guerra contra o ISIS.

Enquanto o YPG e YPJ estão cada vez mais internacionalizando-se, o objetivo da *asayish* é localizar-se profundamente. Em uma conversa que tivemos com o comandante da *asayish* em Cizîrê e os co-comandantes do sexo feminino e masculino da academia *asayish* em Rimelan, nós aprendemos sobre seus planos futuros para a autodefesa de Rojava. Sua principal queixa é sobre as armas pesadas e extremamente visíveis que carregavam. Sua esperança é substituí-las por pequenas armas e eventualmente todos juntos renunciarem às armas. Em um futuro não tão distante, eles esperam que a defesa será totalmente democratizada e que as assembleias locais irão assumir a sua função.

É somente em um ritmo lento que as milícias locais estão sendo formadas sob o controle de assembleias de bairro e de aldeia em Cizîrê. De acordo com o paradigma da autonomia democrática, estas unidades de autodefesa de bairro formadas por homens e mulheres de diferentes faixas etárias irão substituir todas as outras unidades de defesa centralizadas. Como o YPG,

YPJ, e a seção de defesa do PKK têm um papel cada vez mais internacional e humanitário para proteger os oprimidos dos ataques militares destrutivos, coloniais e capitalistas, estas unidades locais se tornarão responsáveis por problemas internos, como a violência contra as mulheres, conflitos tribais ou o abuso de drogas. Membros do TEV-DEM, funcionários do cantão, e membros *asayish* salientam, contudo, que Rojava ainda está longe de concretizar esse ideal, uma vez que a educação das pessoas para se tornarem personalidades revolucionárias não está completa.

Na verdade, todos em Rojava afirmam que a educação e o que todo mundo chama de uma revolução mental através da prática pedagógica são ingredientes fundamentais para sustentar uma revolução material. Colonialismo e ocupação criaram uma personalidade particular entre os curdos sírios, a qual atores revolucionários definem como alienada e autointeressada. A educação é um meio de cultivar uma nova subjetividade ética, contrariando estas personalidades colonizadas.

Grande parte da educação na *asayish* não é técnica e envolve temas como a história das mulheres e libertação, história do Oriente Médio, a história do Curdistão, o Estado, a verdade e diplomacia. Longe de ser apenas conceitual, as aulas também são práticas, envolvendo representações da vida na natureza e a escassez, por meio da qual os alunos são levados ao ar livre e ensinados a viver sem eletricidade e comida. Autorreflexividade e crítica constituem outra parte importante das lições: as pessoas são convidadas a contemplar coletivamente os seus desejos de poder, vingança e conformidade.

Uma vez que os membros *asayish* assumem seus postos, espera-se que executem uma ética de igualdade com as pessoas e não se façam muito presentes em suas vidas. Há uma série de casos em que as reclamações do público levaram alguns membros *asayish* a serem punidos. Punição envolve mais educação e só em poucos casos as pessoas são retiradas de seus postos e indicadas a outras funções, exceto defesa. Na verdade, a punição e a aplicação da lei, isto é, a lei que produz e mantém a violência, é sempre uma questão debatida em Rojava.

DEMOCRATIZAÇÃO DO DIREITO: CASAS DO POVO E DAS MULHERES

Os revolucionários de Rojava acreditam que a democratização dos meios de violência deve ir de mãos dadas com a democratização dos meios de justiça. Eles sonham com uma sociedade em que não haverá necessidade de juízes, advogados e procuradores, e eles têm feito progressos consideráveis na consecução deste objetivo. Todas as assembleias de bairro têm comissões de paz e de justiça competentes para a resolução de conflitos. Se os conflitos não são resolvidos nesse nível, são levados para as casas dos povos e casas das mulheres nas cidades e centros urbanos. As casas das mulheres lidam com questões de violência contra as mulheres, com a poligamia, os casamentos indesejados e outros crimes que envolvem mulheres.

As casas das mulheres e casas do povo em Rojava realizam a democratização e a profanação do julgamento através de conversa, argumentação e negociação, tomando decisões em uma base caso-a-caso e envolvendo a comunidade nos processos de tomada de decisão. Refiro-me à conceituação de profanação de Giorgio Agamben (2007) e quero justapô-la com a magia do Estado, a qual o Estado adquire pela monopolização do direito e da violência e devido a essa grande monopolização ganha uma presença fantasmagórica na vida das pessoas. Para Agamben, profanação é superar as separações sociais e trazer tudo o que é reificado pelo Estado e pelo capitalismo para o povo usar livremente. Isto leva a uma forma diferente de magia em Rojava, que conecta as pessoas para a revolução e, ao fazê-lo, recriá-los.

Alguns membros das casas de mulheres das casas do povo são selecionados a partir das assembleias de bairros, enquanto outros são ex-profissionais da área jurídica e graduados da Escola de Direito da Mesopotâmia, na qual recebem seis meses de treinamento, e outros ainda são os membros mais velhos e respeitados da sociedade. As decisões das casa do povo e das mulheres não são incontestáveis. Às vezes, os membros são ameaçados. Outras vezes, quando estão insatisfeitos, os lados do conflito apelam

para instituições judiciais formais do cantão. Casos criminais graves são diretamente levados ao tribunal formal. No geral, as estatísticas da Escola de Direito da Mesopotâmia mostram que 90% dos casos são resolvidos nos conselhos comunitários e nas casas do povo.

O PALCO:

GUERRA, EMBARGO E RECONHECIMENTO

Nesta intervenção, estabeleço dois argumentos relacionados. Meu primeiro argumento é que, no meio da guerra e turbulência, a revolução de Rojava pode nos fornecer uma forma de repensar a violência e o direito. A experiência de Rojava, informada por trinta anos de guerra de guerrilha travada em nome de um povo colonizado, sugere que o caminho adiante envolve a profanação da violência e do direito por sua democratização radical em vez de uma adesão irrealista e liberal à não violência. Isto ocorre em dois níveis. Por um lado, por meio do PKK, YPG e YPJ, uma força armada anticolonial não-nacional está sendo criada, que pretende garantir a segurança de todos os povos oprimidos do Oriente Médio. Por outro lado, a autodefesa está sendo profundamente localizada e seu significado está sendo estendido através de assembleias de bairro, academias e comunas. Um processo semelhante está ocorrendo no campo legal. Enquanto uma constituição que é não-étnica, ecológica e pela liberdade das mulheres molda o quadro de práticas, é no nível local que a justiça e a paz são negociadas e debatidas.

Meu segundo argumento é informado pela pesquisa em antropologia do Estado, que sustenta que o Estado é formado e re-formado no nível cotidiano. Por exemplo, Michel-Rolph Trouillot (2003: 79-95) argumenta que o Estado é criado por seus efeitos, especificamente os efeitos do “isolamento”, “identificação” e “legibilidade”. Aradhana Sharma e Akhil Gupta (2006) enfatizam práticas cotidianas de burocracia e representação como constitutivas do que chamamos de Estado. Em cada um desses quadros, o Estado assume uma forma fantasmagórica,

torna-se um roteiro para o exercício do poder e subsume a sociedade, separando o social do político. A política é então colonizada pela técnica (biopoder) e pela metafísica (soberania). Aplicar isso à terminologia de Öcalan significaria que é por meio da criação do Estado como uma entidade separada com efeitos concretos que a sociedade é tornada mais fraca e que a política e a moral são substituídas pelo governo e pelo direito.

Ao discutir *asayish* e casas do povo, e dando exemplos de suas práticas discursivas e espaciais, argumentei que não é só por meio de modelos organizacionais, mas também através de encenações diárias que o Estado está sendo desfeito em Rojava. No entanto, esta é apenas parte da história. Como resultado da guerra e do embargo e a necessidade de apresentar-se diplomaticamente na cena global, bem como representar seus cantões internamente para as pessoas como sistemas emergentes, os governos dos cantões muitas vezes acabam realizando estatidade. Eles coletam informações, falam em nome do povo, assumem uma economia Rojavana e desejam criar sistemas de educação e de saúde.

Pelo menos nesta conjuntura, eu acho que não devemos falar de um modelo em Rojava. Ao contrário, devemos falar de um movimento que está situado na dialética entre a estatidade e a sociedade. Ao falar sobre as assim chamadas sociedades primitivas, Pierre Clastres (1989) menciona como essas sociedades defenderam-se contra o surgimento do Estado, que era sempre uma possibilidade intrínseca à vida social. Guerreiros armados, chefes polígamos que tiveram acesso desigual aos recursos e profetas que prometem uma boa vida sempre carregavam o potencial de se tornar figuras dominantes, ultrapassando funções de produção, reprodução e defesa de coletividades.

Combatentes contra o ISIS, oficiais do cantão que conduzem a diplomacia e fazem as regras e quadros políticos que incorporam a ética revolucionária têm uma semelhança surpreendente com guerreiros, chefes e profetas. No entanto, a história do povo de Rojava da modernidade democrática capacita rojavenses com os meios para manter essas figuras paraestatais sob controle: eles amam e lamentam combatentes, desde que esses

combatentes estejam prontos para morrer por eles, eles investigam os oficiais em termos do que eles consomem e possuem, e eles desafiam os conhecimentos de quadros com sua própria sabedoria. Academias, assembleias e comunas são cada vez mais espaços estruturados em que a sociedade se defende não só a partir do Estado que está sob eliminação, mas também daquele que está sempre em perigo de emergir.

Consenso é a Chave: O Novo Sistema de Justiça de Rojava

ERCAN AYBOĞA

Após o início da revolução em Rojava, em julho de 2012, o sistema de justiça sírio tornou-se obsoleto. Obviamente a população e o movimento político por trás dela rejeitaram o aparato de segurança, os representantes políticos do Estado e as agências de inteligência, assim como rejeitaram os representantes de Justiça, e depuseram todos eles de seus cargos.

Tão importante quanto depor o corpo de funcionários do regime ditatorial de Baath era, porém, a questão de como se daria uma nova forma de justiça. Como em qualquer sociedade que ainda não se livrou totalmente da dominação, ou ainda não foi completamente emancipada ou socialmente liberta de questões de gênero, os assim chamados *crimes* (mesmo os mais leves) ainda ocorrem, especialmente em um contexto de guerra (conflitos, violência, assalto, roubo), com os quais as cidades precisam lidar.

A fundação do novo sistema de justiça formou os Comitês de Paz e Consenso. Alguns deles já haviam sido formados nos anos 90 por ativistas de esquerda curdos com apoio popular em cidades de maioria curda na Síria. Ainda hoje executam tarefas para garantir a paz social nos distritos e localidades e ações contra o crime e injustiças sociais. Sob o regime Baath estes comitês agiam ilegalmente – o Estado os via como ameaças ao monopólio da justiça, e portanto atuavam em paralelo ao sistema de justiça vigente. Apesar do aumento da repressão a partir dos anos 2000, especialmente após 2004, eles continuaram existindo, ainda que em menor número e sem alcançar a maioria da população curda.

Desde que a região de Rojava foi libertada, no verão de 2012, as localidades que já haviam tido a experiência dos Comitês de Paz e Consenso não entraram num estado de “caos e confusão” quando começaram a resolver os casos civis e criminais. Os comitês existentes tornaram-se então os lugares a se procurar para lidar com as questões de justiça. Onde eles não existiam, foram rapidamente construídos de acordo com o modelo existente.

A ESTRUTURA DO SISTEMA DE JUSTIÇA

Para descrever a estrutura do sistema de justiça de Rojava, precisamos estudar a estrutura que tem se desenvolvido nos últimos dois anos [N.d.T.: o texto é de 2014]. Uma vez tendo as cidades e vilarejos sido libertadas em 19 de Julho de 2012, os conselhos regionais de justiça (*diwana adalet*, em curdo) foram formados em várias regiões. Eles emergiram por iniciativa do TEV-DEM (Movimento por uma Sociedade Democrática), que organizou os corpos executivos do Conselho Popular do Curdistão do Oeste (MGRK) por toda Rojava; o MGRK – o sistema de conselhos populares – foi a força decisiva para a condução da revolução. Os conselhos de justiça engajaram juízes, advogados, procuradores e juristas e outros que romperam com o sistema vigente. Além disso, os conselhos populares também eram membros dos Comitês de Paz e Consenso, para os quais elegiam e nomeavam pessoas. Esses conselhos de justiça têm sido cruciais para a construção de um novo sistema de justiça.

As três regiões de maioria curda que formam Rojava foram recentemente nomeadas “cantões”; o maior dos três cantões é Cizîrê. Seu conselho de justiça, que tem onze membros, compreende diversos conselhos distritais; os conselhos de justiça de Afrin e Kobanî têm sete membros cada (aparentemente não tem muita gente nesses comitês). Os conselhos de justiça são coordenados junto aos conselhos populares e são responsáveis destes; após amplo debate nos conselhos populares, fundaram o novo sistema de justiça.

Ao nível mais básico do novo sistema de justiça estão os Comitês de Paz e Consenso, criados nos vilarejos, distritos, ou até mesmo em ruas. Neles os casos são resolvidos na base do consenso. Se por algum motivo não conseguem alcançá-lo, o caso é levado ao próximo nível. É importante dizer que casos mais difíceis como assassinatos não são lidados pelos Comitês de Paz e Consenso, são levados diretamente aos níveis superiores.

Ao nível comunal, os Comitês de Paz e Consenso têm uma estrutura dupla. Os comitês gerais são responsáveis por conflitos e crimes; as comissões de mulheres são responsáveis pelos casos de violência patriarcal, casamento forçado, casamento poligâmico, etc. Estas comissões estão diretamente ligadas à organização de mulheres Yekîtiya Star¹ (União Estrela de Mulheres).

Ao nível acima, na cidade grande central para cada área, estão os Tribunais Populares (*dadgeha gel*), que foram estabelecidos pelos conselhos de justiça. Seus juízes membros (*dadger*) podem ser nomeados pelos conselhos de justiça ou por qualquer um na área. Os conselhos populares a nível regional (como Serê Kaniyê, Qamişlo, Amude, Dêrik, Hasakah, Afrin, Kobanî) apresentam suas nomeações, e destas sete pessoas são eleitas para cada área. Os nomeados não precisam ser juristas; ao contrário, diferente de outros sistemas de justiça, alguns dos escolhidos não têm nenhuma formação jurídica. Considera-se muito mais importante que estas pessoas nomeadas representem e respeitem os interesses da sociedade.

Os outros níveis do sistema de justiça de Rojava se parecem muito aos de outros Estados.

Ao fim de um processo num Tribunal Popular, uma das partes pode entrar com um recurso e levar o caso aos tribunais de apelação (*dadgeha istinaf*). Rojava tem apenas quatro tribunais populares, dois em Cizîrê, um em Kobanî e um em Afrin. Neste nível, todos os juízes devem ser juristas.

Quem quiser mover um processo ao próximo nível tem a disposição o Tribunal Regional (*dadgeha neqit*); há apenas um para os três cantões.

1 Este movimento de mulheres mudou seu nome para Kongreya Star em 2016 (N.T.). Vide glossário.

Finalmente há um Tribunal Constitucional (*dadgeha he-
peyman*), em que sete juizes observam se o contrato social –
adotado no início do ano, ao invés de uma constituição – e ou-
tras leis importantes estão sendo aplicados no andamento dos
processos e de outras decisões do governo. Em cada região, os
advogados dos Tribunais Populares, assim como outros procura-
dores, trabalham para o interesse público.

No topo do sistema legal está o Parlamento de Justiça (*mecli-
sa adalet*); cada um dos três cantões tem o seu. Cada Parlamento
de Justiça consiste em 23 pessoas: três representantes do Minis-
tério de Justiça (fundado em janeiro de 2014); onze represen-
tantes dos Conselhos de Justiça; sete do Tribunal Constitucional; e
dois da associação de juristas. Um(a) membrx do Parlamento de
Justiça fala publicamente. Esta configuração tem uma diferen-
ça importante em relação aos sistemas de justiça comuns, pois
com apenas três representantes, o novo governo de transição tem
pouca influência legal.

Os Parlamentos de Justiça têm a responsabilidade de garan-
tir que o sistema legal acomode as necessidades desta sociedade
que passa por um rápido processo de transformação e democra-
tização. Sua maior prioridade é a reconstrução do sistema de jus-
tiça, ainda em andamento. Por enquanto é apenas um esqueleto,
e muitos detalhes e práticas ainda não foram discutidos ou deci-
didos. O sistema legal encara também o enorme imperativo de
trabalhar com novas bases legais (sobre o novo contrato social),
mas precisa ainda se referir às leis sírias existentes, pois as novas
leis ainda não cobrem tudo. De qualquer maneira, novas leis não
precisam ser feitas em todas as áreas.

Cada lei, regulamento ou direcionamento estão sendo rea-
nalisados; os elementos antidemocráticos estão sendo retirados
ou substituídos por novos, e novas emendas são feitas se necessá-
rias. Os três cantões entendem-se como parte do Estado da Síria,
mas como partes democráticas. No caso de uma transformação
democrática não ser possível, uma nova lei, completamente dife-
rente, será criada para a área afetada.

Além disso, os Parlamentos de Justiça aconselham sobre
questões técnicas e administrativas pendentes. Os problemas e

demandas das associações de juristas também são discutidas aí, e soluções comuns são desenvolvidas.

Até agora o trabalho dos Parlamentos de Justiça têm sido desenvolvido através de muitas discussões, e seus membros nunca discordaram veementemente, ao menos é o que dizem. Dada a pressão para se que se construa um sistema judicial funcional razoavelmente rápido, não houve muito tempo para discussões. As discussões necessárias de caráter mais profundo tiveram que ser postergadas para os próximos anos, quando oxalá tempos de paz devem prevalecer.

EDUCAÇÃO DA EQUIPE

No meio de 2013, em Qamişlo, foi fundada uma academia para juristas dos três cantões de Rojava. Foi necessária pois o novo sistema de justiça requer algumas centenas de profissionais e equipe. Cada curso básico de formação dura quatro meses. Em maio de 2014, duas turmas de trinta e seis alunos cada terminaram o primeiro ciclo. Depois de passarem nos exames ao fim dos quatro meses, os estudantes já podem começar a trabalhar no novo sistema de justiça. Mas sua formação não termina aí: eles voltam para a academia em intervalos regulares para continuarem os estudos, por muitos meses mais. O objetivo é que se formem juristas melhores e mais compreensivos, apesar do curto período de quatro meses instituído assim apenas pela enorme necessidade de profissionais capacitados.

RESULTADOS DO NOVO SISTEMA LEGAL

Começamos por dizer que o novo sistema aboliu a pena de morte. A pena de prisão (com permanência máxima provisoriamente estabelecida em 20 anos) pode ser aplicada apenas em casos de assassinato, tortura ou terror. Até agora aconteceu apenas duas vezes em Cizîrê: a um homem que assassinou brutalmente uma mulher, e a outro que torturou e assassinou um membro das forças de segurança (chamadas Asayish).

Em Rojava, detenção é considerado último recurso. E de acordo com os princípios do sistema legal, a pessoa detida não deve ser vista como uma criminosa, mas como alguém em reabilitação. Prisões são entendidas como instituições educativas e uma vez que meios para isso estejam disponíveis, serão transformadas em centros de reabilitação; não mais instituições de punição. As comissões legais de Rojava estão especialmente preocupadas com a questão das condições de aprisionamento, como nos explicou um membro do Conselho de Justiça: “nós já estamos privando os prisioneiros de sua liberdade; não queremos puni-los ainda mais com as condições da prisão”.

Nos últimos dois anos, como resultado do novo sistema de justiça e especialmente da ótima autogestão do povo em comunas e conselhos, o número de crimes decresceu lentamente, ainda que números confiáveis sejam difíceis de determinar. Os crimes se concentram nas periferias urbanas. No Curdistão Sul, os assim chamados crimes de honra continuam comuns, mas em Rojava, principalmente por conta de todo o trabalho do movimento de mulheres, esses crimes caíram notavelmente.

OS COMITÊS DE PAZ E CONSENSO

A mais básica diferença entre o sistema de justiça de Rojava e os sistemas de justiça em diferentes tipos de Estados – capitalista, real-socialista, parlamentar, ditatorial – é a existência dos Comitês de Paz e Consenso a nível local e o papel que este desempenha na estrutura de conselhos.

Membros dos Comitês de Paz e Consenso são nomeados pelos Conselhos Populares. Ao nível da comuna (a estrutura organizativa mais básica do sistema do MGRK, que consiste em um grupo de 30 a 150 famílias), todos os residentes vão à assembleia e elegem seus membros. Na autoridade organizativa seguinte, o distrito ou comunidade de vilarejos (de 7 a 10 vilarejos), os Comitês de Paz e Consenso são escolhidos na ocasião em que os Conselhos Populares encontram os delegados das comunas. Os níveis acima do sistema de conselhos não têm Comitês de Paz e Consenso.

O sistema de conselho em Rojava foi construído no início da revolução na Síria três anos atrás; desde então emergiram Comitês de Paz e Consenso ao nível dos distritos e comunidades de vilarejos. Iniciados em 2012, com a emergência das comunas, os Comitês de Paz e Consenso foram eleitos nesses níveis mais básicos. A maioria das comunas não têm autoridade sobre esses comitês.

Como mencionei antes, o primeiro Comitê de Paz e Consenso foi formado nos anos 90, e se beneficiou da estrutura do MGRK. Sem essa longa experiência, teria sido muito mais difícil estabelecer tão rápido estes comitês em outros lugares. Os mais de quinze anos de experiência foram muito valiosos.

Cada Comitê de Paz e Consenso normalmente consiste em cinco a nove pessoas, com uma cota de gênero mínima de 40%. As pessoas eleitas são geralmente aquelas reconhecidas por terem habilidade em mediar discussões. A maioria é maior de 40 anos.

Os processos nos Comitês não são relatados por escrito aos mínimos detalhes, e nem por completo. Regras e princípios têm sido desenvolvidos na prática ao longo de anos, e até certo ponto são transmitidos verbalmente.

Os membros dos Comitês de Paz e Consenso não devem ser reconhecidos como magistrados tradicionais, uma vez que são eleitos democraticamente e com paridade de gênero. Isso é importante: como os conselhos e o movimento político que engendram a construção dos comitês se relacionam com os conselhos de anciões da sociedade tradicional. Os conselhos de anciões mal existem hoje em dia – foram dispersados nos anos 60 e 70. Rojava identificou estas instituições tradicionais e as imbuíu de valores de seu contrato social: conselhos democráticos, libertação das mulheres e direitos humanos. Ao incorporar e superar os conselhos de anciões tradicionais, constrói-se uma ponte entre a tradição e a revolução.

A estrutura paralela de comissões exclusivas de mulheres e a Yekitiya Star devem garantir que as estruturas feudais não tenham jurisdição em casos de violência patriarcal. Nesse contexto, mulheres são a força condutora do processo.

O objetivo dos Comitês de Paz e Consenso, no que diz respeito à jurisprudência, não é condenar um ou dois lados em um processo, mas alcançar um consenso entre as partes em conflito. Se possível, o acusado não é condenado ao ostracismo ou trancado em qualquer parte, mas é feito entender que seu comportamento levou à injustiça, dano ou lesão. Se necessário, a discussão da questão é longa. Alcançar consenso entre as partes é o melhor resultado para que a paz dure.

A longo prazo este é um grande benefício para a sociedade local, pois promove ao mesmo tempo a reaproximação de grupos e indivíduos e promove a paz. A solidariedade e a coesão social crescem nesse terreno; esta tem sido a experiência dos dois anos de revolução em Rojava. Se hoje nas comunas e localidades a maioria das pessoas se comporta em solidariedade, se dispõem a fundar cooperativas e a tomar decisões juntas, isso é em parte devido ao sucesso do trabalho dos Comitês de Paz e Consenso.

Que os comitês são aceitos pela sociedade e têm grande respeito também aparece no fato de que cada vez mais pessoas de outros grupos étnicos estão acessando eles para lidarem com seus problemas. Não se pode esquecer que um grande número de árabes também vive nas cidades de Rojava.

Outro indicador dos efeitos positivos dos Comitês é o fato de que onde eles estão bem organizados, querelas e brigas entre indivíduos, famílias e grupos estão aos poucos caindo; para não falar de crimes, especialmente os roubos, que estão declinando fortemente.

O Sistema Educativo em Rojava

UMA ENTREVISTA COM DORŞIN AKIF – POR DERYA AYDIN

EDUCAÇÃO EM ROJAVA:

ACADEMIA E PLURALÍSTICA CONTRA A UNIVERSIDADE E O MONISMO

Por um lado, as comunidades de Rojava (Kobani, Afrin y Cizîrê) continuam resistindo contra o brutal “Estado Islâmico”, também conhecido como ISIS – Estado Islâmico de Iraque e Síria. Por outro, tentam construir uma vida social. As instituições de educação estão abertas nas três maiores cidades de Rojava e oferecem um novo modelo educacional. Os idiomas principais de ensino são: curdo, árabe, siríaco e outros. E este modelo de educação em muitas línguas tem o objetivo de romper com a política linguística monolítica do regime baathista na Síria.

Nesta entrevista com Dorsin Akif, professora de Jinealogia¹ da Academia de Ciências Sociais da Mesopotâmia, situada em Cizîrê, conversamos sobre as instituições de educação e academias e seus planos para o futuro. Akif disse que “as perspectivas principais na educação são o paradigma das bases da democracia, a economia-ecológica e a emancipação de gênero”, e também explicou porque utilizam o termo “academia” ao invés de “universidade”.

1 O termo “Jinealogia” significa “ciência da mulher”: “Jin” é um prefixo curdo e significa “mulher”. “Logia” vem do grego “logos”, significa conhecimento (N.T.).

VOCÊ PODE FALAR DOS DESENVOLVIMENTOS NA EDUCAÇÃO QUE COMEÇARAM COM A REVOLUÇÃO DE ROJAVA?

Antes de tudo, deveríamos lembrar que o líder do povo curdo, Abdullah Öcalan, teve um impacto na tradição revolucionária em Rojava. Colocamos muito esforço na emancipação das mulheres. Toda pessoa que vai à academia, incluindo adultas de 70 anos até meninas de 7 anos, foram educadas de uma maneira ou outra. Isto criou em si uma tradição. Sendo assim, a revolução dos “curdos livres” e das “mulheres livres” do movimento de libertação do Curdistão trouxe uma mudança e uma transformação significativas nesta região nos últimos três anos.

Há dois tipos de educação em Rojava, uma é a “educação pública” que é proporcionada principalmente pelas academias. A outra é a “educação escolar”, que é proporcionada principalmente pelas instituições do Estado. O Estado tem uma política monopolista na educação escolar e nós tentamos mudar o plano de estudos e desenvolver um novo. Este ano preparamos livros para pré-escola, creches e para o primário.

O funcionamento de todas as escolas depende do ministro de educação da região. Entretanto, ainda não fizemos mudanças em todos os livros. O que tentamos fazer é transformar o programa escolar para certos cursos e liberar a educação do controle do governo e entregá-la às pessoas. O povo não controla a educação escolar, o Estado ainda continua a realizar sua educação.

Para maiores detalhes sobre a educação nas academias, podemos dizer que incluem o ensino para a construção da vida social, mudança e transformação social e, também, ensina às pessoas a dirigir instituições sociais. A perspectiva fundamental nesta educação está baseada no paradigma democrático, na economia-ecológica e na emancipação de gênero. Criamos um sistema diferente da educação desenvolvida pelo Estado-nação, acreditamos que a produção de conhecimento deveria ser desenvolvida à sociedade. E isso mudará tudo, desde os métodos de educação, utilizando os edifícios e até a construção da vida diária na academia. Os diretores e professores nas escolas do Estado ao

invés de educar as pessoas foram sempre alguém de quem todos têm medo. Somos diferentes deles, estabeleceremos uma relação baseada na igualdade e na amizade.

No sistema de educação estatal se estabelece um programa escolar único que é aplicado em todas as escolas. O ponto principal da educação do Estado é que o indivíduo pertence ao Estado. E aí está no que somos diferentes. Estamos tentando construir um sistema onde podemos educar-nos a nós mesmas e desenvolver conhecimento. Queremos pertencer a nós mesmas, nossa sociedade, e entender a realidade social. Somos diferentes da educação do Estado no sentido de que nós minimizamos o poder estatal e empoderamos a sociedade civil.

COMO SE CONSTRÓI A EDUCAÇÃO NOS CANTÕES: SÃO OS MESMOS MODELOS EDUCACIONAIS EM CADA REGIÃO OU HÁ DIFERENÇAS?

Cada cantão se esforça para construir seu próprio sistema educacional em sua própria estrutura social. Claro que há um objetivo em comum em termos de paradigma. Este objetivo compartilhado é o paradigma democrático, de economia-ecológica e emancipação de gênero. Entretanto, a composição de cada cantão é diferente. Por exemplo, o de Cizîrê é um exemplo da coexistência das sociedades do Oriente Médio, por isso a educação ali se molda como consequência. Kobanî e Afrin também são diferentes. Posso dar um exemplo em termos de idioma: os idiomas siríaco, curdo e árabe são ensinados na educação escolar no cantão Cizîrê. Se há uma criança árabe, ela é ensinada no idioma árabe; os cursos de idiomas em curdo e siríaco serão opcionais a esse/essa estudante. Os meninos e meninas aprendem nestas línguas baseadas em suas identidades étnicas e sua educação é baseada em sua estrutura social. Entretanto, este não é o caso no cantão de Afrin porque ali vivem principalmente pessoas curdas e árabes. O cantão de Afrin preparou livros até a oitava série; já o cantão de Cizîrê preparou somente até o quarto ano, devido à existência de diferentes estruturas étnicas, necessitam encontrar bases comuns.

As academias públicas também estão se desenvolvendo nesta base. Por exemplo, há atualmente Academias de Ciências Sociais de Mesopotâmia no cantão de Cizîrê. Esta não está aberta em outras regiões. A situação é diferente em Kobanî, obviamente, devido à guerra.

POR QUE SE UTILIZA O TERMO “ACADEMIA” AO INVÉS DE “UNIVERSIDADE”?

Boa pergunta. A definição de universidade baseia-se em grande medida no sistema. Quando as universidades se estabeleceram pela primeira vez pode ser que tenham sido pensadas para serem independentes do sistema central. Porém, hoje em dia as universidades se converteram em geral nas instituições nas quais o Estado se organiza. Ao contrário, a academia é uma área onde a sociedade constrói seu próprio poder intelectual. Mantém sua existência como uma área onde se produz conhecimento e ciência por si mesma. Assim, vimos ser mais apropriado chamar de “academia”.

QUAIS AS DIFERENÇAS DAS ACADEMIAS EM RELAÇÃO AOS MODELOS DO OCIDENTE E DO ORIENTE MÉDIO?

De fato, a principal diferença pode ser explicada com esta pergunta: “Como quer viver a sociedade?” Temos um modelo educacional que responde a esta questão. Incorpora a tradição educacional do Oriente Médio; mas também incorpora a tradição de pesquisa do Ocidente. Em primeiro lugar, não construímos o conhecimento sobre bases do conhecimento ocidental. O conhecimento é realizado com base nas dinâmicas da sociedade. Por exemplo, uma mãe que tem 70 anos ensina história oral na Academia de Ciências Sociais da Mesopotâmia. Chamamos de história oral, mas em geral ela fala de suas experiências na história recente, as histórias dos mais jovens na luta pela liberação, as épicas, as palavras que desapareceram ou foram forçadas

a desaparecer devido à repressão. Vou dar-lhe outro exemplo: não existe memorização nesta educação e nos colocamos estas questões: O conhecimento obtido pelo estudante na escola será útil na vida e na estrutura social, fará a vida melhor? O conhecimento obtido pelo indivíduo relaciona-se com sua própria sociedade ou o conhecimento é construído pela modernidade que leva ao individualismo? É um esforço produzir conhecimento baseado no entendimento, na explicação e no compartilhar experiências de vida. Assim, trata-se de um tipo de aprendizagem que vai além dos limites estáticos das relações professor-aluno nas tradições do Oriente Médio e do Ocidente, e permite transformar essas relações estáticas periodicamente.

Mais um exemplo: em ambas as tradições os estudantes em geral são questionados e categorizados por meio de exames, certo? Há uma proposta diferente em relação a este ponto. Depois de cada aula o estudante critica o método do professor. Ao final do ensino, os resultados da aprendizagem são documentados não só pelo professor, mas também pelo/pela estudante. Os/as estudantes passam pela crítica e a autocritica em frente a todos os estudantes. Decidem dentro de seu grupo de amigos como se envolverão na vida social.

EXISTEM ACADEMIAS DE MULHERES. PODE NOS FALAR DELAS?

O QUE SE DIFERENCIA EM TERMOS DE EDUCAÇÃO?

As mulheres, que são por nós consideradas como poder social, se identificam nas academias e tentam entender seu lugar na história. As mulheres não têm lugar na estrutura social construída. As instituições sociais foram identificadas pelos homens. O importante para nossas academias é nos desfazer dessas definições. Para isso é necessário ter uma mudança na estrutura social que está construída pela mentalidade e pelo discurso masculino. E isto requer que a educação seja tecida pela identidade das mulheres.

No sistema patriarcal de educação deve haver um limite de idade e as classes são desenhadas de acordo aos grupos de idade,

não? Mas esta situação é diferente aqui. Por exemplo, quando tivemos uma sessão educativa para a Assembleia da Yekîtiya Star², algumas de nossas amigas deram aulas juntas com suas mães. Algumas mulheres tinham 60 anos, enquanto outras tinham 18. Vemos que há um vazio geracional como resultado das estruturas de poder. Estes são problemas que surgem ao nos limitarmos uns aos outros. Nas relações livres, por outro lado, a idade não é um problema, é uma questão de compartilhar experiência. É importante ver a experiência de uma pessoa de 60 anos como um poder, mas essa experiência deve ser compartilhada e deve transformar o meio que nos rodeia. Similarmente, uma pessoa educada na escola do sistema ganha um status maior na sociedade. Porém, em nossas academias o fato de ser educado não te dá um status superior. A educação é uma questão de contribuir com a vida e nas relações sociais. Não é considerada como status, mas sim como uma qualificação que necessita ser compartilhada.

Devido ao fato de que nossa academia de mulheres se dirige a todo o cantão, a maioria da educação acontece em sessões educativas fechadas. O que significa que as pessoas que assistem podem ficar. Assim, tudo se faz junto. Cada noite um grupo de estudantes mantém guarda para a segurança das estudantes na academia. A vida diária começa com esporte pela manhã. Depois começam as aulas. Uma vez que as aulas do dia terminam, iniciam-se as aulas da tarde com notícias. As aulas da tarde são, geralmente, visuais, tentamos completar as aulas com cinema alternativo ou documentários.

QUÃO DIFUNDIDAS ESTÃO AS ACADEMIAS AGORA EM ROJAVA?

Todas as nossas academias foram construídas junto com outras necessidades sociais. As Academias de Autodefesa são comuns. Existem Academias de Mulheres, Academias de Jovens, Academias de Segurança, Academias de Economia, Academias

2 Este movimento de mulheres mudou seu nome para Kongreya Star em 2016 (N.T.) Vide glossário.

de Ideias e Pensamento Livre, Academias da Cidade, Academias de Lei, Sociologia, História, Línguas e Literatura, Academias de Política e Diplomacia, e há Comitês Educacionais, os quais estão em contato com estas academias todo o tempo e existem em todas as comunidades. Cada cidade tem sua Academia de Ideias e Pensamento Livre. Além disso, há academias estabelecidas pelas instituições para empregados. Estas são em nível de cantão. Mas também existem academias de defesa e academias e escolas de profissionalização em cada tema.

QUAIS SÃO OS PLANOS E PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO FUTUROS?

Em primeiro lugar, nosso objetivo é permitir que o sistema escolar seja transportado para a sociedade. Como dissemos no início, acrescentamos algumas aulas e saberes, e interferimos nas aulas de Nacionalismo e História que eram dadas pelo Estado. Entretanto, é necessário haver mudanças radicais em outras aulas. Fizemos algumas mudanças quanto ao gênero nos livros de pré-escola e creches. Mas não é o suficiente. A mentalidade que se impõe aos meninos e meninas através do antigo sistema de educação deve mudar. Isso é o que temos que fazer primeiro.

PARTE 3: ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA





A economia de Rojava

JUAN JESÚS DUQUE ROMERO

Em 17 de março de 2016, os delegados dos três cantões que compõem Rojava (Afrin, Kobanî e Cizîrê) e de outras áreas libertadas do Estado Islâmico declararam a sua vontade de organizar-se sob um sistema federal. *Rojava não é (nem quer ser) um Estado-nação, mas uma área autônoma do norte da Síria, na qual diferentes etnias e religiões coexistem.* Nessa área não é um governo representativo que toma as decisões, mas estas saem da assembleia de uma rua ou de uma pequena cidade. Essa experiência democrática radical, chamada por Abdullah Öcalan de “confederalismo democrático”, está sendo executada por quase quatro anos e há conhecimento suficiente sobre suas realizações políticas, mas não se sabe muito sobre a economia que a sustenta. Neste artigo tentarei lançar alguma luz sobre a questão, tendo em conta a constante mudança que é um contexto de guerra e as poucas informações disponíveis, muito da qual tenho obtido a partir das traduções que oferece Rojava Azadi.

A população de Rojava é de cerca de quatro milhões e meio de habitantes e a moeda utilizada é a libra síria. A área ocupada não tinha apenas indústrias e era responsável, basicamente, por produzir matérias-primas agrícolas que eram processadas na faixa ocidental da Síria e pelo fornecimento de petróleo para as refinarias também a oeste do país, pois isso fazia parte da política de disseminação e empobrecimento da população curda realizada pelo regime de Bashar al-Assad. Portanto, é uma economia predominantemente agrícola que conta com importantes recursos naturais, sendo o petróleo o mais notável. Com a autonomia que começaram a alcançar a partir de 2012, tudo isso mudou, mas

deve-se ter em mente que é uma economia de guerra, na qual a maior parte do dinheiro obtido pelo governo autônomo destina-se à defesa, e que além disso também está sujeita a um embargo comercial. Apesar de tudo isso, e do fato da ajuda internacional que recebem ser extremamente escassa, é muito interessante o sistema econômico que foi desenvolvido.

A chave para a economia encontra-se na descentralização, tudo é organizado localmente. Os três cantões de Rojava têm centenas de comunas, organizações políticas locais de algumas dezenas de pessoas sobre as quais se projeta a economia. Na verdade, a organização e a estrutura das cooperativas (que representam o modelo produtivo de Rojava) estão ligadas às das comunas, que, embora descentralizadas, cooperam entre si. Além disso, *a propriedade da terra é na maior parte comunal*, o que no início não foi muito difícil de conseguir devido ao caos gerado pela guerra. *Rojava tenta alcançar a autossuficiência, o que agora involuntariamente conseguiu, devido ao embargo imposto pela Turquia, que os impede de negociar com o exterior.* Além disso, como eu disse, estão sob uma economia de guerra, na qual cerca de 70% do orçamento de governo autônomo é usado na defesa, orçamento que é retirado da venda local de derivados do petróleo, dos fundos comunais e dos poucos intercâmbios comerciais nas fronteiras. Mas, no futuro, pretendem conseguir outro tipo de autossuficiência, aberta a investimentos estrangeiros, que leve prosperidade aos cantões, podendo construir novas refinarias de petróleo, a sua própria usina de energia, fábricas e até mesmo um aeroporto. Agora têm pelo menos duas refinarias antiquadas, obtêm eletricidade a partir de geradores a diesel e a indústria é muito escassa. Precisamente por essa razão estão abertos ao investimento estrangeiro que aceite os termos do governo autônomo.

A pouca indústria existente cumpre uma série de critérios ambientais (ecologia é um pilar fundamental em Rojava), o que é facilmente alcançado devido ao seu pequeno porte. Obviamente, as refinarias rudimentares que têm, que refinam diesel de má qualidade, seriam uma exceção que pretendem corrigir quando dispuserem dos fundos necessários. Em Rojava *rejeita-se a agricultura e a pecuária intensivas, mantendo-se tudo localmente,*

com técnicas que respeitam o meio ambiente. O cantão mais rico é Cizîrê, que faz fronteira com o Iraque, representando a principal fonte econômica de Rojava. Cizîrê tem um solo fértil, rico em trigo e cevada, mas acima de tudo tem as principais reservas de petróleo. O cantão do meio, Kobanî, está concentrando sua economia na reconstrução de sua cidade principal e das aldeias subjacentes, completamente devastadas pela guerra. Recentemente, o Conselho Agrícola de Kobanî redistribuiu mais de dez mil hectares para cultivo entre os agricultores pobres. Afrin, o terceiro cantão, isolado a noroeste da Síria, baseia sua economia no trigo e azeite, além de possuir pequenas fábricas de todos os tipos (sabonete, óleo, materiais de construção, sapatos etc.). Apesar da pobreza e do embargo comercial turco, particularmente grave neste cantão devido ao seu isolamento dos outros dois, o fato de não compartilhar frente com o Estado Islâmico tem aliviado bastante sua situação (embora tenha lutas e alianças específicas com outros grupos armados).

A chamada “economia comunitária” é uma economia cooperativa a serviço da sociedade, tendo cooperativas de todos os tipos: as principais são as agrícolas, mas também há cooperativas de gado, de serviços, de sindicatos e industriais. Existem também pequenas e médias empresas privadas, pois há setor privado e iniciativa empresarial, mas sob a filosofia de “*propriedade privada ao serviço de todos*”. Isso significa que, embora algumas empresas privadas sejam totalmente independentes, a maioria delas tem acordos com o governo autônomo, cooperando com ele nas metas que beneficiam a população local.

Portanto, *o modelo econômico principal é a cooperativa, gerida pelos próprios trabalhadores organizados em comunas.* Foram estabelecidos capitais máximos, de acordo com o tamanho das cooperativas, e só se pode ser um membro do conselho de uma cooperativa. Os lucros das cooperativas (se é que existe, pois os produtos finais, se não forem consumidos, são vendidos a preços muito baratos) são divididos mais ou menos da seguinte forma: cerca de metade é dividida entre as pessoas que têm ações (pode-se adquirir ações com trabalho, com capital ou com ambos, sendo o trabalho o que o que outorga maiores ganhos na distribuição de

lucros), entre 10% e 30% são mantidos para aumentar o fundo da cooperativa e o resto é depositado no fundo da comuna para as necessidades sociais. Mas, para além dos lucros, os membros da comuna recebem um salário mensal por seu trabalho (que não tem porque ser um salário fixo, pode depender das necessidades de cada um) ou são recompensados em commodities, o que depende da situação de cada comuna. É fundamental a coordenação das várias cooperativas dos diferentes cantões, especialmente na produção de bens, tais como produtos de ferro e partes de automóveis. Em conformidade com todas as outras políticas de Rojava, *não há diferenciação de gênero na hora de trabalhar e gerir as cooperativas*; as mulheres estão ativamente presentes em todas os âmbitos da sociedade.

Atualmente em Rojava não se pagam impostos, porque não há uma administração econômica central que os cobre e os redistribua, não se trata de uma economia planificada como as dos socialismos reais, ou de um estado de bem-estar ocidental. O “contrato social” de Rojava em si mesmo é que reúne o *sistema de saúde, o de educação e o de moradia digna como coberturas sociais*, coberturas custeadas com os fundos comunitários e outras receitas locais. A saúde e a educação irão melhorando ao longo do tempo, mas já têm escolas e faculdades, com uma universidade em Qamişlo (a Academia de Ciências Sociais da Mesopotâmia), além de outras academias que irão assumir a forma de universidades, e com hospitais cantonais (nos quais se paga ou não, dependendo da situação de cada um) e privados. No que diz respeito à moradia digna, o ministro da Economia e Comércio do cantão de Afrin em 2014, Ahmad Yousef, disse que “uma vez que [Afrin] é uma área segura, o aluguel é caro; no entanto, começamos a preparar a construção de cooperativas que garantam o direito à moradia para todos”. Este objetivo será mais difícil de conseguir porque Rojava é o principal destino dos deslocados internos, pois para lá vão os que fogem do regime e dos jihadistas, e muitos decidem ficar.

O governo autônomo impõe controle de preços em alimentos básicos, medicamentos e diesel, e distribui pão grátis entre as famílias. O crédito para formar novas cooperativas é fornecido

pelas comunas que as criam com o dinheiro disponível, mas especialmente com o trabalho dos seus membros. *A cobrança de juros, a especulação e o lucro do capital financeiro são proibidos.* A verdade é que a destruição da produção em massa gerada pela guerra e o uso de técnicas de produção bastante rudimentares fazem com que a oferta reduzida de moeda ainda não represente um problema. Esse problema terá de ser enfrentado quando se alcançar um crescimento econômico minimamente significativo (crescimento que ocorrerá simplesmente com a construção de novas infraestruturas), já que a moeda utilizada é emitida pelo Banco Central da Síria, controlada pelo governo de Bashar al-Asad. De fato, eles já estão começando a falar sobre como criar seu próprio banco central para controlar a emissão de papel-moeda e de crédito, além de gerar a confiança em futuros investidores.

Pode-se concluir que a economia de Rojava, embora atualmente seja pouco mais que uma economia de subsistência, é uma economia local, ecológica e feminista, cujo modelo de produção é uma alternativa ao modelo capitalista neoliberal. O passar do tempo, com o fim da guerra civil síria, é que nos mostrará a evolução dessa sociedade, uma vez estabilizada em um contexto de paz. O que está claro é que esta pequena região do Oriente Médio tem muitas lições a dar, não apenas políticas, mas também econômicas.



Cooperativas de mulheres em Rojava

RAHILA GUPTA

COOPERATIVAS DE MULHERES: QAMIŞLO, ROJAVA

O artigo a seguir é baseado em minha viagem a Rojava em março de 2016, na qual entrevistei Delal Afrin, chefe da Comissão Econômica das Mulheres de Kongreya Star (uma organização guarda-chuva das mulheres, anteriormente conhecido como Yekitiya Star) e Hediye Yusuf, co-presidente do cantão de Cizîrê (agora co-presidente da Federação Democrática em Rojava e Norte da Síria, estabelecida em 16 de Março de 2016). Nós visitamos quatro cooperativas no cantão de Cizîrê. A economia cooperativa recém-criada é mais fustigada por pressões externas do que é provável encontrar em outro lugar: Rojava está em uma zona de guerra, lutando por sua sobrevivência contra o Daesh (ISIS), e só recentemente voltou sua atenção para a economia. É uma situação de rápida mudança, já que a zona fronteira muda constantemente, a fronteira com a Turquia e a fronteira com o Curdistão iraquiano (KRG) estão geralmente fechadas, embora uma intensa pressão política possa permitir que certos bens sejam importados. Eles não têm recursos para compilar estatísticas e assim grande parte da informação parece nebulosa. Por exemplo, eu era incapaz de descobrir o quanto o setor de cooperativa contribuiu para a economia de Rojava como um todo.

COOPERATIVAS SOMENTE DE MULHERES

O trabalho da Comissão Econômica das Mulheres é principalmente para facilitar o estabelecimento e apoiar o funcionamento de cooperativas somente de mulheres. Foi criada em agosto de 2015.

As cooperativas variam em tamanho de quatro mulheres para cooperativas de tamanho médio, de 60 ou 100-150 pessoas, até as grandes, com um máximo de 200 pessoas. Existem seis cooperativas agrícolas, que incluem o cultivo do trigo, o cultivo de hortaliças e ingredientes de salada, uma que produz leite e faz iogurte, uma que vende pão, duas envolvidas em caprinocultura e ovinocultura, duas lojas, uma pequena administrada por quatro mulheres e outra que vende roupas de segunda mão, um restaurante que também fabrica e fornece pão localmente, uma mercearia com 75 acionistas, uma refinaria de petróleo, um pomar e uma cooperativa agrícola mista administrada conjuntamente pelo Tev-Dem e Kongreya Star. Em consonância com o objetivo de sustentabilidade ambiental da revolução, uma unidade de fabricação de bioplástico de 90 pessoas também está sendo configurada, outra cooperativa mista sob o controle conjunto da Kongreya Star e Tev-Dem. A Comissão Econômica das Mulheres está em processo de criação de uma comissão para uma cooperativa de frango para substituir uma cooperativa falida. A Comissão Econômica das Mulheres forneceu a terra para uma cooperativa de frango, mas todos os frangos morreram no inverno por causa de uma doença. A nova cooperativa seguirá os princípios da criação ao ar livre (interpretada como “uma forma mais natural”) e será iniciada em um lugar a certa distância da aldeia na qual a primeira cooperativa foi estabelecida, pois acreditam que suas galinhas pegaram uma doença das galinhas da aldeia.

Todas as mulheres que trabalham nas cooperativas são também as proprietárias/acionistas, mas em algumas cooperativas elas podem contratar homens como trabalhadores. As cooperativas são geridas em uma base não hierárquica. Até mesmo o termo preferido para ‘comissão de gestão’ é “comissão de coordenação”,

porque soa menos hierárquico. As trabalhadoras/proprietárias elegem a comissão de coordenação nas suas reuniões. Elas coletivamente decidem sobre as regras, escolhem a funcionária das finanças, como usar o dinheiro, seja para distribuí-lo em condições de igualdade entre todas as acionistas, seja para reservar uma parte dele para outros fins. Por exemplo, a cooperativa de leite em Derik decidiu que precisava de um carro para o berçário das crianças, então elas reservaram uma parte dos lucros para comprar um carro.

Cada cooperativa toma suas próprias decisões e trabalha de acordo com essas decisões. As regras variam, mas um manual do tipo de regras que as cooperativas devem considerar foi publicado pela Comissão. As decisões são tomadas por maioria de votos. Durante as eleições, elas votam por braços erguidos ou por votação secreta. Suas regras especificam se elas precisam de mais do que 50%, 60% ou 90% para constituir uma maioria de votos. Quando há problemas na cooperativa, as acionistas reúnem-se e podem votar em uma nova comissão de coordenação.

As regras também abrangem questões como o processo disciplinar: por exemplo, se alguém não aparecer para o trabalho por dois ou três dias consecutivos, elas enviarão um aviso após o qual uma decisão pode ser tomada de que, se ela não aparecer para o trabalho, não será mais parte da cooperativa. Embora essas regras sejam decididas pelas membras das cooperativas, a Comissão Econômica das Mulheres oferece treinamento sobre como criar e gerir uma cooperativa. Suas sessões de treinamento abrangem questões como o que é uma cooperativa. Elas deram um exemplo de uma cooperativa de cabras com 50 acionistas que se uniram e formaram uma assembleia. Elas seriam treinadas no negócio de criação de cabras, de venda de cabras, e de fazer o queijo. Se elas quisessem vender o seu queijo, a Comissão as colocaria em contato com outra cooperativa que vendesse queijo. Às vezes, as pessoas que se juntam para formar uma cooperativa podem estar familiarizadas com o negócio que querem estabelecer e não requerem treinamento.

Delal Afrin disse:

Em uma economia capitalista, a pessoa com a experiência torna-se o proprietário e extrai lucro ao empregar outras pessoas. Nosso sistema não é capitalista - as pessoas trabalham juntas em uma base de igualdade e compartilham os recursos igualmente com base na solidariedade. Todo mundo adquire experiência, então elas são autossuficientes. A única coisa que podemos fazer é dar-lhes a terra.

O processo é, por vezes, iniciado pela Comissão Econômica das Mulheres. Elas às vezes produzem folhetos e os divulgam em todas as comunas de Kongreya Star. Foi-me mostrado um folheto que foi traduzido como

A Comissão Econômica das Mulheres irá iniciar uma cooperativa para a criação de cabras. Qualquer mulher que quiser aderir a esta cooperativa tem de pagar cem mil libras sírias. (À taxa de câmbio do dólar no mercado negro, isso equivale a US\$ 230. Há muito poucos bancos em Rojava e Qamişlo, a capital, tem apenas um banco).

Como isso é uma boa quantidade de dinheiro, as acionistas estão autorizadas a pagar em parcelas. Quando eu sugeri que o processo de identificação de necessidade soava de cima para baixo, em vez de baixo para cima, disseram-me que ele funciona de várias maneiras. No nível da comuna, existe uma comissão econômica. Elas chamam uma reunião da comuna em que pode ser decidido que elas gostariam de criar uma cooperativa. Elas elaboram uma proposta e a entregam para o Comitê que, em seguida, entra em cena com aconselhamento, formação, terra e crédito, se necessário. Inicialmente, a Comissão enviará representantes às reuniões para orientar a cooperativa, embora as decisões sejam sempre tomadas pelas membras da cooperativa. Quando as cooperativas estão funcionando sem problemas, a Comissão deixa de participar de suas reuniões. Se houver um problema, algumas vezes as cooperativas irão à Comissão para assistência. A Comissão também realiza sessões de formação

sobre a teoria econômica de cooperativas e de justificativa ideológica para modelos econômicos alternativos.

Se uma cooperativa falha e o investimento é perdido, a Comissão das Mulheres lhe dará toda a assistência necessária, incluindo ajuda financeira para as famílias. Delal Afrin dá o exemplo da cooperativa de árvores frutíferas que abrange 40 dunams de terra e pertence a uma cooperativa de seis mulheres. (Uma dunam é a unidade otomana da área aproximadamente equivalente ao acre inglês, representando a quantidade de terras que poderiam ser lavradas por uma equipe de bois em um dia). Elas estão plantando árvores agora: damascos, maçãs e assim por diante, que, aliás, elas não foram autorizadas a florescer pelo governo Assad, que queria que elas fossem dependentes do Sul para suas frutas. Um de seus problemas é a água: para cavar um poço, elas precisam de 6 milhões de libras sírias. Os custos são elevados porque elas têm que ir muito fundo. A Comissão emprestou o dinheiro para a empreitada. Se o projeto for bem sucedido, elas devolverão o empréstimo; e se isso não acontecer, então elas não pagarão empréstimo, mas não enfrentarão sanções. Em outro exemplo, Delal diz que, se existem 50 mulheres que querem criar uma cooperativa e elas são capazes de contribuir com apenas 500.000 libras sírias, mas elas precisam de 1 milhão, o déficit será compensado pela Comissão Econômica das Mulheres e retornará apenas se e quando elas tiverem o dinheiro.

A Comissão recebe 1-2% do lucro gerado por cada cooperativa. O lucro é dividido de forma diferente nas cooperativas, dependendo das decisões tomadas pelas membras. Geralmente é dividido da seguinte forma: 50% para as pessoas que trabalham e participam da cooperativa, 25% é investido em desenvolvimento e crescimento da cooperativa e uma porcentagem é reservada para as necessidades da comuna, como a saúde e educação. As necessidades da comuna e da cooperativa são prioridade sobre as necessidades da Comissão. As pessoas que estão trabalhando nas cooperativas também são membras da comuna. As comunas Kongreya Star, que são apenas para mulheres, são independentes da estrutura TEV-DEM que são misturadas.

POR QUE COOPERATIVAS DE MULHERES AUTÔNOMAS?

Perguntei por que elas pensaram que era importante estabelecer cooperativas somente de mulheres, especialmente quando a igualdade de gênero estava sendo encorajada por toda a sociedade. O que se segue é um resumo da justificativa ideológica de Delal Afrin:

Nós pensamos que é necessário para as mulheres organizarem-se autonomamente, para que as mulheres recebem uma oportunidade de autodescoberta e amor-próprio. As mulheres precisam se unir, pois em todo o mundo enfrentam o mesmo sofrimento e as mesmas dificuldades. A opressão das mulheres é perpetuada por seu isolamento. Sob o capitalismo e o patriarcado, as mulheres começaram a ser oprimidas. A sociedade precisa ser devolvida a uma época em que as mulheres eram livres, quando a sociedade seguia os ritmos de vida natural. Ativar as mulheres e devolvê-las às suas identidades reais, que foram destruídas e suprimidas, garantiria uma sociedade saudável avançando na direção correta.

Ela voltou atrás na história para explicar o que aconteceu com as mulheres em sociedades patriarcais. No Oriente Médio, durante o período neolítico, “as ruas estavam abertas para as mulheres”. Por centenas de milhares de anos, as mulheres têm sido ensinadas de que elas não são capazes de fazer qualquer coisa, então elas já não têm confiança de que podem fazer qualquer coisa. É também sobre amar umas às outras como mulheres, amando o fato de serem mulheres. Pergunto se ela quer dizer solidariedade, não, ela salienta, não solidariedade, mas amor, amar a vida, amar a sua própria vida, para organizar e aprender.

Com a ascensão do patriarcado, as mulheres perderam essas liberdades e foram oprimidas não só nesta região, mas em todo o

mundo. As mulheres estão tentando superar o passado. Os direitos de homens e mulheres devem ser os mesmos, independentemente das diferenças entre eles. O desequilíbrio histórico de poder não pode simplesmente ser corrigido através da introdução de quotas para as mulheres ou pelo princípio da co-presidência compartilhada por um homem e uma mulher. A convicção que homens e mulheres trazem para o trabalho não será diferente a menos que a convicção das mulheres seja construída através da autossuficiência, da construção do conhecimento e da formação que adquirem na criação de cooperativas. Uma sociedade que é capaz de organizar uma economia onde as mulheres têm papéis produtivos é o sinal de uma sociedade madura e reflexiva. Quando a economia não está no controle dos homens, as mulheres serão capazes de se expressar livremente. A liberdade da mulher vai promover a liberdade da sociedade e do homem. Quando homens e mulheres tornarem-se livres vamos conseguir uma sociedade livre.

A mulher sempre é oprimida na presença do homem. As mulheres ainda precisam se defender da violência masculina. Ela realmente ainda não pode expressar-se plenamente e livremente. É por isso que a organização de mulheres autônomas, Kongreya Star, foi iniciada: para construir confiança e conhecimento das mulheres. A criação de uma unidade de defesa somente de mulheres, o YPJ, permitiu às mulheres ganhar confiança nas suas capacidades para conduzir uma guerra. Embora as mulheres estivessem presentes no PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão), representando o povo curdo na Turquia e na PYD (Partido da União Democrática), o principal partido político em Rojava e a YPG (Unidades de Proteção Popular), a ala militar do PYD, ainda havia uma necessidade de organizarem-se separadamente como mulheres no YPJ. As mulheres têm de ser organizadas, a fim de montar um desafio efetivo para a modernidade capitalista.

OBSTÁCULOS

A ausência de financiamento é um grande problema. Delal explica como seus planos para fazer tahine de gergelim são frustrados por questões de custo. A máquina para fazer tahine custa US\$ 10.000 e tem de ser importada. Apenas 10 máquinas custariam centenas de milhares de dólares, o que não pode ser coberto por contribuições dos acionistas. Ela diz que essas máquinas dariam emprego a pelo menos 300 mulheres, pois elas precisariam de uma centena de mulheres para trabalhar na cooperativa, mais cem mulheres para cultivar gergelim e outras cem mulheres para vendê-lo. “Nós temos as pessoas. Também o lugar não é um problema. O problema é o dinheiro”. Pergunto se seria difícil importá-lo quando há embargos comerciais. Ela responde: “Às vezes, a fronteira está fechada, às vezes as coisas vêm. Eles não podem impedi-lo se é algo que é realmente necessário. Eles têm que deixá-lo entrar”. Elas tiveram sucesso na obtenção de máquinas que Kobanî necessitava para a reconstrução. Da mesma forma, elas foram capazes de persuadir as autoridades a deixar passar açúcar, farinha e outras raridades. Por exemplo, com o bioplástico, elas precisavam de um certo tipo de nylon, e algumas coisas vieram de Bakur (Turquia) e outras coisas vieram de Bashur (KRG), mas porque as fronteiras estão fechadas e elas não podiam obter as suas necessidades de Damasco, elas não puderam começar a cooperativa de bioplástico nesse inverno.

Delal Afrin também gostaria de criar uma cooperativa de refinaria de petróleo, que exigiria somas de dinheiro que estão além de seu alcance. No entanto, quando eu falo com Hediye Yusuf, co-presidente de Rojava, ela acredita que o petróleo é um recurso para toda a sociedade e, portanto, precisa ser de propriedade coletiva, em vez de ser gerida por cooperativas individuais. Yusuf acredita que os lucros com a venda de petróleo devem ser coletivizados e que o dinheiro deve ir para a municipalidade para ser usado para projetos em benefício de toda a comunidade. Ela acredita que o mesmo se aplica à eletricidade.

As habilidades também podem ser um problema. Embora tenham algumas pessoas com habilidades em, por exemplo, indústria de bioplásticos, há lacunas no conhecimento como a compreensão se a terra é boa o suficiente para o cultivo ou como extrair água sem causar problemas; o segundo problema é o financiamento; o terceiro grande problema são as fronteiras. “*O fechamento da fronteira é uma decisão política para privar nosso povo de necessidades básicas, é por isso que queremos organizar a economia para que possamos ser autossuficientes*”, diz Delal.

AMBIENTE EXTERNO

As regiões curdas foram historicamente subdesenvolvidas pelo regime de Bashar al Assad. O povo curdo foi proibido de plantar árvores ou de cultivar frutas. Principalmente o trigo era cultivado no norte da Síria. Os curdos foram impedidos de ser economicamente autossuficientes; tudo estava ligado a Damasco. O trigo era enviado para Damasco. Rojava está reconstruindo a sua economia a partir do zero, o que tem se revelado difícil. Isso foi especialmente difícil para as mulheres, porque elas não estavam envolvidas ativamente na economia.

As cooperativas baseiam-se na terra do povo, agora propriedade do Ministério de Economia e da Comissão Econômica das Mulheres e dadas às cooperativas, conforme necessário. Algumas terras foram tomadas dos curdos pelo governo Assad, mas os curdos tomaram tudo de volta. Afrin foi incapaz de fornecer uma estimativa da quantidade de terras em mãos de particulares.

Sobre a questão do que o movimento internacional pode fazer para mostrar solidariedade ao movimento cooperativo em Rojava, Afrin disse que elas têm planos ambiciosos e que seriam bem-vindos mais debates com “*as pessoas do mundo*” e como elas podem apoiar as mulheres em Rojava. Elas gostariam de estabelecer uma Academia para a Economia Feminista para que as mulheres possam aprender sobre agricultura, saúde, pecuária e relações de confiança.

Levantei algumas questões econômicas gerais para Hediye Yusuf. Descobri que era realmente difícil obter respostas precisas

sobre o financiamento. Muitos entrevistados afirmaram que foram doações de pessoas físicas que ajudaram a financiar projetos, uma tendência que começou antes da revolução. Rojava é autossuficiente em alimentos e petróleo. Desde a revolução, a maioria da população está trabalhando “*com o coração*”, de forma voluntária ou por salários miseráveis, porque acreditam no que estão fazendo. Perguntei se o modelo de sucesso econômico ocidental, que é avaliado em termos de crescimento impulsionado pelo aumento do consumo, era relevante para a sua experiência, especialmente porque as pessoas em Rojava não pareceram ganhar dinheiro suficiente para alimentar o crescimento econômico. Yusuf insistiu que há rendimentos e empregos relacionados com a importação e exportação e há alguns grandes projetos e fábricas, mas estar em guerra distrai o foco da economia.

O fechamento das fronteiras tem um impacto sobre as exportações: há muitos produtos que poderiam ser exportados porque Rojava tem recursos. O embargo comercial coloca uma pressão ascendente sobre os preços de muitos bens que vêm do sul da Síria, que enfrentam vários postos de controle do ISIS, nos quais os impostos têm de ser pagos para garantir o prosseguimento da viagem das mercadorias. Isto causa uma séria privação para a população local.

Ela foi incapaz de fornecer estatísticas para o tamanho do setor cooperativo e do tamanho comparado do setor privado, devido à situação de guerra. No entanto, o objetivo é que a economia deve ser composta principalmente de cooperativas, com uma parte muito pequena focada no setor privado. As empresas privadas não são proibidas. Elas são autorizadas a existir desde que sejam ecológicas e as suas atividades não criem privação. A administração produziu um conjunto de regras para o setor privado para assegurar que as suas operações não aprofundem a desigualdade de riqueza. Seu objetivo é criar uma economia que é desenvolvida pela sociedade para atender às necessidades da sociedade. É o oposto de uma economia estatista, diz Yusuf, “*porque o Estado empobrece a sociedade através da concentração de riqueza nas mãos de poucas pessoas*”.

VISITAS ÀS COOPERATIVAS

Fomos levados a quatro empreendimentos, os três primeiros com base em ou em torno a Qamişlo e o quarto em Derbasiye:

Uma pequena mercearia gerida por quatro mulheres que tem apenas quatro meses. Ela estava indo bem, então as mulheres expandiram a quantidade e variedade de bens estocados.

Uma cooperativa de lavagem de roupas e costura gerida por 8 mulheres, que também emprega quatro homens. Uma grande parte do seu trabalho envolve o fornecimento de uniformes e bandeiras da YPG/YPJ.

Cooperativa Hevgirtin - uma ponta de estoque de distribuição atacadista que fornece mantimentos, produtos de higiene pessoal etc. Disseram-nos que é uma cooperativa de mulheres, mas quando visitamos, vimos apenas homens e fizemos uma pequena entrevista com dois deles. Estão em funcionamento há dois meses, desde janeiro de 2016, e estão se expandindo rapidamente. Quinze pessoas trabalham nesse local e há 70 trabalhadores em todo o cantão de Cizîrê. Há 10.000 acionistas, cada um dos quais contribuiu com 15.000 libras sírias (cerca de US\$ 35). A maioria trabalha na cooperativa. Todo mundo é pago com a mesma quantidade de dinheiro. Como são tão novos, o sistema não está totalmente estabelecido. O trabalho dessa cooperativa é impulsionado por sua oposição ao aumentos de preços. “*Somos contra o mercado negro e o monopólio*”. Como as fronteiras estão fechadas, as coisas tornaram-se muito caras. O objetivo é reduzir os preços no souk, ou seja, no mercado livre. Eles não precisam de muito capital para acumular capital, já que eles não estão aqui para lucrar. Eles compartilham a renda. Curiosamente, o setor privado não é hostil a eles, como também está se beneficiando de seus suprimentos baratos. As decisões são tomadas pelos trabalhadores, que estão familiarizados com o trabalho. No local em Qamişlo, existem 15 funcionários que tomam decisões, juntamente com os co-presidentes.

Um restaurante em Derbasiye, que também cozinha pão para a população local, está em operação há 6-7 meses. Disseram-me

que é uma cooperativa, mas acaba por ser um negócio normal, financiado diretamente e de propriedade do Comité Econômico das Mulheres. Portanto, há um terceiro modelo, em que tropeçamos muito por acaso. Todos os lucros são devolvidos ao Comitê, que fez o investimento inicial. Há onze trabalhadores, 9 mulheres e 2 homens. Falamos com a gerente, que nos disse que eles empregam dois homens para realizar trabalhos que são tradicionalmente feito por homens - um chef e um que maneja o forno. O seu pão está indo tão bem que elas planejam investir seus lucros em outro forno. Os salários dos trabalhadores são complementados com pão, que eles estão autorizados a levar para casa.

Uma crítica à economia em Rojava

COMITÉ DE SOLIDARIEDADE À
RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO

Um dos principais fatores a serem observados quando se fala da transformação de uma sociedade é como ela se coloca em relação a outros atores globais. Esta relação não somente é política como econômica, visto que o grande motor das revoluções geralmente é a desigualdade e a contradição de classes. No Curdistão e em Rojava não é diferente, mas aqui teremos que levar em conta o contexto histórico em que os curdos e minorias enfrentam na Síria e o desenvolvimento ideológico para tratar de uma das questões mais contraditórias para a esquerda em Rojava: seria uma revolução sem a luta de classes?

Esta é uma questão levantada pelo fato da substituição do controle do território de Rojava do regime Assad, pelo movimento curdo de libertação, sem que houvesse um conflito entre dois estratos da população local representando uma classe exploradora e outra explorada. Com exceção dos ataques do Estado Islâmico, Rojava é um dos locais mais seguros da Síria atual, a ponto de algumas cidades intocadas pela guerra como Qamişlo manterem uma economia de mercado. Em documentos ou nas declarações não veremos a questão de classe ser mencionada, veremos sim termos como “compreensão e coexistência mútua e pacífica entre todos os estratos da sociedade” como aparece no Contrato Social.¹

De fato é uma questão a ser debatida, porém esta análise geralmente é feita com base em uma leitura que não considera as

1 Equivalente à primeira “constituição” de Rojava depois que o território foi conquistado pelos curdos em 2012.

particularidades do território. Para além de entender a anormalidade da guerra e o embargo econômico que sofre da Turquia e mesmo de seus “companheiros” curdos do KRG no Iraque, é preciso entender o histórico de desenvolvimento da região.

Um país denominado República Árabe da Síria já transparece a existência de uma hierarquização étnica. Em 1962 cerca de 120.000 curdos² perderam a nacionalidade Síria e assim a garantia de qualquer direito constitucional no país, pois de acordo com o governo seriam todos “ilegais” vindos de outros países que obtiveram seus documentos de forma ilícita. Nas décadas de 70 e 80, isto foi refletido em políticas do presidente Hafez al Assad, pai do atual presidente, que concebeu o chamado “cinturão árabe”, no norte da Síria. O cinturão foi construído graças a deslegitimação da população curda e culminou na expropriação de suas terras, que seriam depois estatizadas, doadas ou vendidas para árabes, o que muitos consideram um programa de “socialização” semelhante aos kibutz israelenses em detrimento das famílias palestinas desalojadas. Em um relatório de 1996 sobre o silenciamento dos curdos na Síria a Human Rights Watch comenta sobre os privilégios recebidos pelos árabes assentados neste cinturão:

O governo construiu gratuitamente casas para eles, deu-lhes armas, sementes e fertilizantes, criou bancos agrícolas e providenciou empréstimos. De 1973 a 1975, quarenta e uma aldeias foram criadas nesta faixa, começando a 10 quilômetros a oeste de Ras al-'Ayn. A idéia era separar os curdos turcos e sírios, e forçar os curdos da área a mudarem-se para as cidades. Qualquer árabe poderia assentar em Hasakeh, mas nenhum curdo era permitido estabelecer-se ali.³

Nas grandes cidades os curdos deslocados de suas terras teriam de viver em locais já urbanizados por árabes, causando

2 De acordo com a Human Rights Watch.

3 Relatório disponível em: <https://www.hrw.org/reports/1996/Syria.htm>

sua assimilação, um forte paralelo com a situação dos curdos na Turquia. Porém, muitos curdos resistiram e permaneceram, mesmo com a proibição de realizar reformas ou construir. Quando o cinturão não se concretizou plenamente com a expulsão dos curdos, as sanções foram mantidas. Além de terem negadas a sua existência, sua história e língua⁴, a região foi deliberadamente mantida em um estágio industrial primitivo.

Os curdos foram proibidos de construir indústrias e mesmo já em 2008, foi aprovada uma lei proibindo a construção de qualquer edifício de grande porte na região, tendo o governo alegado instabilidade por conta de conflitos na região e por se tratar de uma localidade “remota”. Durante o período dos Assad foi proibido cultivar frutas ou mesmo plantar árvores, criando uma dependência do sul do país. A economia da região foi centralizada na extração de petróleo e na monocultura de trigo. O petróleo extraído em Rojava era refinado em regiões árabes, especialmente em Homs, assim como o trigo só poderia ser processado mais ao sul. A mão-de-obra curda foi assim formada pelo trabalho braçal sem a necessidade de especialização ou ensino, sendo este em árabe e limitado até o ensino médio na região. Aqueles em busca de ascensão social migraram para outras regiões do país em cidades que necessitavam de prestadores de serviços como Damasco ou Aleppo. David Graeber, antropólogo que visitou Rojava expressa esse recorte da seguinte forma:

(...) os habitantes de Rojava tiveram facilitada a questão de classe pois a verdadeira burguesia, porque era majoritariamente uma região agrícola, fugiu com o colapso do regime do partido Baath. Irão ter um problema a longo prazo se não trabalharem seu sistema de ensino para garantir que um estrato desenvolvimentista tecnocrata não tente tomar o poder, mas

4 Com o início da guerra civil, Assad revogou a lei que proibia a utilização da língua curda e prometeu regularizar os documentos da população curda. Para os curdos isso foi uma tentativa desesperada de conquistar apoio na guerra ou evitar uma aliança entre os curdos e os opositores do regime.

*ao mesmo tempo, é compreensível que estejam focando neste momento em questões de gênero.*⁵

A opressão da população curda dentro da Síria, assim como na Turquia, impossibilita a existência deflagrada de uma relação de exploração entre os curdos. Existe sim um senso de dominação colonial que prevalece na Turquia e se dissipou na Síria com a saída das tropas de Assad da região. Na Síria, isso facilita as práticas e adoção de uma política de coletivização dos meios de produção, ao mesmo tempo em que mantém muitas estruturas intactas. Os comerciantes em centros urbanos apoiam a revolução e se sentem seguros em Rojava, e muitos curdos que trabalhavam para o governo ainda recebem salários do Estado, o que acaba ainda sendo um importante fator na economia da região.

Como dito por Graeber, existe a percepção que a luta pela emancipação da mulher substitui na esquerda curda a luta do proletariado internacional, e isso se deve em parte pela fundação teórica do movimento tanto em Öcalan quanto em Bookchin. Para Bookchin o trabalhador deixou de ser uma força revolucionária. Segundo ele a abolição de classes não necessariamente construiria uma sociedade livre. Para ele são a abolição da hierarquia e das relações de dominação que devem ser a base de uma nova sociedade. Assim, a perda de interesse pela luta de classes parece ser uma herança de Bookchin para Öcalan, ou pode ter sido uma das pontes de negação do socialismo real e aproximação entre as visões de uma sociedade futura para ambos.

Porém, ainda que não de forma deflagrada, não existem padrões em Rojava? A coletivização dos meios de produção é de fato o horizonte econômico escolhido? Aqui a questão começa a ficar difusa. Na prática ainda existem empresas privadas tradicionais, e no discurso dos responsáveis em pensar a economia de Rojava discute-se uma economia mista, que envolve cooperativas, empresas privadas e investimento financeiro externo.

5 David Graeber entrevistado por Pinar Öğünç no artigo: *No. This is a Genuine Revolution*, publicado no livro *Stateless Democracy* (pg. 205).

Estamos no risco de analisar um processo em andamento e uma economia que volta-se para a guerra e o sustento de uma população que sofre embargo, deficit tecnológico e todos os problemas decorrentes das restrições produtivas impostas por décadas na região.

Um exemplo é o uso do solo para plantio que foi viciado em fertilizantes, assim como a necessidade de exploração e exportação de petróleo para financiamento local, mas não só, já que o abastecimento do front de guerra contra o ISIS também significa a continuidade da mediação com o dinheiro como fundamental para sobrevivência da experiência curda que aqui estamos tematizando.

Justamente por isso, também ainda precisamos entender o que é uma economia de autodefesa dentro destas condições, o que são elementos de transição e o que é que se projeta para o futuro econômico da região. E isto podemos apenas tentar inferir com base nas ações e nos discursos veiculados por tais sujeitos, mas sem desconsiderar as futuras contradições, uma vez que ao que nos parece, o sistema político e a organização da sociedade estão abertas às decisões.

Os principais elementos da experiência prática radical curda na atual Síria acima levantados como o confederalismo democrático e a população curda como base da transformação social, parecem ser os fundamentos definidores para o que estamos denominando aqui de economia em Rojava. Tais elementos permitem o sistema misto para as empresas produtoras de mercadorias, a saber, a tentativa de coexistência entre cooperativas autogestionadas e empresas privadas no que diz respeito à forma da propriedade na região em questão; assim como uma produção tanto para atender necessidades locais como para exportação, no que diz respeito ao conteúdo e sentido da produção de mercadorias nesta região.

Os dois textos no presente livro traduzidos e publicados (“A economia de Rojava” e “Cooperativas de mulheres em Rojava”) permitem justamente observarmos as características acima apresentadas, proporcionando ao leitor um pequeno quadro da economia em Rojava e possibilitando a reflexão crítica sobre ela. Os textos não pretendem esgotar o tema, primeiro porque a síntese

do processo ainda não ocorreu e as transformações ainda estão em curso e segundo porque representam pontos de vista parciais sobre a experiência que aqui nos interessa.

Apesar de tal parcialidade e incompletude, podemos sugerir que a economia de Rojava se caracteriza por uma economia mista entre a autogestão cooperativada e a existência de empresas privadas, sendo que as populações locais parecem fundamentar o controle das características da produção na estrutura horizontalizada para a decisão de como produzir para satisfazer suas necessidades e interesses, sendo estes a finalidade da produção conforme a concebem.

Em “A economia de Rojava” temos que “A denominada como ‘economia comunitária’ é uma economia cooperativa a serviço da sociedade, havendo cooperativas de todo o tipo: as principais são as agrárias, mas também existem as produtoras de carne, de serviços, os sindicatos e as industriais. Existem também pequenas e médias empresas privadas, pois há um setor privado e iniciativa empresarial, porém, sob a filosofia da ‘propriedade privada a serviço de todos’”.

Tal formulação explícita que as empresas devem atender aos interesses da comunidade estabelecidos horizontalmente, horizontalidade replicada na propriedade da empresa cooperativada que passa a ser uma propriedade coletiva. Nos perguntamos assim acerca da perpetuação, na experiência econômica de Rojava, de estruturas econômicas que também estariam presentes no modo de produção capitalista: a propriedade privada, a existência do dinheiro e do trabalho assalariado e a exploração do trabalho que gera lucros.

Ao observarmos a existência de cooperativas com seus trabalhadores detendo os meios de produção, a fim de produzirem para satisfazerem necessidades conforme parte da economia mista de Rojava parece realizar, poderíamos sugerir que a experiência aqui em questão apresentaria um caminho, não sem contradições, mas determinante em termos de formas de prática críticas ao capitalismo.

O texto “Cooperativas de mulheres em Rojava” explícita ainda mais tal realidade ao retratar diversos casos de empresas cooperativadas no cantão de Cizîrê:

Existem seis cooperativas agrícolas que incluem o cultivo do trigo, vegetais e ingredientes para saladas, uma que produz leite e faz iogurte, uma que vende pão, duas envolvidas em caprinocultura e ovinocultura, duas lojas, uma pequena administrada por quatro mulheres e outra que vende roupas de segunda mão, um restaurante que também fabrica e fornece pão localmente, uma mercearia com 75 acionistas, uma refinaria de petróleo, um pomar e uma cooperativa agrícola mista administrada conjuntamente pelo Tev-Dem e Kongreya Star.⁶

Podemos, porém, por outro lado, destacar práticas complicadas no que diz respeito às próprias cooperativas, sem entrarmos ainda na questão da existência de empresas privadas na economia mista de Rojava. Neste mesmo texto acima citado, encontramos que as cooperativas de mulheres podem “contratar homens como trabalhadores”, reproduzindo o assalariamento como relação social, característica que para nós é base da acumulação capitalista.

Em oposição a essa possível crítica, teríamos que as empresas cooperativadas têm seus tamanhos, seus lucros e os preços dos seus produtos determinados horizontalmente pelas comunas nas quais estão inseridas. Tal formulação, porém, pode ser bastante idealista, já que pressupõe ser possível racionalmente controlar a irracionalidade econômica da empresa capitalista que visa a exploração do trabalho e o lucro e que quando não o alcança vai à falência, deixando de atender aos interesses formulados e estabelecidos pela própria comunidade. Esta contradição entre a persistência da mercadoria força de trabalho que subentende a existência do lucro e o atender pela produção de desejos e necessidades parece ser transversal à economia na experiência revolucionária em Rojava.

Dizemos isso porque investimentos, trabalho assalariado, lucros e orçamento das comunas, assim como novos investimentos externos, financiamento e a composição de um banco do povo

6 Trata-se de artigo traduzido na presente coletânea. Cf. GUPTA, Rahila. “Cooperativas de mulheres em Rojava” p. 172 (N.T.).

são estruturas presentes na economia de Rojava, estruturas essas decididas coletivamente, apesar de serem também base de uma relação de produção capitalista.

Na relação de troca de mercadorias com o exterior ou mesmo entre si, as cooperativas precisam atingir um montante de lucros para continuarem existindo; inclusive para financiarem um fundo comunal, o que se assemelha a um imposto. Para isso precisam alcançar uma certa produtividade, se não, não vendem seus produtos e novamente deixam de produzir e de atender às necessidades formuladas coletivamente pelas comunas.

Uma das críticas à economia mista de Rojava diz respeito, por outro lado, à coexistência de cooperativas e propriedade privada das empresas. Na publicação “Ellos no pueden para la Revuelta”⁷ a principal crítica incide sobre a não tematização da estrutura de classes entre os curdos vivendo na atual Síria e na não superação da propriedade privada como base do modo de produção capitalista, causa da exploração do trabalho como mercadoria.

Tanto a crítica anarquista quanto marxista ao capitalismo buscaram na exploração da mais-valia do trabalhador assalariado (a saber, a diferença entre o que trabalhador recebe como salário do que ele produz em termos de valor ao produzir uma mercadoria) o sentido da desigualdade social sob o capitalismo, aquela que tinha como consequência que os burgueses proprietários dos meios de produção podiam acessar mercadorias com seus lucros provenientes da exploração do trabalho e os trabalhadores não tinham suas necessidades atendidas em razão da exploração de classe.

A publicação acima mencionada insiste, assim, em tematizar que a perpetuação de estruturas de classes significa a perpetuação inclusive do Estado, o qual para arrecadar impostos para satisfazer as necessidades das comunas deve fomentar a acumulação das empresas, inclusive das cooperativadas, o que, com o tempo,

7 Número 3 sobre a experiência crítica de Rojava, disponível em: <https://materialeslaemancipacion.espivblogs.net/2016/07/05/ellos-no-pueden-parar-la-revuelta-3/>

levaria necessariamente à concentração do poder, à reprodução da hierarquia social, dos partidos e da dominação social.

O curto-circuito entre tal crítica e as práticas de economia mista conforme sucintamente apresentamos e que poderão ser melhor apreciadas nos textos aqui publicados, fica relativamente claro. Sinteticamente falando, se, por um lado, parece que o confederalismo democrático seria capaz de definir a superação do capitalismo ao decidir que as empresas (privadas ou autogestionadas) deveriam atender às necessidades das comunidades em Rojava, por outro, a crítica à perpetuação de fundamentos capitalistas explicita uma forma de dominação sob o capitalismo que é estrutural e não depende apenas da tomada de decisão consciente daqueles sociabilizados em suas relações econômicas.

A importância da crítica, aqui, para nós diz respeito à possibilidade de pensarmos os limites das práticas em andamento em Rojava, a fim, inclusive de permitir o avanço no debate de ideias para a destruição do modo de produção capitalista, tanto lá, como aqui, na relação com os leitores interessados no que para nós é necessidade social.

De nossa parte, arriscamos dizer que a prática do confederalismo democrático e da economia mista em Rojava, apesar de prática radical importante para questionar as estruturas de dominação capitalista, necessitariam de uma crítica determinada do modo de produção capitalista.

Se o confederalismo democrático pretende promover a tomada de decisão coletiva e horizontal acerca dos meios para se alcançar a igualdade e a satisfação das necessidades de uma comunidade, ele é meio mas não fim do processo de destruição do capitalismo. O capital, como relação social, não se pauta apenas em uma hierarquização de dominação e violências diretas de uma classe sobre outra, mas também se baseia em estruturas sociais impessoais ocultas, como, por exemplo, a existência da mais-valia entre aparentemente iguais sujeitos da troca: proprietários dos meios de produção (inclusive coletivos como podem ser as cooperativas) e trabalhadores assalariados, como mercado-ria força de trabalho.

Vale explicitar, aqui, que o texto “A economia de Rojava” registra que é possível ser sócio de uma cooperativa investindo capital próprio ou com trabalho próprio. A propriedade coletiva dos meios de produção parece não ser capaz de abolir a propriedade em si e parece manter a divisão entre trabalhadores despossuídos dos meios de produção e trabalhadores, no caso, proprietários dos meios de produção.

Se a tomada de decisão coletiva e horizontal não pautar a necessidade de destruição das estruturas existentes que são base do capitalismo, a desigualdade e a hierarquia podem retornar de uma hora para a outra, inclusive entre os próprios curdos, com o surgimento de classes que os permeie.

De fato, a influência de Bookchin e de seu anarquismo ecológico para a prática crítica em Rojava retiraram a centralidade da necessária transformação da luta de classes para a autonomia da comunidade em definir seu destino e barrar a exploração desenfreada da natureza. Esta, porém, ocorre como consequência da acumulação desenfreada como finalidade do capitalista, que deve explorar trabalho e recursos naturais para acumular e continuar existindo.

A destruição do trabalho assalariado, da mercadoria, do dinheiro, do lucro, do capital financeiro deveria ser a finalidade decidida coletiva e horizontalmente nas comunas locais e empresas autogeridas, sob o risco de, se não o fizerem ou não o alcançarem, reproduzirem da dominação de classes aos partidos políticos e ao Estado, mesmo contra sua própria vontade. Não seriam a coletivização generalizada dos meios de produção, sem passar pela propriedade empresarial, mesmo que por meio de cooperativas; assim como a tentativa de superação da divisão social do trabalho (algo que a crítica do patriarcado já realiza, na prática das mulheres em Rojava), sem que o acesso às coisas ocorra pela mediação da sua produção, troca e consumo, pontos de chegada para autotransformação das contradições enfrentadas pela experiência radical que aqui apresentamos?

Como superar tais estruturas acima caracterizadas quando os curdos em Rojava estão inseridos em uma guerra, necessitando acessar armas e abastecer o *front*, sem acumular nas empresas,

inclusive nas autogeridas, sendo que tal acumulação é fundamental para permitir a continuidade da experiência de revolução social que atualmente vigora em Rojava é o desafio com a qual a crítica tem que se deparar. Por fim, acreditamos que o que chamamos de Revolução em Rojava é um grande processo, não um programa determinado que já em 2012 aboliu a forma Estado-nação e o capital.

Exigir a derrubada imediata de macroestruturas que me-deiam todas as relações, da noite para o dia, em um pequeno bolsão territorial abandonado pela modernidade nos parece uma exigência mesquinha. O que nos parece concreto é o fortalecimento de um processo que já avançou socialmente contra estas estruturas e que no decorrer do embate de suas contradições pode fazer avançar para a construção de uma sociedade que até hoje conhecemos apenas em teoria.

PORTE 4:
PERSPECTIVAS





O que podemos aprender com Rojava

COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À

RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO

O que significa estudar, compreender e apoiar um processo de revolução a milhares de quilômetros de distância? Ou ainda como podemos nos posicionar frente a esta revolução que se encontra em andamento e não acontece livre de contradições, críticas e uma disputa política dentro da esquerda sobre onde deve estar localizado o apoio e a solidariedade ao que acontece na Síria. Para muitos, e nos incluímos neste grupo, a emergência de Rojava reforça junto com a experiência zapatista no México, a existência de possibilidades revolucionárias para além da dominação do capitalismo e do Estado-nação.

O fato destas alternativas autônomas, de autogestão, que questionam os pilares daquilo que nos foi rotulado como “democracia”, partirem de grupos marginalizados e oprimidos, geram perspectivas de luta para regiões como a nossa onde minorias são atacadas de forma sistemática. Em paralelo, é importante nessa abordagem manter um equilíbrio entre apoio e senso crítico, não entender o que acontece em Rojava como um modelo ou idealizar como uma revolução finalizada, e sim como um processo revolucionário em andamento.

Este livro tentou buscar este equilíbrio, trazendo análises estruturais e a voz dos militantes e combatentes, ao mesmo tempo que entendendo as limitações do processo dentro de uma complexa guerra geopolítica. Foi feito um trabalho para compreender as estruturas organizativas, os princípios ideológicos e como esses pilares foram formados ao longo da história de luta de curdos e outros povos da região, necessário para fugir da superficialidade da cobertura jornalística sobre o assunto. Já as análises

críticas buscam aproximar a materialidade desta revolução com as ideologias que servem de base para militantes que aspiram por formas políticas semelhantes, e os desdobramentos e contradições que acontecem neste processo.

Como afirmamos anteriormente é um processo revolucionário em disputa, contido geograficamente por forças reacionárias e pelo jogo de interesses geopolíticos que disputam o petróleo e a influência no Oriente Médio. Dentro desta realidade diversas questões foram levantadas neste livro, e as análises compreendem todo o risco de ter como objeto de estudo uma revolução e uma guerra em andamento. Assim, este livro foi estruturado como um panorama geral do que acontece em Rojava, porém existem ainda uma multiplicidade de assuntos, questões e possibilidades a serem exploradas, assim como confirmadas e negadas pelo tempo e pela vontade dos povos.

Atualmente os povos de Rojava participam de uma coalizão internacional contra o IS, formando as Forças Democráticas Sírias (SDF¹). A SDF vem liberando cidades como Manbij² e vilarejos do Estado Islâmico com o apoio de bombardeios estadunidenses. Por mais que seja uma necessidade imediata a extinção do Estado Islâmico, essa coalizão deixa em aberto qual o futuro papel de potências imperialistas como os Estados Unidos em Rojava e na Síria. Será possível manter uma relação tática em um contexto de guerra sem comprometer seu projeto político? É possível manter uma postura anticapitalista com uma economia mista e sem forçar uma luta de classes? A institucionalização do poder em tempos de guerra não pode vir a configurar uma nova forma estatal?

São estes alguns pontos em aberto cujas respostas não cabem

-
- 1 SDF é a sigla para Syrian Democratic Forces, forma como a coalizão de combatentes curdos, árabes, assírios, armênios, etc são denominados na mídia internacional.
 - 2 Manbij é uma cidade de maioria árabe que foi libertada do Estado Islâmico pela SDF em agosto de 2016. Tropas curdas e de outras etnias deixaram a cidade que desde então é governada por um conselho formado por moradores e protegida por um conselho militar árabe.

apenas à análise fria de quem observa distante. São nas próprias estruturas e princípios autogestionários que depositamos nossa esperança de superação, uma constante dialética que irá definir o rumo de Rojava. Talvez seja esta uma das lições, a construção do poder popular passa pela diversidade e é composto pela diferença, não por idéias totalizantes. Porém, como afirmamos em nossa crítica à economia de Rojava: decisões coletivas não terão necessariamente princípios anticapitalistas, embora acreditemos que o sistema capitalista se opõe aos pilares e desejos que movem a revolução, o combate ao capitalismo deverá ser feito mesmo dentro do isolamento político e econômico da guerra.

No contexto da guerra temos que entender as importância das práticas e da idéia da autodefesa, e como a violência foi democratizada para dissolver o monopólio da mesma quando exercida pelo Estado. Podemos exemplificar esta questão com o sufocamento de estruturas potencialmente revolucionárias entre os rebeldes sírios³, que ao acreditar em um processo pacífico foram massacrados pelo governo ou cooptados e silenciados por forças reacionárias dentro da oposição. Em Rojava, o processo é inverso, a população está criando milícias de autodefesa para dissolver a polícia e o exército, enquanto cria suas próprias instituições populares de justiça. Isto nos parece uma equação muito melhor resolvida do que uma esquerda que rechaça o uso de armas e a violência enquanto pede pela desmilitarização da polícia e um judiciário menos elitista, sem levar em conta uma perspectiva verdadeiramente revolucionária.

De fato, a autodefesa também implica na manutenção de antigas estruturas, como a mencionada aliança com poderes imperialistas, empresas privadas ou o uso de fertilizantes químicos para a segurança alimentar dentro de uma economia de guerra. E aqui contemos nossas expectativas e analisamos, se o sistema

3 Os Local Coordination Committees (LCC) são conselhos populares confederados em zonas dominadas pelos rebeldes. Estruturalmente semelhantes aos conselhos de Rojava, com exceção das políticas de gênero, estes conselhos perderam a hegemonia política com grupos mais conservadores com conexões internacionais e financiamento saudita, por exemplo.

político parte de decisões coletivas, é porque o processo revolucionário não é resolvido desde o primeiro dia, e sim uma constante mudança a partir da base. Para além dos discursos, será nas decisões locais e no fortalecimento dos conselhos que está depositado o futuro da região autônoma. O que se conquistou é radicalmente progressivo comparado às “democracias” ocidentais, mas um processo que segue como a premissa zapatista do “*caminar preguntando*”.

Os avanços sociais são inegáveis, passando pela prática de autogestão e federalismo na forma política ao protagonismo feminino cuja participação militar é apenas o front visível. O espaço estrutural, e não meramente representativo, delas na política atinge a forma patriarcal na qual muitas das opressões regionais são fundamentadas de forma irreversível. Sua autonomia militar, política, jurídica e mesmo nas atuais forças de segurança locais não é como alguns acreditam comparável à simples existência delas nos campos de batalha como nas lutas de libertação nacional análogas a época de fundação do PKK. É importante pontuar que não foi um espaço cedido e sim conquistado com as mulheres “chutando a porta” como elas mesmo colocam. Construíram instituições políticas e militares paralelas e autônomas, não um lugar cedido nas fileiras de instituições constituídas dentro de uma lógica patriarcal.

Das mulheres surge também uma nova ciência, ou não-ciência, visto que problematiza o positivismo e a herança patriarcal carregados nesta prática. A Jinealogia é fundada na visão da mulher sobre a história desse povo, novamente elas estão invertendo a estrutura de um modelo patriarcal desde a base e não incluindo-se em uma estrutura patriarcal. Ainda assim, podemos questionar o quanto da teoria de gênero de Rojava é baseada no binarismo homem-mulher e isso implica e ressoará no futuro quanto à liberdade sexual e à população LGBT⁴.

4 O partido curdo HDP na Turquia possui políticas de inclusão da população LGBT, porém em Rojava parece um assunto com pouca visibilidade e sem um posição definida. O que temos acessos são relatos tanto positivos como negativos em relação ao tratamento da

O confederalismo democrático que nasce como uma teoria de Abdullah Öcalan inspirado no trabalho de Murray Bookchin, se estrutura na Síria em um momento crítico como uma resposta real à dominação capitalista globalizada. Serão os conselhos populares confederados, que valorizam a multiplicidade étnica, religiosa e baseados no protagonismo feminino, o poder popular que assegurará os avanços conquistados e avançará nas pautas e no combate às formas de dominação restantes.

Isso mesmo sem colocar em contraste com as outras posições defendidas entre a esquerda na Síria: aqueles que vêem Assad como uma resistência anti-imperialista ou os que crêem no potencial revolucionário dos ditos “rebeldes”. No primeiro, caso a justificativa para apoiar um regime autoritário nas mãos da mesma família desde 1971, é uma leitura geopolítica que parece desconsiderar a queda do muro de Berlim e a Rússia como uma potência imperialista e capitalista. Um regime baseado na supremacia étnica dos árabes sobre minorias, que ainda assim pagou pela sua impopularidade com a chegada da primavera árabe. Do outro lado a revolta popular em oposição ao regime teve iniciativas semelhantes a Rojava no que diz respeito à autogestão através de conselhos populares. No entanto, seriam ex-generais de Assad, com investimento saudita e da Irmandade Muçulmana, impulsionada pela tomada do poder no Egito, que formariam o poder militar do que ficou conhecido como Exército Livre da Síria (FSA⁵).

O FSA foi prontamente abraçado pelos Estados Unidos através do alinhamento com a política saudita e sua oposição aos interesses da Rússia e do Irã na região. Os “rebeldes” passaram a receber armas e treinamento na Turquia. A artificialidade da liga ideológica que unia este exército foi dissipada e muitos combatentes e armas das potências ocidentais migraram primeiramente para a Frente Al-Nusra em 2013 e mesmo para o Estado Islâmico

questão de forma geral na sociedade.

5 FSA é a sigla para Free Syrian Army, como é conhecido internacionalmente o Exército Livre da Síria.

em 2014. Os focos rebeldes com potencial revolucionário foram exterminados, silenciados ou cooptados por forças reacionárias. A luta entre rebeldes e regime é pelo poder do Estado sírio, a manutenção do Estado e aparentemente mudanças estruturais apenas no que diz respeito ao pagamento das potências que financiaram esta guerra. O que ambos concordam é justamente em condenar a autonomia de Rojava e os povos do norte da Síria quando estes declararam uma federação em fevereiro de 2016.

Da mesma preocupação sofre a Turquia, que divide sua fronteira com regiões controladas politicamente por curdos na Síria e no Iraque. A luta curda dentro do território curdo pode se beneficiar destes avanços. Para além da sistemática repressão dos curdos na Turquia, depois dos sucessos eleitorais do HDP e do estabelecimento da autonomia de Rojava, uma nova fase de hostilidades aos curdos teve início. A captura de Manbij fechou o último corredor de saída do Estado Islâmico para a Turquia, e a tentativa de um golpe militar⁶ contra o presidente Erdogan deu a este plenos poderes e popularidade renovada para tomar medidas drásticas. Com isso a Turquia lançou a Operação Escudo de Eufrates, uma intervenção militar em território sírio com o pretexto de combater o Estado Islâmico. Quando a operação que reúne militares turcos com algumas facções da FSA entrou em Jarabulus, coincidentemente não houve nenhuma resistência por parte do IS, os combatentes já não estavam lá, muito diferente da resistência de 2 meses em Manbij contra a SDF. Logo mostrou-se claro que o propósito da operação era conter os avanços da SDF e impedir que Rojava criasse um corredor entre os cantões de Kobanî e Afrin. Os Estados Unidos prontamente apoiaram a operação turca, iniciando o processo já esperado de enfraquecer a aliança tática com os curdos.

Isto demonstra o que representa o projeto de Rojava, uma ameaça à dominação imperialista e colonial, das grandes potências

6 Não é claro quem organizou a tentativa de golpe de Estado em 15 de julho de 2016, as teorias variam de desafetos políticos de Erdogan, militares secularistas até um auto-golpe para legitimar qualquer medida necessária tomada em nome da defesa do Estado e da “democracia”.

aos poderes regionais. As quatro linhas que dividem o “problema curdo” temem que o que acontece em Rojava se espalhe e uma população que é minoria em cada um destes Estados se coloque sobre o mesmo horizonte revolucionário e quebre estas barreiras construídas no fim da Primeira Guerra Mundial.

Pode nos parecer daqui uma pauta distante, temos povos e etnias oprimidas a cada esquina em nossas próprias cidades, grupos marginalizados de forma sistemática pelo Estado e pelo capital. No entanto não é a opressão que constrói a ponte de apoio internacional aos povos de Rojava, com comitês de solidariedade e apoio espalhados pelo mundo, e sim a construção de um projeto político que nega o derrotismo generalizado pela globalização do capital. Este projeto questiona a própria estrutura do Estado-nação e em seu lugar cria um contrapoder formado pela base de uma população historicamente oprimida. Não só com esperança, mas podemos ver Rojava como um exemplo, de autogestão, de um trabalho de base de mais de quatro décadas, das mudanças sociais durante a revolução e não deixadas para depois como historicamente foram deixadas as mulheres.

Esta experiência é extremamente relevante em nossa atual crise de representação, a ascensão de políticas de austeridade onde já não é possível conciliar avanços sociais com a manutenção da produção e reprodução capitalista. A resposta de uma esquerda baseada na conciliação de classes para participar no jogo eleitoral não oferece mais nenhuma possibilidade. A “democracia” baseada na manutenção de uma classe política está se fragmentando e a interface da população com o Estado parece caminhar na direção da violência e encarceramento, e exceção como regra para conservar sua existência.

Para isso trazemos esta luta, que acontece hoje, que dá possibilidades, que mostra um caminho. O elemento fundador de Rojava não é a crise, como muitos vão afirmar sobre o guerra civil na Síria, e sim a organização da população e um projeto político estruturado para a autogestão. Este projeto que se iniciou na Turquia e agora se concretiza de forma mais plena na Síria. É um processo constante e combativo de luta e de entender a estrutura das opressões, como os curdos identificaram o Estado, o

capital e o patriarcado. Com eles não há liberdade, paz e justiça e neste contexto nada mais justo e revolucionário que o povo tome o poder e decida a política pela qual deseja viver.

Glossário*

Abdullah Öcalan (também conhecido como Apo): Presidente do PKK e um dos seus fundadores. Curdo e nasceu em 4 Abril de 1948. Está preso pelo governo turco desde 1999. Ele é o atual presidente do PKK e seu principal intelectual.

AKP: Sigla para *Adalet ve Kalkınma Partisi* (Partido da Justiça e Desenvolvimento), o partido da Turquia que atualmente está no poder. O AKP é politicamente conservador e caracteriza-se pelo emprego de leis rígidas como censura, prisões e repressões brutais em manifestações contrárias ao regime.

Alawite: Minoria religiosa xiita existente no Líbano, na Turquia e, em maior número, na Síria. O apoio ao regime de Bashar Al-Assad vem em grande parte deste grupo étnico-religioso.

Asayish: Palavra curda que significa “segurança” e o nome das forças de proteção comunitárias que atuam dentro dos cantões de Rojava e também é a principal força policial do KRG.

Bakur: Significa norte em kurmanji, é a região do norte do Curdistão que fica dentro da Turquia.

Başûr: Significa sul em kurmanji, é o sul do Curdistão que fica dentro do Iraque. Normalmente refere-se também a região autônoma do Curdistão Iraquiano.

* Glossário originalmente publicado no artigo *O rio de uma montanha tem muitas curvas: uma introdução à revolução de Rojava* e ampliado na edição brasileira.

BDP: Sigla para *Bariş ve Demokrasi Partisi* (Partido da Paz e da Democracia). BDP é o partido político turco fundado após o Partido da Sociedade Democrática (DTP) ter sido banido pelas cortes turcas por ter ligações com o PKK. Atualmente, o BDP é o partido mais simpático à causa curda e ao PKK na Turquia. Ele está sob investigação das autoridades turcas.

Campanha de Al-Anfal: Genocídio de curdos e outras minorias cometido no Iraque entre 1986 e 1989 pelas forças iraquianas do regime baathista sob controle de Saddam Hussein.

Cantão de Rojava: Qualquer uma das três regiões semi-autônomas no Norte da Síria. No fim de 2012, o KNC e o PYD reivindicaram a República de Rojava livre do controle governamental da Síria. Em 2013, as forças do YPG e do YPJ liberaram nove cidades e diversas vilas no norte da Síria nas quais havia uma população de mais ou menos 3,5 milhões de pessoas.

Confederação de Rojava (ou também República de Rojava): Confederação que atualmente é formada pelos três cantões de Rojava: Cizirê, Kobanî e Efrin.

Curdistão: Região de limites pouco precisos que abrange a Turquia, a Síria, o Iraque e o Irã, composta majoritariamente pelas comunidades curdas. O Curdistão não é reconhecido internacionalmente. O Curdistão do Norte está na Turquia, o Curdistão Oriental está no Iraque e no Irã, e o Curdistão Ocidental está na Síria.

Frente Al-Nusra: Milícia síria relativamente grande que é braço da Al Qaeda, criada em 2012.

FSA: Sigla de “Exército Livre da Síria”, que originalmente chamava-se “Movimento dos Oficiais Livres” (FOM). Foi formado em 2011 por oficiais militares sírios desertores que se recusaram a atacar manifestantes e entraram em “guerra declarada” contra qualquer força armada que participasse da repressão. A liderança da FSA é formada principalmente por

ex-oficiais sunitas. Esse movimento suscitou deserções em massa em vários setores das forças de segurança do governo sírio, incluindo forças militares e policiais, e busca coordenar as várias milícias da Síria. Atualmente a estimativa é de que ela é composta por 40.000 pessoas. Tem alianças tanto com o SNC quanto com a Coalizão Nacional das Forças Revolucionárias e de Oposição da Síria (NCSROF).

HDP: Partido Democrático do Povo, um partido de esquerda pró-curdo da Turquia. Em 2015 conseguiu ultrapassar os 10% de votos necessários para ocupar cadeiras no parlamento turco. Seu foco é na luta pelos direitos de todas minorias étnicas, religiosas e de gênero.

HPG: Sigla curda para *Hêzên Parastina Gel* (Força de Defesa do Povo). O HPG é o nome oficial do braço armado do PKK, mas frequentemente é usado indistintamente como PKK. Em 1992, mudou de nome para Exército de Libertação Nacional Curdo (ARGK), porém ainda é mais frequente o uso do antigo nome HPG ou apenas PKK.

HRK: Sigla curda para *Hêzên Rojhilata Kurdistan* (Forças de Defesa do Curdistão Oriental). HRK é o braço armado do PJAK no Irã. O HRK realizou emboscadas, sabotagens e expropriações contra o Estado Iraniano desde 2005. Algumas milhares de pessoas de ambos os lados morreram desde o início destes conflitos.

Império Otomano: Um império enorme que durou mais de seis séculos e, entre outras regiões, controlou a região natal dos Curdos. O Império desmoronou após ser derrotado na Primeira Guerra Mundial e deu lugar a uma série de Estados, como Iraque, Irã, Síria e Turquia.

ISIS: O Estado Islâmico do Iraque e Síria, também conhecido como Estado Islâmico do Iraque e Al-Sham, Estado Islâmico do Iraque e o Levante, e mais recentemente somente como Estado Islâmico (EI). O Estado Islâmico é um grupo jihadista

de ideologia sunita linha-dura, formado como um ramo radical da Al-Qaeda. São famosos por seus atos de violência, como crucificação e escravidão sexual. O Estado Islâmico controla uma larga faixa de território que abrange a Síria e o Iraque, declarando-se como um califado cuja capital é Ar-Raqqah, na Síria.

Jinealogia: Ciência social das mulheres em Rojava e no Curdistão, trata-se de reapropriar os campos de conhecimento com base na perspectiva da mulher e da destruição do patriarcado.

KADEK: Sigla curda para “Congresso da Democracia e da Liberdade do Curdistão”, nome que o PKK adotou para si mesmo por algum tempo em 2002. É um dos vários nomes que designam o PKK.

KCK: Sigla curda para *Koma Civakên Kurdistan* (Grupo das Comunidades do Curdistão). É uma organização guarda-chuva, criada pelo PKK em 2007 para substituir o KKK (*Koma Komalên Kurdistan*), pondo em prática as ideias do Confederalismo Democrático. É uma organização internacional composta por grupos curdos na Turquia, Síria, Irã, Iraque e regiões da antiga União Soviética. A maioria das atividades do KCK ocorrem no sul da Turquia.

KNC: Sigla do “Congresso Nacional Curdo” na Síria. O KNC é uma coalizão política criada após o início da Guerra Civil da Síria. O KRG apoiou os primeiros encontros do KNC em 2011 para lidar com a guerra civil e suas consequências para os curdos. Desde 2011, o KNC cresceu, incluindo quinze partidos políticos curdos na Síria, entre eles o PYD. O KNC difere do SNC (Congresso Nacional Sírio) porque o KNC defende a descentralização e a autonomia frente a qualquer governo sírio.

KDP: Sigla do “Partido Democrático Curdo”. O KDP é um dos principais partidos políticos do Curdistão Iraquiano e se opõe ao PUK. O KDP foi fundado em 1946 durante o

colapso da República Curda de Mahabad no Irã. No início, e por muitas décadas, funcionou como uma coalizão de grupos comunistas e socialistas. Durante a Guerra Irã-Iraque, se reposicionou como uma coalizão mais nacionalista e populista, com a inclusão de alguns grupos sociais-democratas.

Kongra-Gel: Nome da Assembleia Geral do KCK (e, anteriormente, do KKK). O Kongra-Gel tem cinco subdivisões: ideologia política, serviços sociais, política internacional, militar e divisões das mulheres.

Kongreya Star: Conhecida anteriormente como Yekîtiya Star, é a principal organização de mulheres em Rojava que abarca as comunas femininas, autodefesa e educação para empoderar as mulheres.

KRG: Sigla do “Governo Regional Curdo” do Iraque. O KRG é formado por um parlamento unicameral conhecido como IKP (Parlamento do Curdistão Iraquiano). O KRG tem um presidente e um primeiro-ministro, que compartilham os poderes legislativo e executivo. O Presidente do KRG é o comandante-em-chefe das forças peshmerga. A cidade de Erbil (nome curdo é Hewler) é a capital do KRG. O KRG governa cerca de 8,5 milhões de pessoas localizadas em uma região de aproximadamente 24.000 Km² no norte do Iraque. Enquanto que a criação do KRG veio após anos de lutas sangrentas, com a assinatura de um acordo com o governo iraquiano em 1970, esse acordo não foi posto em prática até o fim da Primeira Guerra do Golfo, em 1992. O KRG foi colocado na nova constituição iraquiana de 2005. Ainda há disputas de fronteiras entre o KRG e o governo iraquiano, especialmente quando o KRG anexou os lucrativos campos de petróleo no sul e no leste de Erbil.

KWU: Sigla da “União das Mulheres Curdas”. O KWU é parte do KDP e foi fundado em 1952. Tem um enorme influência no KDP, especialmente sobre os serviços sociais e a economia.

MIT: Sigla turca para *Millî İstihbarat Teşkilatı* (Organização Nacional de Inteligência). O MIT foi fundado em 1965. Essa organização governamental é a maior responsável por coordenar a repressão aos curdos na Turquia hoje em dia. Para efeitos de comparação, é o equivalente a uma combinação de FBI com CIA. O PKK e outras organizações curdas que apoiam os direitos curdos e sua auto determinação, são reprimidos, perseguidos, presos e mortos pelo MIT.

NCSROF: Sigla da “Coalizão Nacional das Forças Revolucionárias e de Oposição da Síria”. O NCSROF foi criado em 2012 para articular grupos rebeldes em uma coalizão que reunisse a grupos e partidos da oposição política ao regime sírio. O SNC é o principal grupo da coalizão, agrupando 22 dos seus 63 membros. Seu objetivo é criar um governo interino, uma comissão da verdade e da reconciliação para analisar os crimes de guerra, ser a “voz da oposição do regime de Assad” para o resto do mundo. Eles também ajudaram a unificar e ampliar o Exército Livre Sírio (FSA).

Newroz: Dia de Ano Novo, o mais importante feriado dos curdos. Nesse festival de meados de Março, frequentemente ocorrem manifestações contra a repressão curda.

Partido Ba'ath: O baathismo é um movimento nacionalista pan-árabe que alcançou o poder tanto no Iraque quanto na síria sob diferentes facções. Laico e que se autoidentifica de esquerda, mas na realidade é extremamente autoritário e militarista, o partido Ba'ath é talvez mais conhecido como o partido político de Saddam Hussein.

Persa: Palavra que significa tanto um povo quanto um idioma. Os persas são um povo não-árabe (assim como os curdos) que estão majoritariamente localizados hoje em dia no Irã. Línguas e subgrupos persas podem ser encontrados em muitos países, como no Irã, Afeganistão, Turquia, Tadjiquistão, Omã, Kuwait, Azerbaijão e Uzbequistão.

Peshmerga: Palavra curda que traduzindo grosseiramente significa “aqueles que enfrentam a morte”. Peshmerga é o nome dos movimentos armados curdos desde 1921. Hoje, peshmerga é o nome oficial das forças armadas do KRG. Atualmente é formado por mais de 100.000 homens e mulheres no Iraque (dentro dos quais cerca de 35.000 compõem as Forças Armadas Nacionais Iraquianas).

PJAK: Sigla curda para *Partiya Jiyana Azad a Kurdistanê* (Partido da Vida Livre do Curdistão). PJAK é a maior organização política curda no Irã, fundada em 2004. É extremamente próxima do PKK. Há uma estreita coordenação e compartilhamento de recursos entre o PKK e o PJAK. O PJAK é membro da KCK.

PKK: Sigla curda para *Partiya Karkerên Kurdistanî* (Partido dos Trabalhadores do Curdistão), organização curda internacional.

PUK: Sigla da “União Patriótica do Curdistão”. O PUK é um dos principais partidos políticos no Curdistão Iraquiano e foi fundado em 1975. O atual presidente do KRG, Fuad Massum, é membro do PUK. O PUK é uma coalizão política de cunho socialista moderada formada por cinco pequenas organizações de esquerda.

PYD: Sigla curda para *Partiya Yekîtiya Demokrat* (Partido da União Democrática). O PYD é um partido político sírio fundado em 2003, afiliado do PKK e membro do KCK.

Recep Tayyip Erdoğan: Atual presidente da Turquia e fundador do Partido da Justiça e Desenvolvimento. Foi eleito presidente em 2014, após ser primeiro-ministro de 2003 até 2014.

República de Mahabad: A República de Mahabad (também conhecida como República do Curdistão) foi um Estado curdo independente situado no norte do Iraque de curta duração, entre 1946 e 1947. Sua criação foi apoiada pela União Soviética e foi reprimida pelo governo iraniano, após a União Soviética deixar de apoiá-la.

Rojava: Significa oeste em kurmanji, é o oeste do Curdistão que fica dentro da Síria. Também o nome comum dada a região autônoma no norte da Síria.

Rojhilat: Significa leste em kurmanji, é a região leste do Curdistão que fica dentro do Irã.

Salafista: Membro da corrente conservadora da religião sunita que procura imitar os primeiros muçulmanos. Muitas vezes associada à jihad.

SNC: Sigla do “Congresso Nacional Sírio”, fundado em Istanbul em 2011. O SNC procura ser uma coalizão de grupos, organizações e partidos políticos de oposição na Síria. A maioria dos seus membros fundadores são da Irmandade Muçulmana que estão no exílio. O único partido curdo, pequeno e no exílio, (Movimento do Futuro Curdo, que se dividiu entre duas facções) se juntou ao SNC. O SNC entrou para a Coalizão Nacional das Forças Revolucionárias e de Oposição da Síria (NCSROF) em 2012.

Sunita: Seita majoritária do Islã. Os sunitas seguem os ensinamentos dos quatro primeiros Califas após o profeta Maomé.

TEV-DEM: Abreviação de *Tevgera Civaka Demokratîk* (Movimento para uma Sociedade Democrática). O TEV-DEM é uma coalizão política da região de Rojava dentro da Síria. Em 2011, após massivos protestos contra o regime sírio, grupos e assembleias foram formadas para apoiar o PYD e o PKK. Essa coalização de grupos criou o TEV-DEM no final de 2011. O TEV-DEM busca também reunir outros grupos que moram na região além dos curdos e tem tido sucesso com a participação ativa de árabes, cristãos, yezedis, assírios e turcomanos nos conselhos do TEV-DEM.

Xiita: Uma seita minoritária do Islã. Os xiitas (também conhecidos como shias) creem que Ali, o genro e primo de Maomé, e seus descendentes (os Imames) são livres do pecado humano.

Yekîtiya Star: antiga nomenclatura da organização das mulheres de Rojava. Posteriormente, alterou seu nome para Kongreya Star.

Yezedi: Minoria religiosa curda monoteísta, a qual o ISIS deseja exterminar completamente. Há yezedis tanto na Síria quanto no Iraque.

YPG: Sigla curda para *Yekîneyên Parastina Gel* (Unidades Populares de Proteção). O YPG foi fundado em 2004 pelo PYD mas não esteve ativo até 2012. O YPG é uma milícia formada por homens e mulheres e é a principal força militar em Rojava. Há aproximadamente entre 45 e 50 mil pessoas lutando no YPG.

YPJ: Sigla curda para *Yekîneyên Parastina Jinê* (Unidades Femininas de Proteção). A ideia de se criar o YPJ surgiu em 2006, mas o YPJ não esteve ativo até 2012. É uma milícia formada inteiramente por mulheres (cerca de 10.000) que, junto com o YPG, tornou-se a principal força de combate do Curdistão.

Referências

FONTES DOS TEXTOS ORIGINAIS

O rio de uma montanha tem muitas curvas: uma introdução à revolução de Rojava - *Strangers in a Tangled Wilderness*

Este artigo foi originalmente publicado como um zine em 2015. Segundo o coletivo estadunidense *Strangers in a Tangled Wilderness*, é a introdução do livro *A Small Key Can Open A Large Door* (“Uma pequena chave pode abrir uma grande porta”), publicado em março daquele ano, e que contém ainda outros artigos, entrevistas e declarações públicas em primeira mão. O livro está disponível em Combustion Books (www.combustionbooks.org), é distribuído pela AK Press (www.akpress.org).

Um breve história das lutas curdas - *Eliza Egret e Tom Anderson*

Este é um capítulo do livro *Struggles for Autonomy in Kurdistan & Corporate Complicity in the Repression of Social Movements in Rojava & Bakur*, escrito por Eliza Egret e Tom Anderson e lançado em maio de 2016. Disponível em: <https://corporatewatch.org/publications/2016/new-book-struggles-autonomy-kurdistan>

Criminalizando nosso povo: os impactos sociais do banimento do PKK - *Dilar Dirik*

Artigo publicado em 20 de Novembro de 2015 no site da TeleSur. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/english/opinion/Criminalizing-Our-People-Social-Impacts-of-the-PKK-Ban--20151120-0014.html>

Autodefesa como prática revolucionária em Rojava, ou como desfazer o Estado - *Nazan Üstündağ*

Artigo extraído de *The South Atlantic Quarterly*, 115(1), jan/2016. pp. 197-210.

Consenso é a Chave: O Novo Sistema de Justiça de Rojava - Ercan Ayboğ

Artigo publicado em alemão no *Kurdistan Report* em outubro de 2014. Traduzido por Janet Biehl e publicado em inglês no site New Compass. Disponível em: <http://new-compass.net/articles/consensus-key-new-justice-system-rojava>.

O Sistema Educativo em Rojava - *Uma entrevista com Dorşin Akif – por Derya Aydın*

Essa entrevista foi realizada em 2013 por Derya Aydın para o KurdishQuestion.com e traduzida para o português e publicada originalmente na Revista da Biblioteca Terra Livre, número 3 (1º semestre de 2015). Disponível em: <https://revistabl.noblogs.org/files/2015/09/48-53-rojava.pdf>.

A economia de Rojava - *Juan Jesús Duque Romero*

Texto publicado em 30 de março de 2016, em espanhol, no KurdisCat. Disponível em: <http://kurdiscat.blogspot.com.br/2016/03/la-economia-de-rojava.html>

Cooperativas de mulheres em Rojava - *Rahila Gupta*

Publicado originalmente em língua inglesa em 20/04/2016. Disponível em: <https://cooperativeconomy.info/economy-rojava/womens-co-operatives-in-rojava>.

Glossário - *Strangers in a Tangled Wilderness*

Publicado originalmente no zine do artigo *O rio de uma montanha tem muitas curvas: uma introdução à revolução de Rojava*, primeiro capítulo da presente coletânea.

BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, Giorgio. **Profanations**. New York: Zone Books, 2007.
- BAHER, Zاهر. **The experiment of West Kurdistan (Syrian Kurdistan) has proved that people can make changes**. 2014. Disponível em: <http://www.anarkismo.net/article/27301>
- BEDR-KHAN, Sureya. *La femme Kurde et son rôle social*. XVI^o **Congrès International d'Anthropologie**. Bruxelles: 1935.
- BENJAMIN, Walter. *Critique of Violence*. In **Reflections: Essays, Aphorisms, Autobiographical Writings**, edited by Peter Demetz, 277–300. New York: Schocken, 1986.
- BOOKCHIN, Murray. **The Ecology of Freedom: The Emergence and Dissolution of Hierarchy**. Palo Alto: Cheshire Books, 1982.
- ÇAĞLAYAN, Handan. *From Kawa the Blacksmith to Ishtar the Goddess: Gender Constructions in Ideological-Political Discourses of the Kurdish Movement in post-1980 Turkey*, **European Journal of Turkish Studies** [Online], 14 | 2012, Online since 18 January 2013, Connection on 28 June 2016. URL : <http://ejts.revues.org/4657>
- CAMPBELL, Beatrix. **Who are they, these revolutionary Rojava women?** Publicado em: OpenDemocracy, 12/07/2016. Disponível em: www.opendemocracy.net/5050/beatrix-campbell/who-are-they-these-revolutionary-Rojava-women
- CANSIZ, Sakine. **The foundation of the PKK in the words of Sakine Cansiz**. Publicado em: *The Kurdish Question Info*. Disponível em: <http://kurdishquestion.com/oldsite/index.php/kurdistan/north-kurdistan/the-foundation-of-the-pkk-in-the-words-of-sakine-cansiz/493-the-foundation-of-the-pkk-in-the-words-of-sakine-cansiz.html>
- CLASTRES, Pierre. **Society against the State: Essays in Political Anthropology**. New York: Zone Books, 1989.
- COLLECTIF SOLIDARITÉ FEMINISTE KOBANÊ. **Messages De Femmes À La Frontière Du Rojava: Resistance Et Solidarité**. Paris: março 2015. Disponível em: <http://solidaritefemmeskobane.org/fr/node/8>

- COMITÊ DE MULHERES. *Resistência é Vida. Mulher, Vida, Liberdade!* Tradução: Florencia Guarch. Editora Deriva, 2015.
- DICLE, Amed. *Rojava's Political Structure. Jadaliyya*, September 23, 2013. www.jadaliyya.com/pages/index/14272/rojavas-political-structure.
- DIRIK, Dilar. **Western fascination with 'badass' Kurdish women – The media frenzy over the women fighting ISIL is bizarre, myopic, orientalist and cheapens an import.** Publicado em: Opinion, Al Jazeera, 29 de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/10/western-fascination-with-badas-2014102112410527736.html>
- EDITORIAL DESCONTROL. **La Revolución Ignorada.** Barcelona: Descontrol, 2015.
- EGRET, Eliza; ANDERSON, Tom. **Struggles for Autonomy in Kurdistan.** Londres: Corporate Watch, 2016.
- GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. *Spatializing States: Toward an Ethnography of Neoliberal Governmentality. American Ethnologist*, 29, no. 4, 2002: 981–1002.
- GUPTA, Rahila. **Witnessing the Revolution in Rojava.** Publicado em: OpenDemocracy, abril a junho 2016. Disponível em: <https://opendemocracy.net/5050/revolution-in-rojava>
- HANSEN, Henny Harald. *The Kurdish Women's Life.* In: **Nationalmuseets Skrifter Etnografisk Række**, VII. København: 1961.
- IN DER MAUR, Renée e Jonas Staal (org.). **Stateless Democracy.** Utrecht: bak, 2015.
- INTERNATIONAL FREE WOMEN'S FOUNDATION. **Psychological Consequences of Trauma Experiences on the Development of Kurdish Migrant Women in the European Union – Final Results and Background of a Survey in Five European Countries and Turkey.** Rotterdam: Utrecht University, 2007.
- ÖCALAN, Abdullah. **Liberating Life: Woman's Revolution.** International Initiative Edition in cooperation with Mesopotamian Publishers, Neuss, 2013. Disponível em: <http://www.freeocalan.org/wp-content/uploads/2014/06/liberating-Lifefinal.pdf>

- ÖCALAN, Abdullah. **Özgürlük Sosyolojisi (Sociology of Freedom)**. İstanbul: Aram Yayınları, 2009.
- ÖCALAN, Abdullah. **Democratic Confederalism**. Colônia: International Initiative, 2011.
- ÖCALAN, Abdullah. **Kürt Sorunu ve Demokratik Ulus Çözümü (The Kurdish Question and the Democratic Nation Solution)**. Neuss: Mezopotamya Yayınları, 2012.
- ÖCALAN, Abdullah. **Liberating Life: Woman's Revolution**. Colônia: International Initiative, 2013.
- OMRANI, Zanyar. **Introduction to the Political and Social Structures of Democratic Autonomy in Rojava**, 2015. Disponível em: <http://www.kurdishquestion.com/>
- SHARMA, Aradhana; GUPTA, Akhil. *Introduction*. In **The Anthropology of the State: A Reader**, edited by Aradhana Sharma and Akhil Gupta, 1–41. Oxford: Wiley-Blackwell, 2006.
- TATORT Kurdistan. **Democratic Autonomy in Rojava**, 2014. Disponível em: <http://new-compass.net/articles/revolution-rojava>
- TAUSSIG, Michael. **The Magic of the State**. New York: Routledge, 1997.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. **Global Transformations: Anthropology and the Modern World**. New York: Palgrave MacMillan, 2003.
- ÜSTÜNDAĞ, Nazan. **Belonging to the Modern: Women's Suffering and Subjectivities in Urban Turkey**. PhD diss., Indiana University, 2005.
- ÜSTÜNDAĞ, Nazan. *A Travel Guide to Northern Kurdistan*. In **Anywhere but Now: Landscapes of Belonging in the Eastern Mediterranean**, edited by Samar Kanafani, et al., 93–114. Berlin: Heinrich Böll Foundation, 2012.
- ÜSTÜNDAĞ, Nazan. *Self-Defense as a Revolutionary Practice in Rojava, or How to Unmake the State*. **The South Atlantic Quarterly**, 115:1, Janeiro de 2016. Durham: Duke University Press, 2016.
- YÜCEL, Müslüm. **Abdullah Öcalan: Amara'dan İmralı'ya**. İstanbul: Alfa Yayıncılık, 2014.

Catálogo

. b i b l i o t e c a .

TERRA LIVRE

A QUESTÃO FEMININA EM NOSSOS MEIOS

Lucía Sánchez Saornil

Lucía ciente de que a “questão feminina” não poderia ser reduzida à “questão social”, foi uma das iniciadoras de Mujeres Libres, organização que chegou a mobilizar mais de vinte mil mulheres trabalhadoras na “dupla luta” pela emancipação de classe e de gênero durante a guerra e a revolução espanhola. O livro compila uma série de artigos da autora em plena eclosão da Revolução Espanhola.

A TRAGÉDIA DA ESPANHA: notas sobre a guerra civil

Rudolf Rocker

A Tragédia da Espanha, de Rudolf Rocker, livro escrito no desenrolar dos eventos, descreve o importante papel do anarquismo durante a Guerra Civil Espanhola e mostra como o jogo de interesses e disputas entre as grandes potências mundais minou as conquistas de um povo. Mas mais do que um simples relato de um estado de coisas, a obra permanece atual unindo a análise rigorosa ao posicionamento declarado em favor dos oprimidos que deram suas vidas em prol de mundo novo.

A COLMEIA: uma experiência pedagógica

Sébastien Faure

A Colmeia foi uma experiência pedagógica em meio à natureza, com locais coletivos, jardins, pomares e oficinas (tipografia, encadernação, marcenaria) onde se desenvolveu uma comunidade baseada no comunismo libertário. A experiência de mais de uma década de duração foi amplamente documentada por seu idealizador Sébastien Faure neste livro.

A ESCOLA MODERNA

Francisco Ferrer y Guardia

A escola de Ferrer, fundada em 1901, inaugurou novos horizontes para a prática pedagógica, construindo uma educação para a liberdade, a escola inovou ao incorporar em sua prática as saídas de campo, a coeducação dos sexos, a abolição de notas - prêmios e castigos - e uma série de outras atividades que seguem ainda hoje insusceptíveis de serem aplicadas a escola. Ferrer apresenta neste livro como ocorreu o processo de constituição e organização da escola.

ANARQUISTAS NO SINDICATO

Um debate entre Neno Vasco e João Crispim

Coletânea de artigos publicados por Neno Vasco e João Crispim nas páginas do jornal A Voz do Trabalhador, no ano de 1913, em que debatem sobre as táticas e práticas de organização dos sindicatos pelo viés anarquista.

Outros títulos disponíveis em: bibliotecaterralivre.noblogs.org

SOLIDARIEDADE À
**RESISTÊNCIA
CURDA**
COMITÉ | SÃO PAULO

A REVOLUÇÃO IGNORADA:

liberação da mulher, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio
Dilar Dirik, Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo

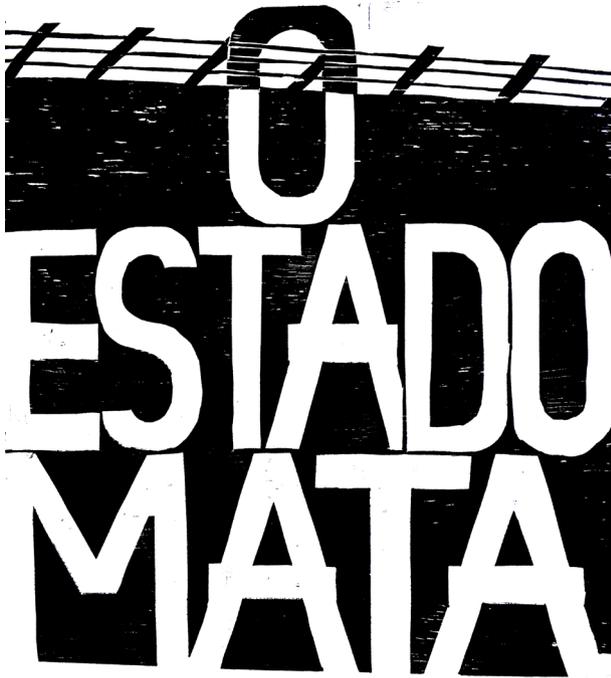
Depois da ascensão do Estado Islâmico, o mundo se deu conta que havia mulheres lutando no Curdistão. Muitas pessoas que desconheciam o que se passava nessa região se surpreenderam com o fato das mulheres curdas, numa sociedade vista como conservadora e dominada pelo machismo, estarem derrotando a impiedosa milícia fundamentalista.

A MENSAGEM DE MULHERES NAS FRONTEIRAS DE ROJAVA:

Resistência e Liberdade
Solidarité Femmes Kobanê

A tradução do texto do coletivo francês de solidariedade feminista à Kobanê foi publicado em formato de zine, buscando dar visibilidade as discussões de mulheres de diferentes organizações que participam do movimento emancipatório e revolucionário em curso em Rojava.

Outros materiais disponíveis em: solidariedadecurdasp.milhanal.org



O ESTADO MATA

Esta obra foi composta nas fontes *Adobe Garamond Pro* e *Papyrus* e impressa na gráfica **Expressão & Arte**,
papel Pólen soft (miolo) e Supremo (capa),
em Dezembro de 2016.